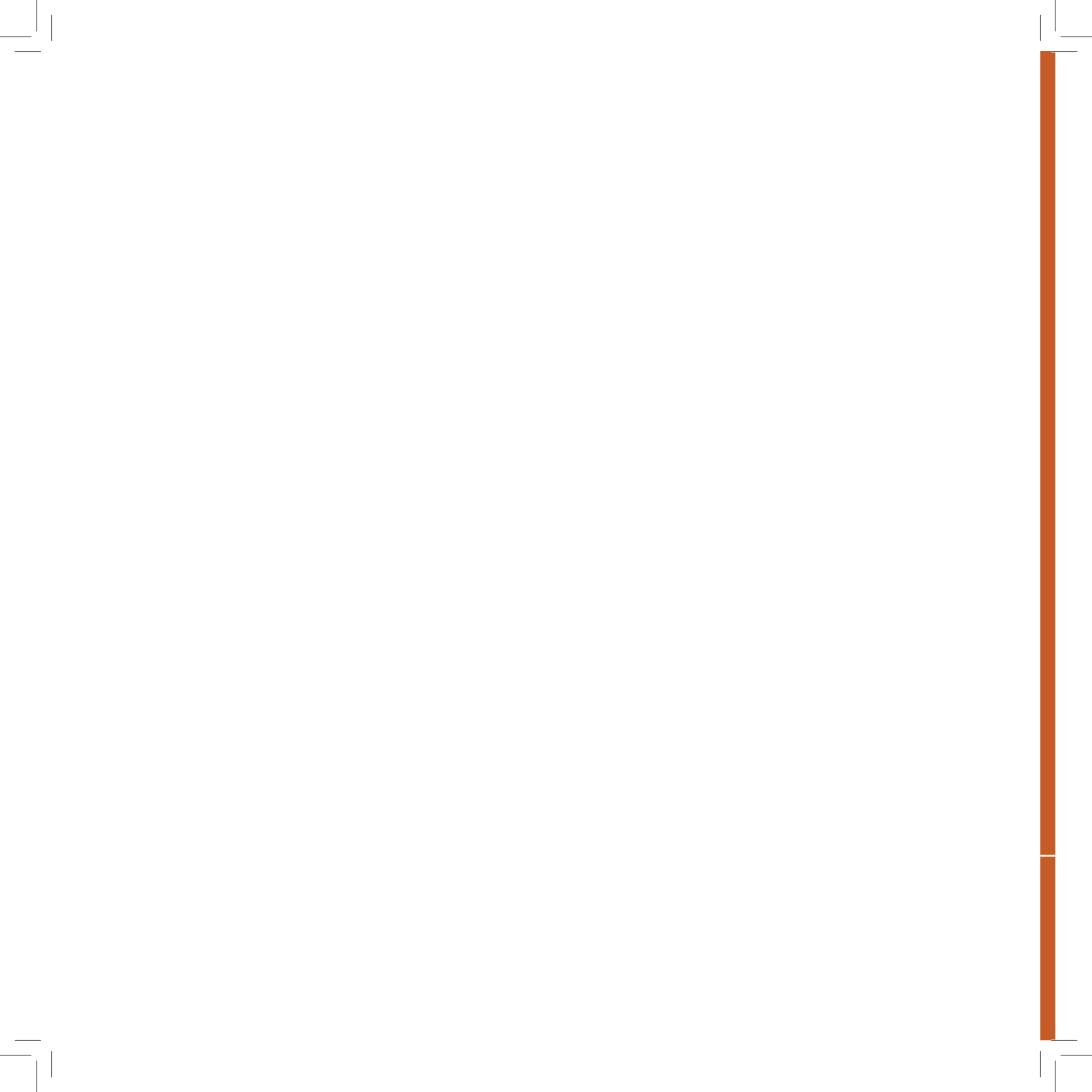




Avifauna da
Quinta de São Francisco



Avifauna da Quinta de São Francisco



Nota técnica

Título – Avifauna da Quinta de São Francisco

Autor – João Ezequiel e Milene Matos

Fotografias – Luís Mota, João Ezequiel, Paulo Oliveira e Direção de Comunicação e Marca (DCM) da The Navigator Company

Revisão – Luís Mota, Ana Lourenço, Diana Santos

Foto de capa – João Ezequiel

Foto de contracapa – Júlia Vigo

Editor – RAIZ – Instituto de Investigação da Floresta e Papel, através do projeto Floresta do Saber, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, Programa Desenvolvimento Sustentável

Arranjo gráfico e impressão – Mustard

ISBN – 978-989-35326-1-4

Tiragem – 1000 exemplares

Floresta do Saber

Quinta de S. Francisco, Rua José Estevão (EN 230-1),
3800-783 Eixo, Aveiro, Portugal

Telefone: +351 234 920 130 / 935 875 676

E-mail: visitas.raiz@thenavigatorcompany.com

Webpage: <https://florestadosaber.pt/wp/>

“A beleza, o conforto e a protecção do arvoredo de qualquer espécie serão eternamente um regalo dos sentidos incomparavel e um mysterioso mas efficaz elixir de paz de espirito.”

Jaime de Magalhães Lima, 1920
Escritor, pensador e político aveirense, e criador da Quinta de São Francisco



Antiga Casa de Jaime de Magalhães Lima, onde reside atualmente o projeto Floresta do Saber.

Prefácio

O RAIZ, centro de investigação e desenvolvimento, focado na bioeconomia de base florestal, tem o seu principal polo localizado na Quinta de São Francisco. Esta Quinta, antiga residência do ilustre aveirense Jaime de Magalhães Lima (1859-1936), possui um dos maiores arboretos de eucaliptos da Europa e as maiores árvores de Aveiro. É uma montra de biodiversidade, não só pelo evidente coberto vegetal, possuindo hoje quase 500 espécies de flora nativas e exóticas, mas também pelas espécies animais que o povoam, onde cada árvore centenária proporciona *habitat* e inúmeros nichos ecológicos.

É um prazer trabalhar em pleno meio florestal tão biodiverso. Do meu gabinete tenho o privilégio de poder observar grande parte do vale da Quinta de São Francisco. Ao abrir a janela de manhã, por entre o orvalho e a luz dourada do nascer do dia, é fácil ver e ouvir muitas das aves que habitam neste local e que se aproximam dos edifícios, motivantes e inspiradoras para bom dia de trabalho. O grande número de espécies que aqui pode ser observado é um testemunho do equilíbrio deste ecossistema florestal e da necessidade, e obrigação que temos de preservar este belo legado que herdámos de Jaime de Magalhães Lima.

A observação das aves presentes na Quinta é mais do que um passatempo, é um exercício que conjuga ciência e humildade perante a complexidade da natureza, contribuindo para a educação científica dos mais jovens. Por vezes somos surpreendidos por padrões de cor de rara beleza, comportamentos exóticos, cantos e chamamentos tão harmoniosos e orquestrados, que nunca observámos ou ouvimos antes. É por isso que este tipo de publicação, que surge no âmbito do Projeto Educacional Floresta do Saber, do RAIZ, é simultaneamente um retrato e um convite: retrato de um tempo, de um espaço e do que nele habita, mas também um convite para a observação da natureza, neste caso as aves, que nos rodeiam.

Veja o retrato e aceite o convite, e venha ser surpreendido pelo voo silencioso de uma águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) ou açor (*Accipiter gentilis*) entre os eucaliptos e carvalhos, ou pela nota cristalina de um pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) escondido por entre os arbustos, e talvez descubra também que, mais do que ver aves, está a descobrir apenas uma das faces da biodiversidade deste local.

Boa leitura! E, acima de tudo, boas observações!



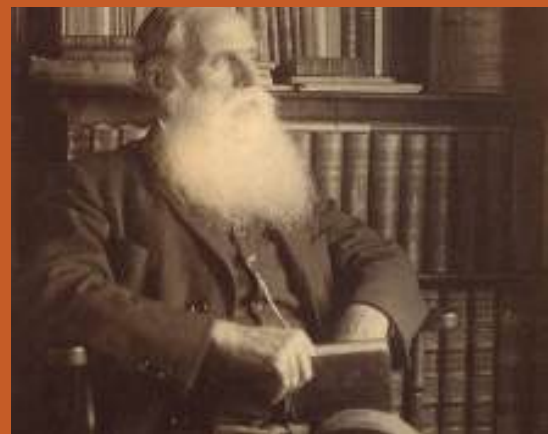
Aveiro, 19 de setembro de 2025

Carlos de Pascoal Neto | Diretor Geral do RAIZ

Índice

Nota técnica	2
Prefácio	5
Índice	6
Introdução	9
Mapa da Quinta de São Francisco	15
Organização da estrutura do livro	17
Descrição das Aves da Quinta de São Francisco	19
<hr/>	
<i>Accipiter gentilis</i>	21
<i>Accipiter nisus</i>	23
<i>Buteo buteo</i>	25
<i>Circaetus gallicus</i>	27
<i>Hieraaetus pennatus</i>	29
<i>Milvus migrans</i>	31
<i>Anas platyrhynchos</i>	33
<i>Apus apus</i>	35
<i>Apus pallidus</i>	37
<i>Upupa epops</i>	39
<i>Caprimulgus europaeus</i>	41
<i>Chroicocephalus ridibundus</i>	43
<i>Larus fuscus</i>	45
<i>Larus michahellis</i>	47
<i>Ciconia ciconia</i>	49
<i>Columba livia</i>	51
<i>Columba oenas</i>	53
<i>Columba palumbus</i>	55
<i>Streptopelia decaocto</i>	57
<i>Streptopelia turtur</i>	59
<i>Alcedo atthis</i>	61
<i>Cuculus canorus</i>	63
<i>Falco peregrinus</i>	65
<i>Falco tinnunculus</i>	67
<i>Alectoris rufa</i>	69
<i>Hippolais polyglotta</i>	71
<i>Aegithalos caudatus</i>	73
<i>Certhia brachydactyla</i>	75
<i>Cisticola juncidis</i>	77
<i>Corvus corone</i>	79
<i>Garrulus glandarius</i>	81

<i>Pica pica</i>	83
<i>Carduelis carduelis</i>	85
<i>Chloris chloris</i>	87
<i>Fringilla coelebs</i>	89
<i>Serinus serinus</i>	91
<i>Spinus spinus</i>	93
<i>Cecropis rufula</i>	95
<i>Delichon urbicum</i>	97
<i>Hirundo rustica</i>	99
<i>Ptyonoprogne rupestris</i>	101
<i>Riparia riparia</i>	103
<i>Anthus pratensis</i>	105
<i>Motacilla alba</i>	107
<i>Motacilla cinerea</i>	109
<i>Erithacus rubecula</i>	111
<i>Ficedula hypoleuca</i>	113
<i>Phoenicurus ochruros</i>	115
<i>Saxicola rubicola</i>	117
<i>Cyanistes caeruleus</i>	119
<i>Lophophanes cristatus</i>	121
<i>Parus major</i>	123
<i>Periparus ater</i>	125
<i>Passer domesticus</i>	127
<i>Phylloscopus collybita</i>	129
<i>Phylloscopus ibericus</i>	131
<i>Phylloscopus trochilus</i>	133
<i>Regulus ignicapilla</i>	135
<i>Sturnus unicolor</i>	137
<i>Sturnus vulgaris</i>	139
<i>Curruca melanocephala</i>	141
<i>Sylvia atricapilla</i>	143
<i>Troglodytes troglodytes</i>	145
<i>Turdus merula</i>	147
<i>Turdus philomelos</i>	149
<i>Dendrocopus major</i>	151
<i>Picus sharpei</i>	153
<i>Strix aluco</i>	155
<i>Tyto alba</i>	157
<i>Phalacrocorax carbo</i>	159
<i>Bibliografia</i>	161



Vista aérea da Quinta de São Francisco no sentido norte-sul; Capela dedicada a São Francisco de Assis e antiga casa de Jaime de Magalhães Lima, local onde agora reside a Floresta do Saber; Jaime de Magalhães Lima no seu escritório.

As Aves da Quinta de São Francisco

Introdução

As aves fascinam o Homem desde sempre. A nossa relação com estes seres alados não é comparável com a que mantemos com qualquer outro grupo de animais e, desde o início da humanidade, vem sendo enriquecida pela mitologia, por inúmeros simbolismos, pela arte e pela ciência. As aves dominam a nossa imaginação, por serem criaturas admiráveis, pela sua versatilidade e diversidade, pela beleza das suas plumagens e o deslumbramento que nos causam os seus cantos.

Desaparecem, quando migram para outras regiões, para aparecerem de novo, uma e outra vez, no início de nova época, envoltas em mistério.

Hoje, mais do que nunca, num período de incessante crescimento populacional, industrialização, perturbação e profunda alteração das paisagens e ambientes naturais, as aves desempenham um importante papel para o Homem, não só como intervenientes nos processos ecológicos, mas também como elos de ligação à natureza, veículos de educação e sensibilização ambiental por excelência.

A Ornitologia e a importância dos estudos de aves

Ornitologia consiste no estudo científico das aves. Os ornitólogos estudam todos os aspetos que estejam relacionados com a vida das aves: evolução, características, comportamento, ecologia, genética, etc. É uma das poucas áreas da ciência para a qual os amadores e curiosos podem contribuir muito substancialmente, com relatórios das suas observações e estudos pessoais.

O simples prazer de conhecer e observar aves tem levado cada vez mais pessoas para o campo, carregando guias e binóculos, tendo-se fomentado, por essa via, o respeito e o contacto com a natureza e com este grupo de animais em particular.

Para além dos estudos justificados pelo valor intrínseco deste grupo animal e pelas importantes funções que desempenham no equilíbrio ecológico, é também cada vez maior o número de trabalhos, de índole variada, que têm por base a biologia das aves. De facto, as aves são um grupo cujo estudo se apresenta, essencialmente e de forma genérica, relativamente fácil, na medida em que a maioria das espécies tem hábitos diurnos e é facilmente observável e identificável.

Como ciência, a Ornitologia já tem uma longa história e continua em franco desenvolvimento, graças a novas metodologias e à inovação tecnológica. As aves são também bons indicadores de qualidade ambiental, sendo que alterações na sua abundância ou distribuição podem indicar perturbações diversas na qualidade das áreas onde vivem.

O conhecimento da avifauna de determinado local ou região reveste-se de grande importância, em contextos necessariamente diversificados: desde as emoções espoletadas pela contemplação às mais prementes evidências científicas.

A publicação de obras, como esta, que listam o elenco faunístico conhecido em determinado momento, lava a memória científica desse tempo e consubstancia uma partilha que, no futuro, permitirá relevantes comparações e o desenho de reflexões, como veremos.

Como observar e identificar aves

De um modo geral, podem observar-se aves em praticamente todos os locais, desde o campo à cidade, na praia, na montanha ou no deserto. Contudo, é aconselhável dispor de algum material que facilite a sua observação e identificação.

Os binóculos constituem instrumentos óticos indispensáveis, existindo vários modelos e marcas disponíveis no mercado. São aconselhados, para uso genérico, os que possuem uma ampliação entre 8x e 10x e objetivas de diâmetro entre 30 e 50 mm.

Embora não seja essencial, um telescópio é também um bom auxiliar, ao permitir observar pormenores difíceis de verificar com os binóculos. Permite, também, observações a maior distância, evitando a perturbação das aves.

O recurso a um guia de aves é fundamental para qualquer observador, principalmente para os principiantes. Durante as saídas de campo, um caderno de campo poderá ser útil para registar as observações. Haverá também que acautelar a segurança pessoal, devendo utilizar-se roupa e calçado confortável e adequado ao terreno e às condições meteorológicas.

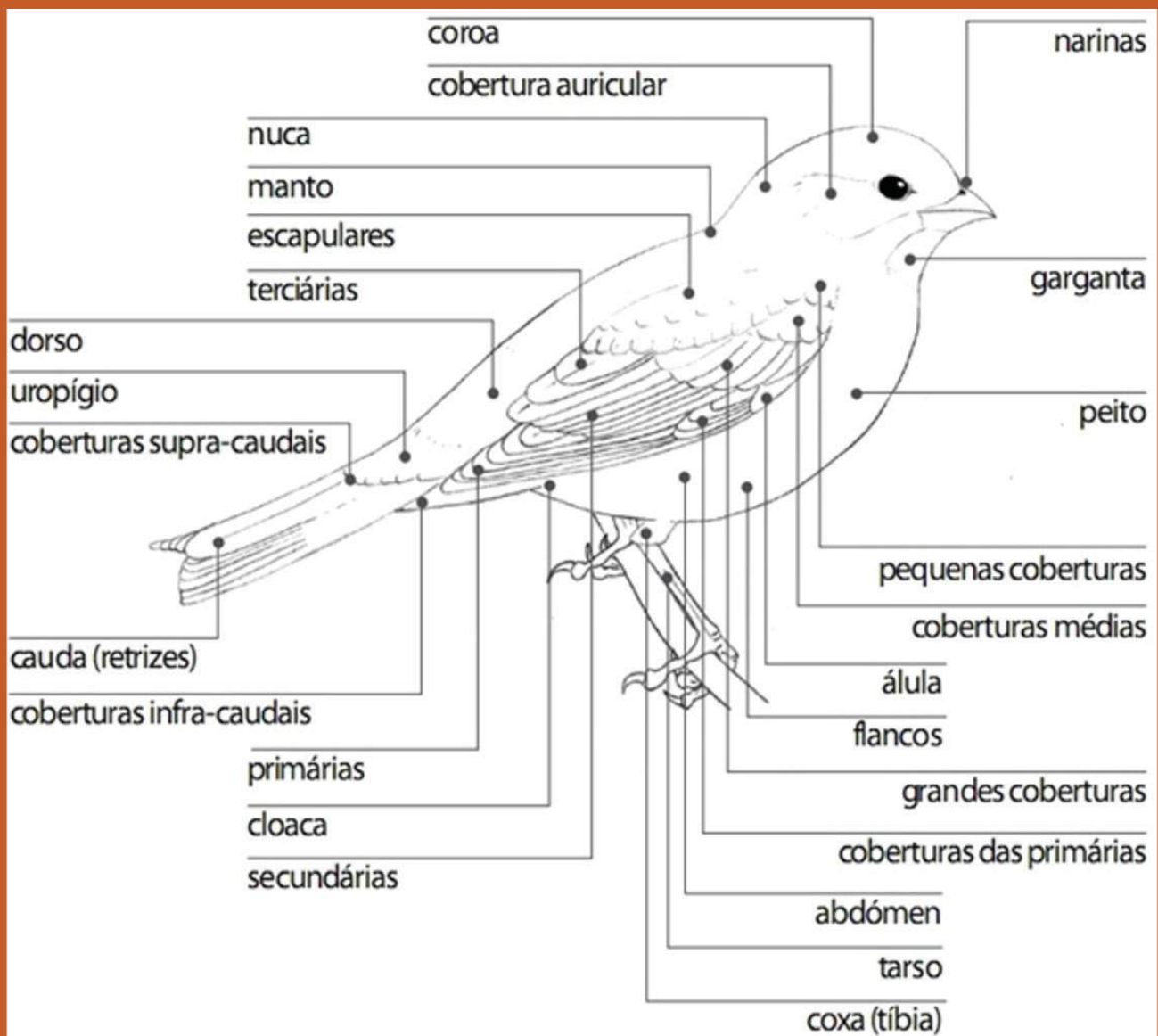


Ilustração esquemática da topografia das aves.

A identificação de aves no campo constitui um desafio aliciante, se bem que possa, por vezes, dependendo das espécies a observar e das condições da observação, tornar-se um exercício de paciência. Existem cerca de 10 000 espécies de aves, em todo o mundo. A sua identificação assenta, essencialmente, num processo eliminatório. Os grandes grupos de aves são, em geral, fácil e prontamente reconhecíveis num primeiro passo do processo, permitindo, desde logo, reduzir substancialmente o leque de possibilidades. Nesta fase, a forma o tamanho e o aspeto geral da ave deverão ser suficientes para a categorizar. Ilustrando de forma muito simples, mesmo um observador pouco experimentado perceberá facilmente se a ave que está a observar é “uma águia” ou “um pato”, por exemplo. A partir daqui, a identificação torna-se um pouco mais delicada, se bem que o processo eliminatório seja idêntico. Será agora necessário recorrer a mais características, por vezes difíceis de confirmar à distância, como manchas particulares na plumagem, ou vocalizações. A época do ano e o local onde nos encontramos são também informações importantes a ter em conta. Observando as aves, o observador experiente saberá o que e onde procurar, ao contrário do principiante, que poderá tentar memorizar tudo o que observa. Para um observador que principia, a dificuldade reside essencialmente aí: no facto de não saber, à partida, que caracteres procurar. Conhecer a topografia das aves (partes do corpo e plumagem) será uma vantagem, para reter facilmente as características diagnosticantes.

É aqui que os guias de identificação de aves ganham particular relevância, fornecendo uma série de instruções e preciosas informações. Com o tempo, a prática acabará também por dar os seus frutos.

As aves da Quinta de São Francisco

Em 2006 foi publicado o primeiro livro intitulado *As Aves da Quinta de São Francisco*. Foi um dos meus primeiros trabalhos em Ornitologia, e relatava as cerca de quatro dezenas de espécies detetadas entre janeiro e julho de 2006. As saídas de campo foram maioritariamente feitas às primeiras horas da manhã, muitas vezes com início ainda antes do nascer do Sol, para que pudesse escutar os cantos mais matutinos. Constrangimentos de diversa ordem não possibilitaram um inventário mais alargado, com maior esforço amostral e ao longo de mais épocas do ano, pelo que, felizmente, vem agora este novo livro completar as eventuais lacunas que tenham persistido. Porém, nem todas as ausências de espécies verificadas na lista anterior, face à que agora se apresenta, se devem às limitações do estudo anterior, ou até à experiência do observador. A importância deste tipo de obras é essa mesmo: testemunhar o mais fielmente possível o retrato (neste caso, ecológico) de cada tempo e de cada paisagem.

A Quinta de São Francisco que hoje vemos difere consideravelmente da que se observava há quase vinte anos. Não se mutou o espanto e a surpresa que suscita, mas é hoje floristicamente mais rica, com mais de 450 espécies de plantas, permitindo-lhe albergar comunidades biológicas mais diversificadas. Estes 14 hectares da antiga Quinta de Vale de Soão interrompem uma paisagem marcadamente agrícola e silvícola que se tem vindo a simplificar. Felizmente, a Quinta criou mais heterogeneidade e apresenta agora, graças a uma cuidada gestão, pensada também na potenciação da biodiversidade, uma “Mata Antiga” com subcoberto mais desenvolvido, um verdadeiro bosque ripícola, outras formações de árvores e arbustos nativos, prados húmidos e até um vidoal (*Betula pubescens*) que pouco aludem às lembranças de há vinte anos. Permanece a coleção de eucaliptos centenários (*Eucalyptus spp.*) e um conjunto de outras árvores monumentais, incluindo as mais altas do Concelho de Aveiro, como carvalhos-alvarinhos (*Quercus robur*), ali senhores do tempo e do espaço biológico.

Já se compreende que nem só de aves se faz o deslumbre de quem visita a Quinta. Olhares mais atentos detetarão ainda vacas-louras (*Lucanus cervus*), libélulas, borboletas e muitos outros insetos fundamentais para o equilíbrio desta delicada combinação de *habitats*, várias espécies de anfíbios e répteis – algumas também novas face ao anterior estudo, como a rela (*Hyla arborea*) –, e até complexos sistemas de tocas para mamíferos anteriormente

ausentes. Os espaços ajardinados denotam uma clara preocupação em manter os espaços funcionais, num equilíbrio do plantio exótico com o nativo, e com felizes escolhas botânicas. Neste contexto, destaquem-se os canteiros cobertos com pervinca ou as bordaduras com folhado (*Viburnum tinus*), medronheiro (*Arbutus unedo*) e gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), que aconchegam comunidades de pequenos animais.

As aves que vivem na Quinta – a tempo inteiro ou como visitantes em certa altura do ano – tudo isto nos mostram. Das árvores mais altas ouvimos os tordos (*Turdus philomelos*) a anunciar a primavera e entre elas vemos agora as arriscadas manobras do açor (*Accipiter gentilis*). As áreas mais abertas convidam agora a perdiz (*Alectoris rufa*) e o cartaxo (*Saxicola rubicola*), e as amostragens em meses mais outonais permitiram detetar alguns dos seus protagonistas: o papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*) e o lugre (*Carduelis spinus*). As cavidades das grandes árvores continuam lar para fringílídeos, chapins e outras irrequietas aves canoras. Entre os canteiros mais densos assoma a carriça (*Troglodytes troglodytes*) e o pisco (*Erithacus rubecula*); e os mais abundantes residentes, peludos e de quatro patas, atraem nova freguesia, como a águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*), a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*) e até o ocasional falcão-peregrino (*Falco peregrinus*).

Ao longo deste tempo, também a ciência evoluiu e, com ela, o conhecimento sobre as espécies e as suas idiossincrasias moleculares. Como resultado, poderá o leitor aperceber-se de que algumas das espécies agora listadas se apresentam com um diferente nome científico (e.g. a *toutinegra-dos-valados* era antes *Sylvia melanocephala*, pertencendo agora ao género *Curruca*).

Todas estas alterações ilustram o porquê de publicações deste tipo serem, por definição, inacabadas, estarem em permanente atualização, obra nunca finita. É importante que os seus autores partilhem não somente as certezas dos factos (ou, neste caso, espécies) observados, mas também anotações pessoais e as dúvidas que os inquietam. Esses considerandos podem abrir caminho ao detalhe futuro, à atenção para novas perguntas e respostas. Fica assim, a talho de foice, a curiosidade sobre onde andarão as cotovias (*Lullula arborea*), os rouxinóis (*Cettia cetti*) e as trepadeiras-azuis (*Sitta europaea*).

Milene Matos

Departamento de Biologia – Universidade de Aveiro

Associação BioLiving

Mapa da Quinta de São Francisco

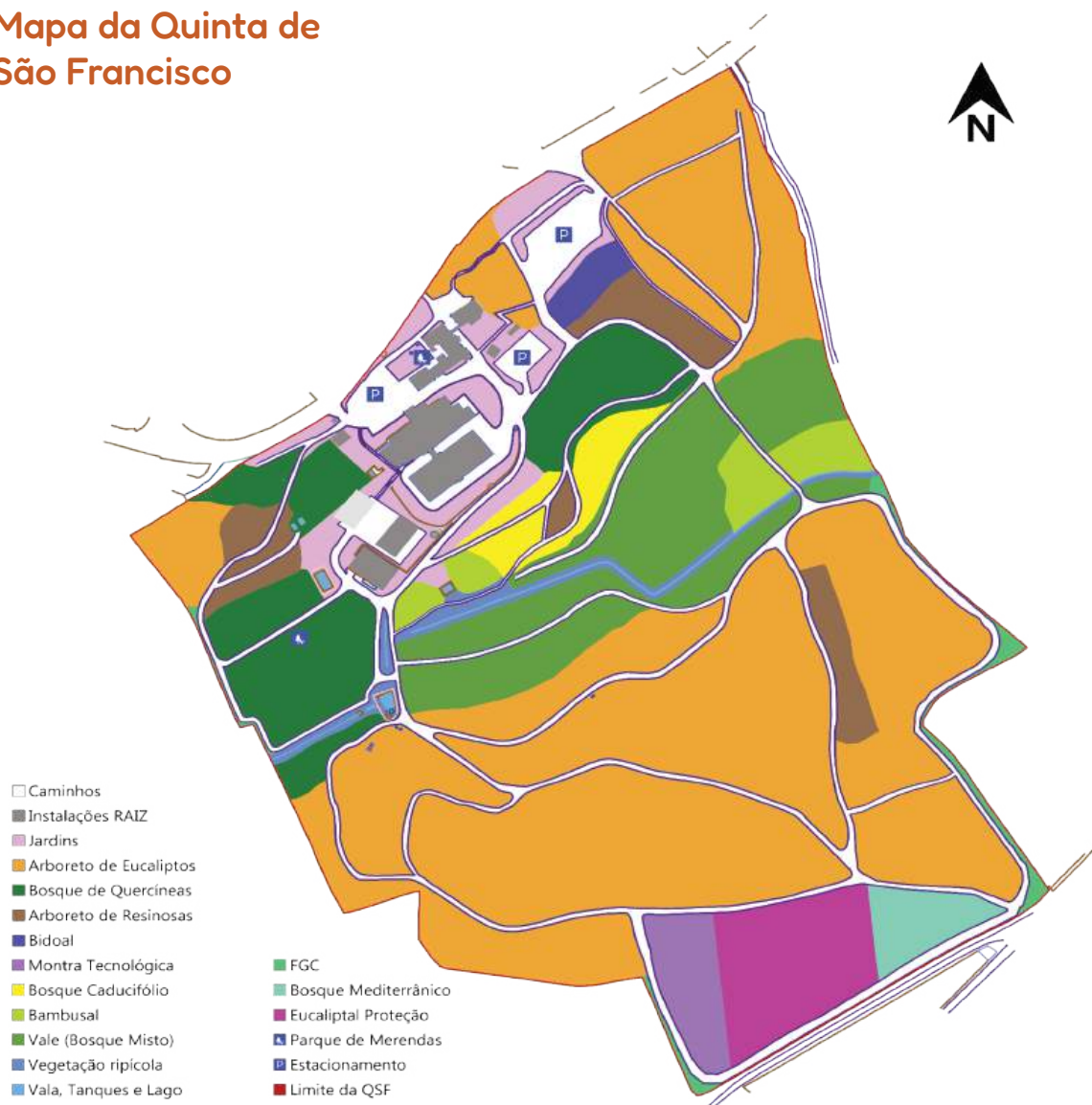




Ilustração científica ou foto

Foto 2

Foto 3

Legenda das imagens, ordenada de cima para baixo, no sentido horário.

Foto 1

1.

4. — *Hieraetus pennatus*
5. — Águia-calçada
6. — *Aquila pennata*

2. — **Acciptriormes**
3. — Accipitridae

Descrição – A Águia-calçada é uma ave de rapina diurna, de médio porte (com 42-51 cm de comprimento e 110-135cm de envergadura) com dimensão e forma semelhantes à águia-de-asa-redonda, mas com asas mais largas (com “dedos”, em vez de 5), cauda quadrada e patas aplumadas. Pode apresentar dois padrões, um claro (com o interior das asas, peito e ventre esbranquiçados e à restante plumagem mais negra), que a torna facilmente distinguível e um escuro (em que a ave é totalmente castanha), em que se assemelha a outras rapinas. No entanto, apresenta umas pequenas manchas brancas nas asas, junto ao pescoço, que permitem a distinção entre esta e outras espécies similares. Ocorre em *habitats* diversos, normalmente em áreas florestadas, com montanhas ou campos abertos na proximidade. A alimentação consiste em pequenos mamíferos répteis e aves (de pequeno ou médio porte), capturadas no solo ou junto deste. Tal como outras águias apresenta voos planados, relativamente longos, que facilitam a sua observação. Nidifica no início da primavera em árvores ou penhacos, sendo os ninhos usados em anos sucessivos, onde a fêmea põe 1 ou 2 ovos. Nesta espécie não existe grande dimorfismo sexual, as fêmeas são ligeiramente maiores que os machos.

Distribuição natural – Presente na Europa, África e na Ásia. No nosso país a águia-calçada é uma espécie migradora, sendo observada sobretudo durante o verão e passando o Inverno em África. No entanto, um número reduzido de indivíduos permanece em Portugal, durante a estação fria, sobretudo em regiões junto à faixa costeira. Habita florestas com clareiras e zonas abertas (pastagens e campos agrícolas).

Canto – Ave muito vocal, sobretudo na época de reprodução, com chamamento principal a ser um guincho “*kli-kli-kli*”.

Curiosidades – O nome comum águia-calçada é um referência ao facto desta ave possuir penas nas patas, fazendo lembrar estar com botas. Em relação ao estatuto de conservação a nível mundial, a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN classifica-a como “Pouco Preocupante”. Em Portugal, a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022 classifica-a como “Pouco Preocupante”, apesar de em 2005, ter sido considerada como “Quase ameaçada”, pelo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, pela pequena população em território nacional, ameaça dos incêndios florestais e a fragmentação das populações, devido à perda de *habitat*.

Observação na QSF – A águia-calçada é uma ave difícil de observar na Quinta de São Francisco, podendo só ser avistada pontualmente, voando em círculos no céu e caçando nas áreas abertas e campos agrícolas adjacentes. A variante com padrão escuro pode ser confundida com o milhafre-preto, distinguindo-se deste pela cauda bifurcada, presente neste último.

7.

8.

9.

10.

11.

Organização e estrutura deste livro

Neste livro as espécies descritas estão ordenadas por ordem alfabética da sua ordem e dentro desta, das famílias, género e restritivo específico. Cada espécie possuirá uma ficha de espécie com vários campos descritivos, (na página direita) e um conjunto de fotografias detalhadas (na página esquerda).

1. **Cor da ordem** – Cada ordem de aves possuirá uma cor diferente associada, que facilitará a pesquisa da mesma.
2. **Ordem** – É uma importante categoria taxonómica entre a família e a classe. No caso das Aves corresponde à primeira divisão de todo o grupo, estando atualmente divididas em 41 ordens. Alberga uma ou mais famílias.
3. **Família** – É uma categoria taxonómica muito importante que pode albergar um ou mais géneros com características semelhantes.
4. **Nome científico** – Aqui será listado o nome da espécie (binómio), em latim.
5. **Nome comum** – Corresponde à designação popular de uma determinada espécie. É muito variável, com a região e o país, mas pode ajudar a inteirar quem o conhece.
6. **Sinonímia** – Será feita referência sempre que necessário a outros nomes científicos anteriormente usados.
7. **Descrição** – Pequeno texto, com a descrição científica da espécie, baseada em bibliografia especializada, como guias de aves.
8. **Distribuição natural** – Continente, país ou região onde a espécie possui distribuição geográfica natural ou para onde possa migrar. Inclui igualmente os *habitats* típicos onde a espécie pode ser observada.
9. **Canto** – Típico canto ou chamamento da espécie.
10. **Curiosidades** – Sobre a espécie ou sobre o seu nome comum ou científico. Inclui o estatuto de conservação de cada espécie, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN (*International Union for Conservation of Nature*) e Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.
11. **Observação na QSF** – Locais e melhor período para a observação da espécie na Quinta de São Francisco. Menciona as espécies potencialmente confundíveis.

“Queixa-se o lavrador de que o eucalipto dá abrigo aos pássaros – o que aliás é próprio de todo o arvoredor. Se isso houvesse de ser depreciação do eucalipto, importaria a condenação de todas as florestas.”

Jaime de Magalhães Lima, 1930





Descrição
das espécies de aves
da Quinta de São Francisco



Açor (*Accipiter gentilis*) juvenil na Quinta de São Francisco, onde é provável que a espécie nidifique; Ilustração científica da espécie; Açor em voo com uma das suas presas favoritas; Ave adulta.

Accipiter gentilis

Açor

Accipitriformes

Accipitridae

Descrição – Ave de rapina, de tamanho médio-grande (com 49-64 cm de comprimento e 93-120 cm de envergadura), com corpo forte, asas largas e cauda comprida. À semelhança do gavião (*Accipiter nisus*) apresenta também um padrão riscado, com barras horizontais no peito e abdómen, e um tom acinzentado no dorso. Vive em *habitats* florestais, matos e terrenos agrícolas. Alimenta-se de aves, mamíferos e répteis, que podem ter a dimensão de um faisão ou uma lebre, mas normalmente caça pombos ou pequenos roedores. Voa muito próximo das copas das árvores com alguns batimentos de asas descontraídos, intervalados por voo planado, sem perda de altitude. A sua época de reprodução inicia-se no final de março, construindo os ninhos em árvores de grande porte ou reutilizando os ninhos de anos anteriores, onde a fêmea põe 2 a 3 ovos. A fêmea distingue-se do macho pelas suas maiores dimensões, com o macho a possuir uma envergadura semelhante à da gralha-preta (*Corvus corone*) e a fêmea a estar mais próxima da águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*).

Distribuição natural – Presente em toda a Europa, grande parte da Ásia, Norte de África e na América do Norte. Distribui-se por uma área bastante grande em Portugal continental, sendo mais comum no Norte e Centro. Habita normalmente áreas florestais com coníferas (pinhais maduros), florestas com árvores caducifólias (carvalhais maduros) e por vezes em eucaliptais, com exemplares de grande porte, ou ainda em paisagens em mosaico.

Canto – Tal como o gavião, o açor é geralmente silencioso, sobretudo fora da época de reprodução. O chamamento de alarme é um “*kya-kya-kya-kya...*” grave e intenso e os chamamentos de pedido de alimento são um “*pii-ih*” melancólico.

Curiosidades – Os Açores devem o seu nome a esta ave. Quando este arquipélago foi descoberto, os descobridores pensaram ver açores, mas afinal a ave de rapina avistada era uma subespécie da águia de asa redonda (*Buteo buteo rothschildi*). Ainda hoje o açor aparece na bandeira desta Região Autónoma. É também uma espécie muito usada em falcoaria. A nível mundial, esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, mas em Portugal, a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, atribui-lhe o estatuto de “Vulnerável”, devido à reduzida população que pode ser encontrada no nosso país.

Observação na QSF – À semelhança do gavião, pode ser muito difícil de avistar açores no meio do arvoredo da Quinta, no entanto é por vezes possível observa-los quando voam por cima das copas. A presença de juvenis torna provável a nidificação desta espécie na Quinta. Pode ser confundido com o gavião, mas é muito maior em tamanho e possui a cabeça com um pescoço mais comprido que este e uma cauda proporcionalmente mais curta.



Gavião (*Accipiter nisus*) depois de uma bem sucedida caçada, entre os eucaliptos centenários da Quinta de São Francisco; Ilustração científica da espécie; Gavião pousado numa árvore prescrutando o horizonte; Juvenil, pouco depois de abandonar o ninho.

Accipiter nisus

Gavião

Accipitriformes

Accipitridae

Descrição – O gavião é uma ave de rapina diurna de pequeno porte (com 29-41 cm de comprimento e 58-80 cm de envergadura), com corpo esguio, asas curtas, largas e pontiagudas e com cauda comprida, com quatro ou cinco barras distintas de cor escura. As partes inferiores apresentam um curioso padrão riscado muito distintivo, algo semelhante ao açor (*A. gentilis*). Vive em *habitats* como florestas, paisagens com um misto de bosques e terrenos agrícolas e também perto de povoações, por exemplo em áreas densas de grandes parques. Alimenta-se de pequenas aves (sobretudo pardais, rolas e pombos). Apresenta um voo similar ao dos pombos e rolas, em que após alguns batimentos de asas rápidos, se segue um voo planado, em que a ave desce. A sua época de reprodução inicia-se no final de abril. Constrói novos ninhos todos os anos, nas copas das árvores (carvalhos ou pinheiros) ou grandes arbustos, onde a fêmea põe 4 a 6 ovos, que são incubados durante cerca de 33 dias. A fêmea distingue-se do macho pelo maior tamanho e pelo peito mais acinzentado.

Distribuição natural – Ave comum em toda a Europa, grande parte da Ásia e Norte de África. Em Portugal, apesar de ser pouco abundante, pode ser encontrado em todo o território continental, sobretudo no Norte do país, onde é mais abundante e na ilha da Madeira, onde está presente a subespécie *A. nisus granti*. Habita normalmente áreas florestais densas ou paisagens em mosaico.

Canto – O gavião é geralmente silencioso, mas pode fazer chamamentos de alarme, onde repete rapidamente “kewkewkewkew...” ou chamamentos de pedido de alimento, onde emite repetidamente um “pii-ih” fino.

Curiosidades – É uma espécie usada em falcoaria, sobretudo no Leste da Europa. As semelhanças com o cuco (*Cuculus canorus*), são um exemplo de mimetismo. Esta semelhança permite ao cuco aproximar-se dos ninhos de eventuais hospedeiros, sem ser atacado, por estes. Apesar de não ser uma espécie muito abundante na sua área de distribuição europeia, possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e em Portugal, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Apesar de comprovadamente nidificar na QSF, o gavião pode ser difícil de avistar no interior da mata, pelos seus hábitos furtivos, sendo mais fácil de observar quando voa por cima das copas. Por vezes podem ser encontrados sinais das suas caçadas. A presença de crias não voadoras dentro da Quinta confirma que esta espécie nidifica neste local. Pode ser confundido com o cuco ou com o açor, embora seja muito mais pequeno que este último e possua uma cauda proporcionalmente mais comprida.



Águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) em voo planado nos céus da Quinta de São Francisco; Ilustração científica da espécie; Águia-de-asa-redonda em aproximação ao solo; Exemplar em voo a grande altitude.

Buteo buteo

Águia-de-asa-redonda

Accipitriformes

Accipitridae

Descrição – O búteo, como também é designado, é uma ave de rapina diurna, de médio porte (com 46-58 cm de comprimento e 110-132 cm de envergadura) e identificável, entre outras características, pela sua silhueta compacta característica, com asas largas e cauda normalmente aberta em leque. Apresenta normalmente no peito, uma marca em meia-lua, que contrasta com a tonalidade geral castanha escura. Pode ocorrer em *habitats* bastante diversos, como na montanha, em florestas e bosques próximos de áreas abertas, campos de cultivo ou pântanos. Alimenta-se de pequenos mamíferos (sobretudo roedores), aves, répteis, anfíbios, mas também de insetos, larvas e minhocas. Apresenta um voo ativo, com batimentos de asas muito rápidos e energéticos, seguido de voos planados, relativamente longos. Nidifica normalmente no final de fevereiro, fazendo o ninho em copas de árvores altas, como o pinheiro-bravo, ou normalmente ocupando o mesmo ninho, que restaura todos os anos, onde a fêmea põe 3 a 4 ovos. A diferença principal entre machos e fêmeas é o tamanho e o peso, que é por norma maior nas últimas.

Distribuição natural – Presente em toda a Europa, na parte ocidental da Ásia e no Norte e Sul de África. Em Portugal é uma espécie residente, ou seja, reproduz-se e está presente ao longo de todo o ano, sendo a ave de rapina mais abundante no nosso país, e pode ser facilmente observada no cimo de postes, vedações e outros locais elevados. Durante o inverno, os efetivos desta espécie aumentam devido à chegada de aves provenientes do Norte da Europa. Habita normalmente as áreas de interface entre as florestas e os *habitats* mais abertos.

Canto – Ave de rapina extremamente vocal, com um chamamento principal que é emitido durante o voo, semelhante a um “*piiyyay*” alto.

Curiosidades – No arquipélago dos Açores e da Madeira podem ser encontrada duas subespécies endémicas, *B. buteo rothschildi* e *B. buteo harterti*, respetivamente. De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e com a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”. Um fator de ameaça a esta espécie é a perseguição a que sempre esteve sujeita em algumas regiões, restringindo a sua distribuição e reduzindo a população, e consequentemente, o sucesso reprodutor.

Observação na QSF – A águia-de-asa-redonda é uma das aves de rapina mais fáceis de observar na Quinta de São Francisco, sobretudo em dias solarengos, perto do meio-dia, enquanto sobem as correntes ascendentes (térmicas). Pode ser observada, voando em círculos um pouco acima da copa das árvores e caçando nas áreas abertas e campos agrícolas adjacentes. A presença de ninhos em árvores altas e chamamentos de crias (a partir de maio) na parte mais a sudoeste confirma que esta espécie nidifica neste local e proximidades. Pode ser confundida com o milhafre-preto e a águia-sapeira.



Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*) em cima de um tronco, enquanto procura presas; Ilustração científica da espécie; Águia-cobreira em pleno voo, com uma cobra no bico; Pormenor da cabeça.

Circaetus gallicus

Águia-cobreira

Accipitriformes

Accipitridae

Descrição – A águia-cobreira, é uma ave de rapina diurna, de grande porte (com 62-69 cm de comprimento e 162-178 cm de envergadura), facilmente identificável pela cor clara da parte inferior e asas compridas e largas. Quando pousada, apresenta a face superior do corpo castanha, com um característico pescoço curto e cabeça larga, com alguma semelhança à das corujas. Cauda quadrangular, estreita na base, com 3 ou 4 listas escuras paralelas e equidistantes. Prefere *habitats* diversificados, como campos abertos e matos, com áreas arborizadas dispersas (como montados), onde nidifica. Especializou-se na captura de répteis, sendo por vezes observada em voo, transportando alguma cobra ou lagarto. Plana lentamente ou por vezes, enquanto caça, “peneira” com bater de asas lento. Faz o ninho em árvores pequenas ou de médio porte, como sobreiros ou azinheiras, onde a fêmea põe apenas um ovo. À semelhança de outras rapinas, as fêmeas são maiores que os machos.

Distribuição natural – Presente no Sul da Europa até à Rússia, sobretudo na bacia mediterrânica, Norte de África, incluindo algumas regiões subsarianas e Ásia (desde o Médio Oriente até à Índia). Em Portugal, esta espécie migratória pode ser observada sobretudo na primavera e verão, de norte a sul do país, embora seja mais comum no interior do que no litoral. Durante o inverno, a águia-cobreira migra para a África subsariana. Habita campos abertos e áreas montanhosas áridas, normalmente poWuco florestadas.

Canto – Ave muito vocal, sobretudo na época de reprodução, com um chamamento tipo “*kyo*” que pode ser repetido ou não.

Curiosidades – Pelas suas cores pálidas e brancura das partes inferiores, esta águia, também é conhecida pelo curioso nome de “João Branco” ou ainda como guincho-branco. Espécie com estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” a nível mundial, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Por outro lado, no nosso país, a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, atribui-lhe o estatuto de “Quase ameaçada”, devido à população ser estimada em menos de 1000 indivíduos.

Observação na QSF – Espécie de ave de rapina pouco comum na Quinta de São Francisco, só sendo observada ocasionalmente voando em círculos acima da copa das árvores. Pode ser confundida com outras águias com cores claras, como a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) ou a águia-pesqueira (*Pandion haliaetus*), mas distingue-se destas pela ausência de manchas escuras nas articulações carpais (asas) e pelo padrão da cauda.



Águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*) com padrão claro, pousada num tronco; Ilustração científica da espécie; Águia-calçada no solo depois de emboscar uma presa; Exemplar em voo a grande altitude na Quinta de São Francisco.

Hieraetus pennatus

Águia-calçada

Aquila pennata

Accipitriformes

Accipitridae

Descrição – A Águia-calçada é uma ave de rapina diurna, de médio porte (com 42-51 cm de comprimento e 110-135 cm de envergadura), com dimensão e forma semelhantes à águia-de-asa-redonda, mas com asas mais largas (com 6 “dedos”, em vez de 5), cauda quadrada e patas emplumadas. Pode apresentar dois padrões, um claro (com o interior das asas, peito e ventre esbranquiçados, e a restante plumagem mais negra), que a torna facilmente distinguível e um escuro (em que a ave é totalmente castanha), em que se assemelha a outras rapinas. No entanto, apresenta umas pequenas manchas brancas nas asas, junto ao pescoço, que permitem a distinção entre esta e outras espécies similares. Ocorre em *habitats* diversos, normalmente em áreas florestadas, com montanhas ou campos abertos na proximidade. A alimentação consiste em pequenos mamíferos, répteis e aves (de pequeno ou médio porte), capturados no solo ou junto deste. Tal como outras águias apresenta voos planados relativamente longos, que facilitam a sua observação. Nidifica no início da primavera, em árvores ou penhascos, sendo os ninhos usados em anos sucessivos, onde a fêmea põe 1 a 2 ovos. Nesta espécie não existe grande dimorfismo sexual, mas as fêmeas são ligeiramente maiores que os machos.

Distribuição natural – Presente na Europa, África e na Ásia. No nosso país a águia-calçada é uma espécie migradora, sendo observada sobretudo durante o verão e passando o inverno em África. No entanto, um número reduzido de indivíduos permanece em Portugal, durante a estação fria, sobretudo em regiões junto à faixa costeira. Habita florestas com clareiras e zonas abertas (pastagens e campos agrícolas).

Canto – Ave muito vocal, sobretudo na época de reprodução, com o chamamento principal a ser um guincho “*kli-kli-kli*”.

Curiosidades – O nome comum águia-calçada é uma referência ao facto desta ave possuir penas nas patas, fazendo lembrar estar com botas. Em relação ao estatuto de conservação a nível mundial, a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN classifica esta espécie como “Pouco Preocupante”. Em Portugal, a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022 classifica-a como “Pouco Preocupante”, apesar de em 2005, ter sido considerada como “Quase ameaçada”, pelo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, pela pequena população no território nacional, ameaça dos incêndios florestais e a fragmentação das populações, devido à perda de *habitat*.

Observação na QSF – A águia-calçada é uma ave difícil de observar na Quinta de São Francisco, podendo só ser avistada pontualmente, voando em círculos no céu e caçando nas áreas abertas e campos agrícolas adjacentes. A variante com padrão escuro pode ser confundida com o milhafre-preto, distinguindo-se deste pela cauda bifurcada, presente neste último.



Milhafre-preto (*Milvus migrans*) em voo a baixa altitude; Ilustração científica da espécie; Exemplar pousado numa rocha; Milhafres-pretos em voo planado nos céus da Quinta de São Francisco. Por vezes, podem ser observados bandos de várias dezenas de aves.

Milvus migrans

Milhafre-preto

Accipitriformes

Accipitridae

Descrição – Ave de rapina diurna, de tamanho médio (com 48-58 cm de comprimento e 130-155 cm de envergadura), com cabeça acinzentada, plumagem castanho-escura (corpo e asas) e cauda bifurcada. Vive em áreas florestadas junto de cursos de água e zonas húmidas, como albufeiras, açudes, pauis e rios, entre outros. A alimentação é muito variada, predando ativamente presas de pequeno porte, como mamíferos (incluindo coelhos), aves terrestres, pequenos peixes, crustáceos, répteis, anfíbios, mas sendo também necrófago, alimentando-se de cadáveres de outros animais mortos nas estradas ou procurando alimento (restos orgânicos) nas lixeiras e aterros. Forma grandes bandos, que são frequentemente visto em voo planado, quase sem esforço, nas correntes térmicas, mas é capaz de voo ativo, bastante dinâmico e com viragens bruscas, nas proximidades do solo. Nidifica no início da primavera, construindo (ou reutilizando) o ninho com pequenos ramos e materiais de origem humana, nas copas de árvores altas, onde a fêmea põe 2 a 3 ovos. À semelhança de outras rapinas não existe dimorfismo sexual evidente, mas as fêmeas são geralmente maiores que os machos.

Distribuição natural – Apresenta uma distribuição muito alargada, encontrando-se por toda a Eurásia, África e Austrália, podendo ser encontrado em climas variados (desde o temperado ao tropical). No nosso país, é uma espécie migradora, sendo extremamente abundante durante o período estival (altura em que se reproduz) e invernando na África subsariana. Habita zonas florestais pouco densas, com áreas mais abertas (pastagens ou campos de cultivo), normalmente nas proximidades de grandes rios, zonas alagadas ou albufeiras.

Canto – Possui um chamamento principal que consiste num “*pee-e-e-e-e*” longo e choroso.

Curiosidades – Na Austrália estas aves são atraídas pelo fumo e pelo fogo, onde procuram presas em fuga. Existem mesmo relatos, de que o milhafre-preto é capaz de propagar intencionalmente o fogo, pegando em raminhos incandescentes e provocando um novo foco secundário, para facilitar a captura de potenciais presas. A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, classifica o estatuto de conservação desta espécie como “Pouco Preocupante”. Apesar disso existem alguns fatores de ameaça que vão desde os envenenamentos, atropelamentos, contaminação por pesticidas, e colisão e eletrocussão em linhas elétricas.

Observação na QSF – É uma espécie facilmente observável no céu da QSF, desde o meio do dia até ao final da tarde, durante toda a primavera e verão, normalmente em grandes bandos, fazendo voos circulares nas correntes térmicas, a grande altitude. Embora não exista confirmação, o milhafre-preto pode potencialmente nidificar nas árvores mais altas da QSF. Pode confundir-se com águia-de-asa-redonda, águia-calçada (com padrão escuro) ou ainda o milhafre-real, mas distingue-se das duas primeiras pela cauda bifurcada e do último pela menor dimensão e coloração mais escura.



Exemplar macho de pato-real (*Anas platyrhynchos*); Ilustração científica de macho e fêmea. Note-se as diferenças de coloração; Fêmea acompanhada por juvenis; Casal de patos-reais em meio aquático.

Anas platyrhynchos

Pato-real

Anseriformes

Anatidae

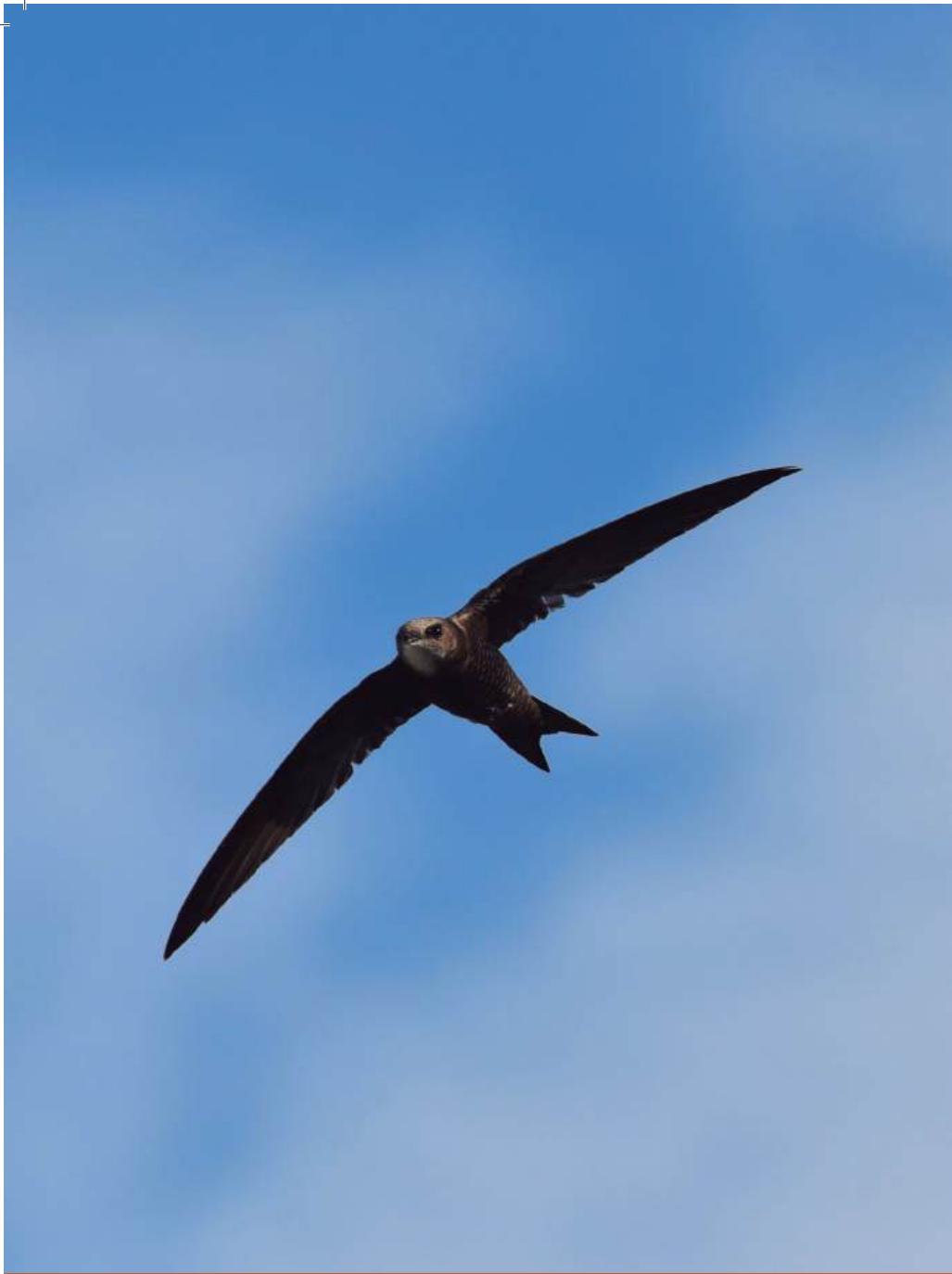
Descrição – Ave de tamanho médio (com 50-60 cm de comprimento e 81-95 cm de envergadura), com cores muito características, especialmente no caso dos machos, onde a cabeça é verde metálico, com um anel branco no pescoço, plumagem acinzentada e peito castanho escuro. Nas fêmeas as cores são menos vistosas e algo semelhantes a outras espécies de patos, dominando os tons castanhos, mas com um distintivo espelho alar azul. Vive em quase todo o tipo de *habitats* aquáticos, sobretudo espelhos de água lentos, com pouco profundidade e com vegetação aquática. Possui um dieta omnívora, muito variável, que pode ser composta por sementes (sobretudo de gramíneas), gastrópodes, insetos, crustáceos, anfíbios e pequenos peixes. Fora da época de reprodução forma por vezes bandos de grande dimensão, que fazem características formações em V no céu. A espécie apresenta um voo rápido (mais de 80Km/h) e muito energético, agitando as pequenas asas rapidamente (cerca de 10 vezes por segundo). Nidifica desde o início da primavera ao início do verão, sempre próximo de água, construindo o ninho em locais variados, debaixo de arbustos, em buracos nas árvores ou cavidades no solo, ou ainda na proximidade de construções humanas, onde a fêmea põe 9 a 13 ovos. É uma espécie com a coloração a ser muito distintiva entre sexos (nos indivíduos adultos).

Distribuição natural – Apresenta uma distribuição por vários continentes, desde a Eurásia, América, África e Austrália, podendo ser encontrado em climas muito variados (desde a tundra a norte, ao subtropical, mais a sul). Em Portugal existem populações residentes, sobretudo no Centro e Sul litorais, e populações invernantes, que chegam do Centro e Norte da Europa. Habita praticamente todo o tipo de *habitats* aquáticos, como grandes estuários, lagoas costeiras, arrozais e outros terrenos inundados, rios, açudes, valas e charcas.

Canto – Os machos, quando em alerta emitem um “*rhaeb*” repetitivo, enquanto que as fêmeas emitem o mais característico “*quaek-quaek-quak-quak-quah-qua...*”.

Curiosidades – A família *Anatidae* inclui para além dos patos, outras aves conhecidas como os gansos e os cisnes. O pato-real é a espécie de pato mais abundante e facilmente reconhecível por todos. Quase todas as raças de patos domésticos derivam da domesticação deste animal, sendo a sua designação científica *Anas platyrhynchos domesticus*. Em alguns locais do mundo, a espécie é considerada invasora, pelo facto de competir e hibridar facilmente com outras espécies de pato. Esta ave é classificada pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, como apresentado um estatuto “Pouco Preocupante”, apesar da ameaça de perda de *habitat*, pela destruição de zonas húmidas e caça excessiva.

Observação na QSF – É uma espécie que sobrevoa a QSF ocasionalmente, vinda dos campos alagados do Baixo Vouga Lagunar. Apesar de ser facilmente identificado em voo (ou no solo), a sua observação é apenas esporádica.



Andorinhão-preto (*Apus apus*) em voo. Note-se a “quase ausência” das patas e a forma perfeitamente aerodinâmica; Ilustração científica da espécie; Andorinhão-preto durante uma travagem aerodinâmica; Andorinhões em bando. Durante estes períodos é comum serem extremamente barulhentos.

Apus apus

Andorinhão-preto

Apodiformes

Apodidae

Descrição – Ave de pequeno tamanho (com 17-18,5 cm de comprimento e 40-44 cm de envergadura), com corpo aerodinâmico, asas em forma de foice, longas e pontiagudas, e cor totalmente escura. Vive em cidades ou pequenas povoações e raramente em *habitats* florestais ou falésias. É uma ave insetívora, alimentando-se de insetos voadores e de aranhas de pequena ou média dimensão. O andorinhão-preto passa a maior parte da sua vida no ar (onde caça e até consegue beber, dormir e acasalar), raramente pousando e estando extremamente bem adaptado a voos de longa duração e distância (como nas migrações). Nidifica no início da primavera, normalmente nos mesmos locais ano após ano, procurando desde construções humanas (condutas de ventilação, torres de igreja, fendas, telhados, barragens, etc.), por vezes abandonadas, ou ainda em pequenos buracos de árvores (como as palmeiras), usando penas e pequenos gravetos, consolidados com saliva, e onde a fêmea põe 2 a 3 ovos. Esta espécie não apresenta dimorfismo sexual.

Distribuição natural – Apresenta uma grande distribuição desde a Europa ocidental até à Ásia central, onde nidifica, e durante o inverno, no hemisfério Norte, migra para a África subsariana. Em Portugal, pode ser facilmente observado durante a primavera e o verão, junto das colónias que se espalham de norte a sul do país (em locais com maior disponibilidade nidificar), sendo muito abundante no distrito de Évora.

Canto – Forma ruidosos bandos que, quando em voo, por vezes a baixa altitude, emitem uma série de gritos estridentes, algo repetitivos, “*sriirr*”.

Curiosidades – O género *Apus*, deriva do latim “sem pés”, numa referência aos minúsculos pés desta ave, que não são visíveis em voo, apesar de suficientemente robustos para se agarrar a superfícies verticais. A família *Apodidae* contém das aves extremamente bem adaptadas ao voo, sendo das mais rápidas do mundo (para esta espécie 111,6 km/h, em voo planado e 166 km/h em voo picado), rivalizando até com os falcões (*Falconidae*). O andorinhão-preto apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É um visitante assíduo dos céus da Quinta de São Francisco, podendo, no final das tardes de verão, ser facilmente observado em grandes bandos, a caçar insetos a grande altitude. A nidificação de andorinhão-preto neste espaço é possível, embora não existam observações que a sustentem. Pode ser confundido com outros andorinhões e andorinhas, mas distingue-se das primeiras pela maior envergadura e dos segundos pela cor escura.



Andorinhão-pálido (*Apus pallidus*) em voo. Note-se a cor mais clara que o seu congénere andorinhão-preto; Ave em voo planado; Andorinhão-pálido no chão. As pequenas patas nem permitem a elevação da ave acima do solo; Ave em voo produzindo chamamento.

Apus pallidus

Andorinhão-pálido

Apodiformes

Apodidae

Descrição – Ave muito semelhante ao andorinhão-preto (com 16-18 cm de comprimento e 39-44 cm de envergadura), mas com cor mais clara e asas um pouco mais largas, na parte exterior. Vive em cidades ou pequenas povoações, em cavidades de edifícios ou em falésias costeiras. É uma ave insetívora que se alimenta de insetos pequenos ou de média dimensão, em pleno voo e que está extremamente bem adaptado a voos de longa duração e distância (fazendo migrações de milhares de quilómetros). Nidifica em março, quando chega vinda de África, podendo criar até duas ninhadas por ano, sendo as posturas constituídas por 2 a 3 ovos. Procura *habitats* semelhantes aos do andorinhão-preto, por vezes em cavidades de edifícios, em meio rural ou urbano, mas prefere as falésias litorais. Tal como os restantes andorinhões, esta espécie não apresenta dimorfismo sexual.

Distribuição natural – Espécie com distribuição natural no Sul da Europa, Norte de África, Médio Oriente e Arquipélagos das Madeira e Canárias, onde nidifica. Existem algumas populações residentes nestas áreas, mas a maior parte dos indivíduos migra para a África subsariana, durante o inverno no hemisfério Norte. No nosso país, pode ser observado desde março a outubro, sobretudo junto do litoral, (em zonas urbanas, rurais, ilhéus, falésias costeiras e grutas). No distrito de Aveiro, é mais abundante que o seu congénere, o andorinhão-preto.

Canto – Chamamento muito semelhante ao andorinhão-preto, mas mais grave, descendente e dissilábico, emitindo um “*vrrrii-e*”.

Curiosidades – À semelhança de outras espécies de andorinhões e andorinhas, o andorinhão-pálido escolhe sempre que possível os mesmos locais para nidificar e curiosamente também inverna nos mesmos locais na África subsariana. Na Madeira, é popularmente conhecido como andorinha-do-mar (não confundir com as verdadeiras andorinhas-do-mar, *Sterna spp.* e *Sternula spp.*), pelo facto de preferir *habitats* litorais. Apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” quer pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É possível observar o andorinhão-pálido durante o período estival, sobrevoando os céus da Quinta de São Francisco a grande altitude. A nidificação desta espécie neste local é possível, mas improvável. Pode passar despercebido à maioria dos observadores, por ser facilmente confundido com o andorinhão-preto, especialmente se as condições de luz não forem as mais favoráveis. Distingue-se, sobretudo, pelos tons mais claros (com a plumagem mais acastanhada, branca do queixo), e pelas asas mais arredondadas nos extremos.



Poupa (*Upupa epops*) pousada num ramo. Note-se o evidente comprimento do bico e a espampanante poupa na cabeça; Ilustração científica da espécie; Ave sobre um muro, onde a espécie costuma ser frequentemente observada; Poupa sobre o pilar de uma vedação.

Upupa epops

Poupa

Bucerotiformes

Upupidae

Descrição – A poupa é uma ave de pequena dimensão (com 25-29 cm de comprimento e 44-48 cm de envergadura), com características físicas que a tornam numa das espécies de avifauna mais emblemáticas. Apresenta cabeça e peito castanhos, por vezes rosado ou alaranjado, asas largas e arredondadas que, tal como a cauda, apresentam grandes listras pretas e brancas, bico muito longo e fino, ligeiramente encurvado para baixo, e uma peculiar poupa erétil (que lhe dá nome). A poupa que lhe sai da nuca (no alinhamento do bico) parece-se com um espigão, mas ao ser levantada (tipo chefe índio) por breves instantes, revela a bela cor alaranjada, marginada de preto. Ocorre em vários *habitats*, sobretudo em zonas agrícolas (vinhas e pomares) e pastagens abertas, com áreas florestais pouco densas (como o montado), sebes e arbustos. Alimenta-se de larvas e pupas de insetos, e minhocas, que procura no solo. A espécie apresenta também um característico voo ondulante, com ritmo irregular, sempre na proximidade do solo. O período de nidificação inicia-se em março, altura em que procura cavidades, tanto de árvores como de edifícios em ruínas, muros de pedra ou caixas-ninho, onde a fêmea põe 7 a 8 ovos. Apresenta pouco dimorfismo sexual.

Distribuição natural – Ocorre em toda a Eurásia e África. A maior parte da população europeia migra para a África subsariana durante o inverno. Em Portugal é uma espécie residente (sobretudo no Sul do país) ou migradora, que se encontra distribuída por todo o território. A poupa prefere *habitats* em que haja disponibilidade de solo, com coberto vegetal herbáceo ou arbustivo pouco denso, sobretudo em locais secos e quentes.

Canto – O canto, que pode ser ouvido ao longo do todo o ano, consiste num distintivo canto trissilábico “*oop-oop-oop*”.

Curiosidades – A poupa é uma das três espécies presentes no género *Upupa*, sendo as outras a poupa-africana e poupa-malgaxe. Sendo um animal de grande utilidade para a agricultura, pela sua dieta incluir várias pragas, é acarinhado em muitos países, como por exemplo Israel, onde é a ave nacional. O estatuto de conservação da poupa é “Pouco Preocupante”, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022. No entanto, tem-se verificado uma diminuição da população europeia, devido a fatores como a intensificação da agricultura e a menor disponibilidade de *habitats*.

Observação na QSF – A poupa não é uma espécie muito comum na Quinta de São Francisco, mas pode ocasionalmente ser observada junto dos campos e quintais limítrofes. A sua presença é mais fácil de detetar através do característico canto, sendo possível a sua nidificação na QSF. Por ser uma ave com características únicas, é inconfundível.



Noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*) observado normalmente depois do pôr-do-sol; Ilustração científica; Fêmea de noitibó-cinzento pousada em árvore; Par de juvenis desta espécie. Note-se a ausência de manchas brancas nas asas.

Caprimulgus europaeus

Noitibó-cinzento

Caprimulgiformes

Caprimulgidae

Descrição – O noitibó-cinzento ou noitibó-europeu é uma ave, com dimensão similar a um pombo ou cuco (com 24-28 cm de comprimento e 52-59 cm de envergadura). É tipicamente crepuscular ou noturna e passa despercebida durante o dia, onde repousa em árvores ou no solo. Apresenta uma cauda e asas muito longas, com coloração malhada, onde dominam as cores castanha e cinzento, com apontamentos negros, brancos ou amarelados, num padrão de camuflagem quase perfeito, que dificulta muito a sua observação, quando estão pousados. Observa-se em zonas florestais pouco densas, com grandes clareiras, onde caça insetos voadores em voo, podendo capturar até 12 por minuto, principalmente mariposas, escaravelhos e moscas ou mosquitos, fazendo voos rasantes junto ao chão, ou caçando a partir de ramos de árvores e arbustos. Em voo é extremamente ágil, podendo mudar rapidamente de direção, o que explica o sucesso das suas caçadas aéreas. A época de reprodução inicia-se em finais de abril, estendendo-se até agosto, podendo fazer até duas posturas por ano. Constrói o ninho no chão, normalmente em pequenas clareiras, com solos arenosos, onde a fêmea põe 2 a 3 ovos, que são incubados durante 17 ou 18 dias. Os machos distinguem-se das fêmeas e dos juvenis por possuírem umas características manchas brancas nas asas e nos cantos da cauda.

Distribuição natural – Presente em toda a Europa e grande parte da Ásia Central, onde procria, sendo migrador na África subsariana. Em Portugal é mais frequente no Norte e Centro, sendo relativamente comum no litoral Centro. Habita normalmente áreas florestais pouco densas, com abundante coberto arbustivo, como pinhais dunares ou bosques mistos, e evita povoamentos florestais densos.

Canto – O canto é composto por um “*krruit*” contínuo, muito audível e com grande alcance. Este chamamento é semelhante ao canto das rãs ou de alguns insetos, como as cigarras.

Curiosidades – Existem seis subespécies do noitibó-cinzento, sendo que a que está presente em Portugal é a subespécie *C. e. meridionalis*, embora a subespécie *C. e. europaeus*, oriunda do Centro e Norte da Europa, possa migrar para a Península Ibérica. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022. No entanto, o noitibó-cinzento apresenta uma série de ameaças, particularmente pela degradação ou perda de *habitat* e pelo uso de pesticidas.

Observação na QSF – Raro e muito difícil de avistar pelos hábitos crepusculares ou noturnos. É mais facilmente ouvido quando circula pelas zonas menos arborizadas, como o vale. É difícil ser confundido com outras aves.



Guincho-comum (*Chroicocephalus ridibundus*), com plumagem nupcial, observado junto da costa; Ilustração científica; Ave em voo com plumagem de inverno; Adulto e juvenil, observado junto ao mar, durante o inverno.

Chroicocephalus ridibundus

Guincho-comum

Larus ridibundus

Charadriiformes

Laridae

Descrição – O guincho-comum é uma pequena gaivota, extremamente comum no continente, durante o inverno. Possui vários nomes, desde simplesmente guincho, chapalheta, garragina ou mascateira. Esta ave de pequeno-médio porte (com 35-39 cm de comprimento e 86-99 cm de envergadura), apresenta durante o verão, a cabeça castanho-escuro, quase cor de chocolate, muito característica. Durante o inverno os adultos possuem uma pinta auricular escura e grossa. As asas possuem umas manchas brancas, muito distintas, no bordo exterior das asas. Vive no litoral ou locais na proximidade de grandes corpos de água (naturais ou artificiais). Possui uma dieta generalista, como as restantes gaivotas, mas alimenta-se sobretudo de pequenos invertebrados. Apresenta um voo similar ao das gaivotas, combinando voo ativo com voo planado. Em março, os adultos começam a envergar a plumagem nupcial, construindo os ninhos nas zonas intertidais e caniçais. A fêmea e o macho são em tudo muito semelhantes, mas os juvenis possuem um padrão acastanhado na cabeça e no dorso.

Distribuição natural – Ave muito comum em toda a Europa, em alguns locais da Ásia e também na costa atlântica da América do Norte. Em Portugal é muito abundante durante o inverno, reduzindo significativamente a sua população durante a época de reprodução (final da primavera e verão), altura em que se concentra nas represas e grandes albufeiras do Alentejo e também na Ria de Aveiro. Habita normalmente áreas mais litorais, áreas pantanosas e lagos com extensos caniçais, frequentando terrenos agrícolas, particularmente depois de lavrados.

Canto – Ave muito ruidosa, quando em bandos, com chamamento tipo “*krriiarr*”, por vezes continuamente repetidos, até durante a noite.

Curiosidades – No Reino Unido, onde a espécie se reproduz mais que em Portugal, os ovos desta ave são recolhidos e vendidos para alimentação humana. A espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e também em Portugal, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, o guincho é observado por vezes no céu, em bando, com outras espécies de gaivotas, quando voam em direção ao interior, sobretudo em dias de mau tempo junto à costa. Distingue-se das outras gaivotas pelo menor tamanho e pela parte branca no bordo exterior das asas. Pode ser confundido com a gaivota-de-cabeça-preta, sendo que a melhor maneira de os distinguir é pela ponta das asas que são pretas no guincho-comum e brancas na gaivota-de-cabeça-preta.



Bando de gaiotas-de-asa-escura (*Larus fuscus*) observadas na costa; Ilustração científica; Exemplar adulto na praia; Gaiota-de-asa-escura junto do mar.

Larus fuscus

Gaivota-de-asa-escura

Charadriiformes

Laridae

Descrição – A gaivota-de-asa-escura é a mais comum das gaivotas observadas em Portugal. É uma ave de dimensão média (com 48-56 cm de comprimento e 117-134 cm de envergadura), com plumagem e silhueta típicas de gaivota, com o dorso cinzento-escuro, peito branco, cabeça branca ou com manchas cinzentas e patas e bico amarelo, manchado no ápice com uma pinta que vai do preto ao vermelho. Ocorre normalmente perto da costa ou em zonas húmidas. Alimenta-se sobretudo de invertebrados (particularmente crustáceos e bivalves), peixe e resíduos encontrados em lixeiras e aterros. Nidifica sobretudo em ilhas e zonas estuarinas, sendo a postura constituída por três ovos. A plumagem é muito semelhante entre machos e fêmeas, no entanto os machos são maiores que as últimas.

Distribuição natural – Presente nas zonas costeiras de quase toda a Europa, onde reside permanentemente ou invertebra. Invertebra também em grande parte do litoral de África, Sul da Ásia e parte da costa atlântica da América do Norte. Durante a época de reprodução uma grande parte da população migra até ao Norte da Europa e da Ásia. Em Portugal a espécie nidifica no continente, em núcleos localizados, como por exemplo no arquipélago das Berlengas, mas pode ser normalmente observada junto dos portos de pesca. Habita toda a faixa litoral, desde as praias, lagoas costeiras e estuários, sendo muitas vezes observada em aterros sanitários, lixeiras e saídas de esgotos, onde procura alimento, especialmente quando há mau tempo na costa.

Canto – Possui chamamentos tipo “kyow”, muito estridentes e repetitivos, ou o típico “auu...kyyaa-kya-kya-kya-kya...kyau”, em tudo semelhantes aos da gaivota-de-patas-amarelas, mas mais profundos e nasalados.

Curiosidades – De acordo com o III Atlas das Aves Nidificantes de Portugal, os exemplares da população reprodutora, que residem permanentemente no nosso país, eram em 2021, 14 casais na ilha da Berlenga, 34 na ilha Deserta e dois a três casais na Área Metropolitana do Porto. De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, a nível global esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, observando-se um aumento da população, bem como uma expansão natural para a Gronelândia e América do Norte. No nosso país e segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, a espécie apresenta dois estatutos de conservação, “Pouco Preocupante”, para as populações invernantes (migradoras) e “Vulnerável” para as populações nidificantes (residentes).

Observação na QSF – Tal como outras espécies de gaivotas, a gaivota-de-asa-escura é apenas observada em voo, quando cruza os céus da QSF. Pela altitude a que circula, bem como o facto de integrar bandos mistos, só é possível distingui-la com binóculos. Pode ser confundida com outras gaivotas e em particular com a gaivota-de-patas-amarelas (*Larus michahellis*), mas apresenta normalmente um padrão mais escuro que as suas congéneres.



Gaivota-de-patas-amarelas (*Larus michahellis*) observada junto de um porto de pesca. Note-se a característica coloração cinza-prateado no dorso; Ilustração científica; Indivíduo numa escarpa rochosa costeira; Ave próxima da rebentação numa praia.

Larus michahellis

Gaivota-de-patas-amarelas

Larus argentatus michahellis

Charadriiformes

Laridae

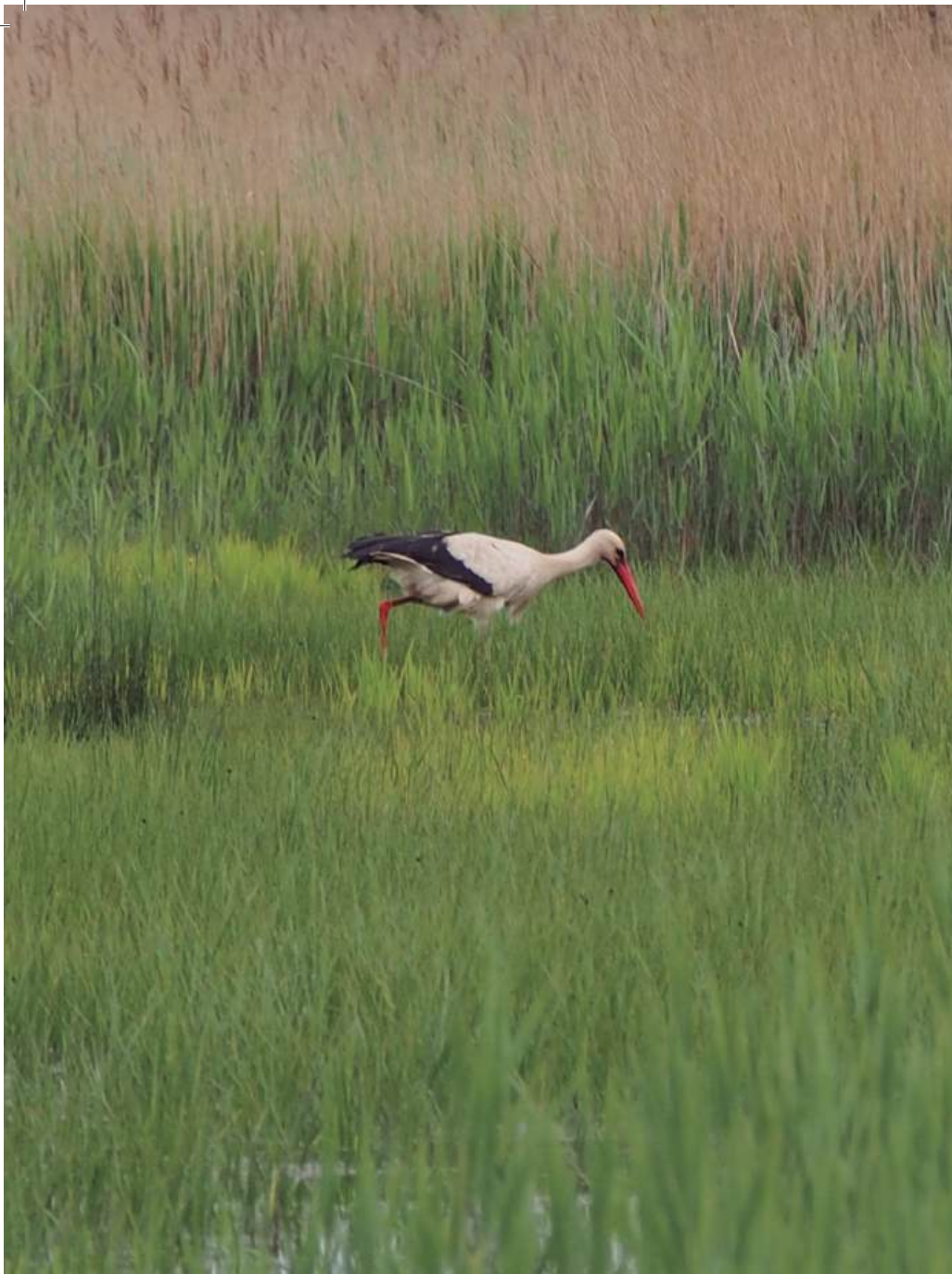
Descrição – A gaivota-de-patas-amarelas é uma ave muito comum, com uma dimensão média (com 54-60 cm de comprimento e 123-148 cm de envergadura), maior que as outras gaivotas portuguesas, com dorso e asas cinzento-claro, quase prateado. A extremidade das asas é preta, salpicada por pequenas manchas brancas. Possuem bico e patas amarelas. Ocorre um pouco por todo o litoral e ilhas costeiras. Ave omnívora e oportunista, que rouba alimento a outras gaivotas ou que pode predar ativamente (inclusive aves de menor dimensão), mas que se alimenta sobretudo de peixe e resíduos orgânicos encontrados em lixeiras e aterros. Voa normalmente em formações, com vários indivíduos, planando frequentemente em círculos a grande altitude, onde aproveita as correntes térmicas. Começa a nidificar em fevereiro em ilhas, como a Berlenga, estendendo o período de posturas até julho. A fêmea põe 2 a 3 ovos, cujo período de incubação dura entre 28 a 29 dias. Não existe um dimorfismo sexual evidente, que possa ser observado nos padrões plumagem, no entanto, tal como noutras gaivotas, os machos são maiores que fêmeas.

Distribuição natural – Reside sobretudo na Região Mediterrânica, Sul da Europa, Norte de África e Medio Oriente, e também em grande parte da Costa Atlântica da Europa ocidental. Em Portugal é uma espécie muito comum ao longo de toda a costa, nidificando em ilhas rochosas ou arenosas, falésias, lagoas, sapais e, por vezes, zonas urbanas. É fácil de observar em portos de pesca, aterros sanitários e junto do mar.

Canto – Canto muito semelhante à gaivota-de-asa-escura, com o típico chamamento “*auu...kyaa-kyaa-kyaa-kyaa...kyau*”.

Curiosidades – De acordo com o III Atlas das Aves Nidificantes de Portugal, as áreas mais importantes de nidificação no nosso país são o arquipélago das Berlengas (2397 casais, quase 50% menos, face ao dados anteriores, fruto sobretudo do controlo populacional nestas ilhas), a ilha do Pessegueiro (860-900 casais) e a cidade do Porto (593-813 casais). De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, a nível global esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, igual ao estatuto que tem também em Portugal, segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, esta espécie apenas pode ser observada em voo, junto com outras espécies de gaivotas, enquanto se desloca de e para o aterro sanitário. Confundível com as outras gaivotas, embora possua maior tamanho e a coloração do dorso sejam de um cinza mais claro (quase prateado), que a gaivota-de-asa-escura. Os juvenis são muito parecidos com os juvenis de outras espécies de gaivotas, sendo praticamente indistinguíveis dos da gaivota-de-asa-escura.



Cegonha-branca (*Ciconia ciconia*) em busca de presas nos campos alagados do Baixo Vouga Lagunar; Ilustração científica; Exemplar em voo sobre a QSF, onde a ocorrência é praticamente diária; Colônia de cegonhas em eucalipto nas proximidades da QSF.

Ciconia ciconia

Cegonha-branca

Ciconiiformes

Ciconiidae

Descrição – A cegonha é uma ave de grande porte (com 95-110 cm de comprimento e 180-218 cm de envergadura), inconfundível, que pode ser facilmente observada um pouco por todo o país. Possui um pescoço e pernas muito longos, cor branca em todo o corpo, exceto nas extremidades e todo o bordo posterior das asas, que são pretas. As patas e o bico são vermelhos. Prefere campos agrícolas abertos, sujeitos a alagamento (como arrozais), normalmente na imediação de rios e lagos. Consome pequenos vertebrados e invertebrados, bem como resíduos orgânicos que captura nas lixeiras e aterros sanitários. Embora seja capaz de voo ativo, é mais frequente ser vista a planar, em grandes grupos, a grande altitude, nas correntes térmicas. Nidifica em árvores (desde sobreiros, a pinheiros, choupos e eucaliptos), ou em construções humanas (torres de igreja, postes de telefone ou de eletricidade, chaminés de fábricas, etc.). Faz o ninho, ou reutiliza o ninho do ano anterior, com ramos, galhos (muitas vezes resultantes de sobrantes agrícolas), onde a fêmea põe apenas 3 a 5 ovos. Não existe dimorfismo sexual entre machos e fêmeas.

Distribuição natural – Presente na Europa (sobretudo na Península Ibérica e no Leste da Europa), Médio Oriente, Norte de África e Ásia Ocidental, onde nidificam, e migrando para África Subsariana e Índia, onde invernam. Em Portugal, esta espécie pode ser observada em praticamente todo o território continental, embora seja mais frequente no Sul do país. Embora exista uma população residente, a maioria das aves são migradoras e chegam todos os anos oriundas da África Subsariana. Habita normalmente na proximidade de zonas húmidas, espelhos de água, áreas pantanosas, campos agrícolas alagados e pastagens, onde procura alimento.

Canto – Praticamente não vocaliza, mas emite um característico ruído semelhante a castanholas, com o bico, sobretudo durante o período acasalamento e como forma de reafirmar a posse de um ninho antigo ou de um novo local de nidificação.

Curiosidades – Em alguns locais de nidificação, as colónias de cegonhas-brancas, podem possuir mais de 20 ninhos. Como migradora precoce a ocupação do ninho, pode ocorrer muito cedo, logo em novembro. O género *Ciconia* possui outra espécie mais rara em Portugal, a cegonha-preta (*Ciconia nigra*). A espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível mundial, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer no nosso país, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Espécie de ave muito comum na Quinta de São Francisco, facilmente observada acima da copa das árvores, onde voa em círculos nas correntes térmicas. Embora não haja registo de aves pousadas na área da QSF, a cegonha habita em árvores grandes, como choupos ou eucaliptos, nas proximidades deste local. A cegonha-branca possui uma dimensão, padrão e silhueta que são inconfundíveis, mesmo a grande altitude.



Pombo-doméstico (*Columba livia*) observado nos telhados de Aveiro; Ilustração científica; Ave em voo, onde podem ser observados os poderosos músculos peitorais; Bando de pombos, com colorações variadas.

Columba livia

Pombo-das-rochas/Doméstico

Columbiformes

Columbidae

Descrição – Ave muito comum, conhecida pela sua presença nas zonas urbanas, com 29-35 cm de comprimento e 60-68 cm de envergadura. Possui plumagem cinzento-azulada, com coloração branca na face inferior das asas. Uma marca distintiva são as duas barras alares de cor preta e os reflexos verde e roxo metálico, que possui no pescoço. A plumagem dos pombos domésticos é muito variada, indo desde o branco ao vermelho, passando pelo padrão selvagem. Ocorre em *habitats* muito diversos, desde as cidades (populações domésticas/assilvestradas) às falésias (populações selvagens). A alimentação consiste em sementes e frutos, para além de restos alimentares humanos. Este espécie possui voo ativo, muito energético, audível quando em voos a baixa altitude. Pode nidificar em qualquer altura do ano, em árvores, saliências de edifícios, penhascos, falésias costeiras e montanhas. O ninho é feito com alguns ramos finos e palha, onde a fêmea põe 2 ovos. Embora a coloração seja muito semelhante entre machos e fêmeas, os machos são ligeiramente maiores e mais pesados que as fêmeas.

Distribuição natural – O pombo-das-rochas é originário da Região Mediterrânica, Norte de África, Medio Oriente e até à Índia. Atualmente pode ser encontrado quase em todo o Mundo, graças a domesticação. Em Portugal podem ser observadas populações domésticas (que vivem em pombais), populações de pombo-das-rochas assilvestradas (que vivem frequentemente em meio urbano e onde são por vezes consideradas uma praga) e populações selvagens (que vivem em falésias e escarpas). Estas últimas são mais frequentes na Costa Sudoeste e nos vales do Tejo e Douro superiores.

Canto – Canto consiste num muito repetitivo “*druoo-u*” plangente.

Curiosidades – Esta espécie foi domesticada pelo Homem, há cerca de 5000 anos, existindo atualmente numerosas variedades com tamanhos e cores diferentes. Os pombos-correio foram extensivamente usados desde o império Egípcio até à II Guerra Mundial. Hoje estas aves participam em competições columbófilas internacionais, onde podem percorrer mais de 1000 Km e atingir velocidades de mais de 100 Km/hora. Em relação ao estatuto de conservação das populações selvagens, a nível mundial, a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN classifica esta espécie como “Pouco Preocupante”. Em Portugal, a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022 não dispõe de informação suficiente para emitir critérios de classificação.

Observação na QSF – É uma ave bastante comum e que se observa facilmente por toda a área da Quinta de São Francisco. À semelhança do pombo-torcaz e da rola, que nidificam neste espaço, é também muito provável que esta espécie o faça aqui ou nas imediações. Pode ser confundido com outros pombos, como a seixa ou o pombo-torcaz.



Seixa (*Columba oenas*) pousada num ramo; Ilustração científica; Ave pousada no solo no seu *habitat* natural, a floresta; Exemplar procurando alimento, normalmente pequenos rebentos vegetais, sementes e insetos.

Columba oenas

Seixa

Columbiformes

Columbidae

Descrição – A seixa ou pombo-bravo é um pequeno pombo (com 28-32 cm de comprimento e 60-66 cm de envergadura) e aspeto acinzentado. Possui algumas características distintivas, o pequeno tamanho, e a face inferior das asas e o uropígio cinzentos. Contrariamente ao seu congénere, o pombo-doméstico, possui as barras alares pouco marcadas. Caracteriza-se pela ausência de tons brancos, que ocorrem nas outras duas espécies de pombos europeus. Vive em áreas muito florestadas (particularmente bosques caducifólios ou pinhais), em parques extensos ou ainda em encostas rochosas, com pouca perturbação humana. Alimenta-se de rebentos e folhas de plantas, sementes e por vezes também insetos, que procura no solo. Voo similar ao dos restantes pombos, podendo voar solitariamente em grandes bandos, especialmente durante as épocas de migração. A época de nidificação começa em abril, podendo ter até duas ninhadas por ano. Nidifica preferencialmente em buracos nas árvores, onde a fêmea põe 2 ovos. Não existe dimorfismo sexual pronunciado.

Distribuição natural – Encontra-se por quase toda a Europa e a parte ocidental da Ásia. Reside sobretudo na costa Atlântica e Mediterrânica e migra para o norte, onde nidifica. No nosso país, é uma espécie migradora (invernante) em quase todo o território (especialmente a Sul do Tejo), exceto no extremo Nordeste, onde é residente. Habita zonas florestais densas (sobretudo carvalhais e pinhais), com árvores velhas, que providenciam cavidades onde pode fazer o ninho.

Canto – Possui um canto muito monótono de notas dissilábicas, ocos e plangentes “ooo-ue”, que vão crescendo ao longo da série.

Curiosidades – Esta espécie, seria no passado, antes da desflorestação das florestas naturais europeias, o tipo de pombo mais abundante. No entanto a perda de *habitat* e sobretudo a perda de árvores velhas, onde nidifica, ditaram que seja hoje, a mais rara das espécies de pombo. A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN classifica esta espécie com o estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”. No entanto a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, classifica a espécie (para a população reprodutora), como “Vulnerável”, no nosso país. Entre as razões apontadas para este estatuto de conservação, estão a restrita área de nidificação e uma redução considerável na área de distribuição.

Observação na QSF – Ave difícil de observar, não só pela sua timidez, mas também pela sua coloração e dimensões, que podem confundir-se com as do pombo-doméstico. A melhor altura para ver esta ave é durante o outono ou inverno.



Pombo-torcaz (*Columba palumbus*) pousado num ramo de abeto-falso; Ilustração científica; As coníferas, particularmente os ciprestes são das árvores favoritas desta espécie; Ave pousada num dos eucaliptos da Quinta de São Francisco.

Columba palumbus

Pombo-torcaz

Descrição – Ave de tamanho médio, sendo o pombo de maiores dimensões que existe na nossa fauna, com 38-43 cm de comprimento e 68-77 cm de envergadura, bastante comum nas florestas do nosso país. Apresenta uma forma alongada, com plumagem cinzenta no dorso e cor-de-rosa no peito. Possui uma distintiva mancha branca no pescoço e uma barra larga e branca nas asas, que facilitam a identificação da espécie. Ocorre em florestas, sobretudo de pinheiro e outras coníferas, encostas de serra, mas também no centro de cidades, em parques e jardins, onde abundem árvores. Esta ave alimenta-se sobretudo de bolotas de várias espécies de quercíneas, como o carvalho-alvarinho, a azinheira ou o sobreiro e sementes de diversos cereais, que procura nos campos agrícolas. Possui voo ativo, muito energético, sobretudo na altura reprodutiva, em que bate ruidosamente as asas, fazendo uma subida curta e íngreme e depois deslizando a pique, em voo planado. O seu ninho consiste numa plataforma simples de pequenos galhos e ervas, apoiados na base de um ramo ou em hera, onde a fêmea põe 2 ovos. O casal pode fazer 2 ou 3 ninhadas por ano. Não existe dimorfismo sexual entre machos e fêmeas.

Distribuição natural – A espécie está presente em praticamente toda a Europa (sobretudo no Sul e mais a Ocidente), Norte de África e Médio Oriente. As populações sedentárias são reforçadas no inverno por grandes bandos migradores. Por vezes, podem observar-se dezenas de milhares num só bando. Em Portugal é uma espécie residente que ocorre em todo país, sendo mais abundante no Norte que no Sul, no entanto durante o inverno, pode ser muito abundante no Alentejo. Prefere bosques e áreas florestadas, na proximidade de zonas agrícolas, mas também é comum em parques e jardins urbanos.

Canto – Canto consiste num arrulho oco e repetitivo, com 5 sílabas “dooh-doo-daaw-daaw...doo”.

Durante a época de acasalamento, emite um som áspero e abafado “hooh-hrooo...”.

Curiosidades – O nome comum desta espécie, pombo-torcaz, deriva do latim *torquatus* e deve-se ao facto de possuir uma faixa esverdeada à volta do pescoço, que lembra um colar. A subespécie *C. p. azorica* é endémica dos Açores. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível mundial, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer em Portugal, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Ave muito comum e fácil de se observar ou ouvir em praticamente toda a Quinta de São Francisco. Além de abundante durante todo o ano é um nidificante comprovado, preferindo as coníferas como o pinheiro-manso e os ciprestes, presentes neste espaço. Pode ser confundido com o pombo-das-rochas, mas a grande dimensão, a grande mancha branca nos lados do pescoço e sobretudo a barra transversal branca na parte superior das asas (visível quando em voo), tornam-no inconfundível.



Par de rolas-turcas (*Streptopelia decaocto*) avistadas em cabo elétrico nas proximidades da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Rola pousada em antena; Dois exemplares procurando alimento em campo recentemente lavrado.

Streptopelia decaocto

Rola-turca

Columbiformes

Columbidae

Descrição – A rola-turca é uma ave mais pequena e mais elegante que um pombo (com 31-34 cm de comprimento e 48-56 cm de envergadura), sendo muito comum em Portugal. Apresenta plumagem pálida, que varia entre o castanho claro e o cinzento), com a típica barra preta (delineada a branco) nos lados do pescoço. Habita zonas urbanas ou suburbanas, onde haja presença de árvores altas. Alimenta-se sobretudo de matéria vegetal, como grãos de cereais, sementes e rebentos de plantas, bagas e por vezes também alguns insetos. Apresenta frequentemente voo ativo, bastante vigoroso e durante a época de acasalamento voa quase verticalmente e depois deixa-se planar, com as asas e cauda completamente estendidas, numa demonstração de vigor, até ao local de pouso. Nidifica em árvores ou arbustos densos, com ninhos muito similares aos dos pombos, compostos por pequenas plataformas de raminhos e ervas secas, onde a fêmea põe dois ovos, podendo ao longo da época de nidificação fazer até 6 posturas. O dimorfismo sexual é muito ténue, notando-se apenas a ligeira maior dimensão dos machos.

Distribuição natural – Esta espécie tinha até ao séc. XIX a distribuição restrita desde o Sudeste da Ásia até ao Sudeste da Europa, habitando em áreas áridas ou semidesérticas, com algumas árvores e arbustos. No entanto, desde então e beneficiando da atividade humana, iniciou a colonização de climas mais frios, ocupando praticamente toda a Europa e com a introdução humana, também grande parte da América do Norte. Chegou ao nosso país apenas nos anos 70 e desde então tem vindo a multiplicar-se muito rapidamente e aumentar a sua área de distribuição natural. Em Portugal, habita áreas urbanas ou suburbanas florestadas, e também parques e jardins arborizados.

Canto – Possui um canto trissilábico muito característico, que consiste num repetitivo “*duu-duuuu-du*”, algo semelhante ao canto do cuco, à distância.

Curiosidades – Esta espécie deve o seu nome comum à sua distribuição original, que se restringia às regiões temperadas do Sudeste da Europa (incluindo a Turquia) até à Ásia. De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, a nível global esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, observando-se um aumento da sua população. No nosso país e segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, a espécie apresenta igualmente estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, apesar de há apenas 50 anos ter sido considerada muito rara no nosso país.

Observação na QSF – A rola-turca é bastante comum e fácil de observar na Quinta de São Francisco, encontrando-se normalmente pousada nos ramos das árvores mais altas deste local. É provável que nidifique neste espaço ou nas suas proximidades. Pode ser confundida com a rola-brava ou o pombo das rochas, no entanto é menos esquiva que estes animais e apresenta uma distintiva coloração castanho-clara e o característico colar preto no pescoço.



Rola-brava (*Streptopelia turtur*) exibindo a sua bela plumagem e o característico padrão laranja nas asas; Ilustração científica; Exemplar pousado sobre uma construção humana; Ave junto de um ponto de água.

Streptopelia turtur

Rola-brava

Columbiformes

Columbidae

Descrição – A rola-brava é uma ave ligeiramente mais pequena que a aparentada rola-turca (com 25-27 cm de comprimento e 49-55 cm de envergadura), muito tímida e ao contrário da sua congénere muito difícil de observar de perto. Possui uma plumagem escura e malhada, muito característica, dominada pelo padrão das suas asas, com as orlas das penas alaranjadas e um conjunto de riscas pretas e brancas no pescoço. Habita *habitats* com elevada heterogeneidade paisagística, onde haja áreas de terrenos agrícolas e pastagens, delimitados por áreas de vegetação arbórea e arbustiva. Alimenta-se no solo de matéria vegetal, como grãos de gramíneas, sementes de brassicáceas e entre as suas plantas favoritas estão, a morugem (*Stellaria media*) e a erva-moleirinha (*Fumaria officinalis*). Possui um voo nupcial muito característico, semelhante ao pombo-bravo, mas com ondulações mais ténues. Constrói o ninho em zonas florestais, procurando árvores, arbustos ou sebes altas, onde a fêmea põe dois ovos. Praticamente não existe dimorfismo sexual nesta espécie, mas fêmeas são ligeiramente mais pálidas que os machos.

Distribuição natural – Esta espécie pode ser encontrada em praticamente toda a Europa, Médio Oriente e Norte de África, onde nidifica durante o verão. Inverna na África Subsariana. Em Portugal, é uma espécie estival ou seja, só está presente na primavera e no verão. Distribui-se por todo o país, mas como nidificante é mais abundante a norte. É abundante em locais com florestas, ricas em vegetação arbustiva e que são intercalados com campos agrícolas.

Canto – O canto consiste num típico arrulho “*turrrrrrr-turrrrrrr-turrrrrrr*”, profundo, duro e vibrante, repetido várias vezes.

Curiosidades – Na Europa, a rola-brava é a ave mais pequena da família dos pombos (*Columbidae*). À semelhança de outras aves, a rola-brava forma casais para toda a vida e por isso tornou-se um símbolo religioso do amor consagrado, sendo frequentemente usada quer na mitologia romana, quer no cristianismo. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Vulnerável”, de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, com uma redução dos exemplares a nível global. Em Portugal possui estatuto de conservação de “Quase Ameaçado”, segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, evidenciando um decréscimo populacional significativo ao longo das últimas décadas no nosso país.

Observação na QSF – É uma ave que não é muito comum na Quinta de São Francisco e o facto de ser algo tímida e esquiva torna a sua observação muito difícil. No entanto é possível vê-la por vezes em voos solitários ou ouvir o seu “arrulhar” característico nas copas das árvores mais altas. Apesar de rara, é provável que nidifique neste espaço ou nas suas proximidades. Pode ser confundida com a rola-turca, mas distingue-se pelos hábitos e pelas distintivas asas e cauda malhadas.



Guarda-rios (*Alcedo atthis*) depois de uma bem sucedida pescaria; Ilustração científica; Ave pousada numa árvore na imediação de um rio; Guarda-rios depois de um mergulho, onde capturou um pequeno peixe.

Alcedo atthis

Guarda-rios

Coraciiformes

Alcedinidae

Descrição – O guarda-rios é uma ave de pequena dimensão (com 17-19,5 cm de comprimento e cerca de 25 cm de envergadura), com corpo compacto, bico e cabeça de grande tamanho e pescoço, patas e cauda curtos. Exibe cores vibrantes, com as asas serem dominadas por tons azuis-esverdeados, dorso e cauda, azul-vivo e todas as partes inferiores e mancha das faces em tons quentes, dominadas por um laranja ou vermelho-acastanhado e ainda com a garganta e lados do pescoço, brancos. Estas características físicas tornam-no numa das belas aves do nosso país, que para além disso é também um excelente nadador, capaz de fazer mergulhos espalhafatosos, durante as suas caçadas. Habita sempre nas proximidades de corpos de água, onde procura alimento, que é uma mistura de pequenos peixes de água doce, anfíbios, insetos aquáticos, moluscos, mas também, peixes marinhos e pequenos crustáceos. O voo desta espécie é muito rápido e retilíneo, normalmente a rasar a superfície da água e ao longo do rio, mas também é capaz de fazer voo estacionário enquanto está a pescar. O período de nidificação vai de abril a julho, altura em que escava um túnel nas barreiras nas margens de cursos de água, onde instala o ninho, e a fêmea põe normalmente 4 ovos. Apresenta pouco dimorfismo sexual, sendo difícil distinguir visualmente machos de fêmeas.

Distribuição natural – Ocorre em praticamente toda a Eurásia, Norte de África e Sudoeste Asiático, hibernando nestas duas últimas regiões e reproduzindo-se nas latitudes superiores. Nas regiões intermédias, como Portugal e a restante Europa Ocidental é residente durante todo o ano. No nosso país ocorre em todo o território, mas é mais comum no litoral, que no interior, sobretudo acima dos 800 metros, e também a sul do rio Tejo. Habita rios, ribeiras, valas, lagos, barragens e outras zonas húmidas, com água doce, salobra ou salgada. Frequenta também grandes estuários e lagoas costeiras, mas fá-lo normalmente fora da época de nidificação.

Canto – O chamamento mais frequente e que pode ser ouvido em voo, é uma “zii-ti”, curto, agudo e assobiado, que pode ser repetido em sequências curtas.

Curiosidades – Dentro da grande área de distribuição natural existem 7 subespécies, sendo que nosso país ocorre a subespécie *A. a. ispida*. Os guarda-rios necessitam de ingerir 60% do seu peso diariamente, pelo que são muito territoriais, controlando cada indivíduo mais de 1 km de curso de um rio ou vala. O estatuto de conservação desta espécie é “Pouco Preocupante”, quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É uma ave rara na Quinta de São Francisco, mas que pode ser ocasionalmente observada junto do lago, tanques e linha de água permanente. Quando observado, é impossível de confundir com qualquer outra ave deste local.



Cuco (*Cuculus canorus*) pousado num arbusto; Ilustração científica; Ave em voo. Note-se a similaridade do padrão da plumagem com a do gavião (*Accipiter nisus*); Macho pousado num ramo.

Cuculus canorus

Cuco

Cuculiformes

Cuculidae

Descrição – O cuco, também conhecido como cuco-canoro ou cuco-cinzento é uma ave com dimensão e forma semelhante a um gavião (com 32-36 cm de comprimento e 54-60 cm de envergadura). O cuco é uma ave bastante popular cujo canto é bem conhecido de toda a gente. Apresenta corpo alongado, cauda muito comprida e pernas curtas, e uma plumagem dominada pelos cinzentos na cabeça, dorso e peito e pelo branco com finas listras pretas no abdómen. Frequenta áreas arborizadas, em diversos tipos de *habitat*, normalmente próximo de linhas ou outros corpos de água. É uma ave insetívora, alimentando-se de insetos, principalmente lagartas de lepidópteros. Voa a velocidade moderada, com batimentos de asa regulares e com deslizes pouco frequentes. O cuco não constrói o seu próprio ninho, nem cuida das suas crias, é uma espécie que parasita os ninhos de outras espécies, normalmente de pequenos passeriformes insectívoros. Após a colocação do ovo, que mimetiza os ovos da espécie hospedeira, esta acaba por incubar o ovo, que nasce ao fim de 12 dias, antes da ninhada parasitada e expulsa os restantes ovos do ninho. Apresenta elevado dimorfismo sexual, com os machos a possuírem as partes superiores cinzentas, sendo que nas fêmeas são mais arruivadas, apresentando também um listrado no peito e garganta, amarelo e preto, em vez do padrão branco e preto, dos primeiros.

Distribuição natural – Presente em quase toda a Europa e Ásia, onde procria e invernante na África subsariana. Em Portugal, pode ser observado em quase todo o território, depois da sua chegada de África, durante o mês de março. Pode ser encontrado em todo o tipo de *habitats*, desde bosques a florestas, campos de cultivo, serras, áreas costeiras, zonas urbanas.

Canto – Apresenta o bem conhecido chamamento dissilábico, por vezes trissilábico “*goo-ko*”, que os machos emitem, sendo a primeira sílaba a ser mais intensa. As fêmeas emitem em resposta, uma sucessão de notas rápidas e agudas, “*pühühühühü...*”, que vão decrescendo em intensidade.

Curiosidades – Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022. No entanto, a população global do cuco, continua a declinar. Algumas das razões atribuídas para este declínio são a intensificação da agricultura e as alterações climáticas.

Observação na QSF – É uma ave que se ouve facilmente na Quinta de São Francisco e arredores, sobretudo durante a primavera. Pode ser visto ocasionalmente pousado em fios elétricos ou em ramos de árvores. É também provável que o cuco, nidifique neste local. Pode ser confundido com o gavião, com quem esta espécie se tenta mimetizar, mas pode ser distinguido pela forma de voar, rápida e diretamente ou seja sem voo planado.



Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) pousado num tronco seco; Ilustração científica; Ave em voo, com ventos fortes, adotando a característica forma de ancora, lembrando um andorinhão grande; Espécime em voo planado na Quinta de São Francisco.

Falco peregrinus

Falcão-peregrino

Falconiformes

Falconidae

Descrição – Ave de rapina diurna, de dimensão média (com 38-51 cm de comprimento e 89-113 cm de envergadura), que se caracteriza pelas suas asas largas e pontiagudas, cauda média e pelo barrete escuro. Frequenta sobretudo zonas rochosas, mas pode ser observado a caçar em zonas húmidas costeiras e até em meio urbano. É uma espécie quase exclusivamente ornitófaga, que se alimenta de aves com dimensões entre um chapim e um pombo-bravo, mas a sua presa favorita o pombo-das-rochas. É uma ave capaz de voo ativo, com 5 a 6 batimentos por segundo, que alterna com voo planado, normalmente com as asas curvadas para trás, parecendo um flecha. Durante os característicos voos picados a ave fecha as asas, de forma a atingir mais velocidade e mergulha sobre a presa. Nidifica normalmente de março a julho, em plataformas sobre a rocha ou em antigos ninhos de outras aves, onde a fêmea põe 3 a 4 ovos. Apesar da coloração similar, as fêmeas são muito maiores que os machos, podendo ser até 1/3 maiores.

Distribuição natural – Este falcão é uma ave extremamente cosmopolita, podendo ser encontrada em praticamente todos os locais do mundo, desde a tundra Ártica até aos trópicos. Evita apenas os grandes desertos, as florestas tropicais e as regiões polares. Em Portugal apesar de raro, esta espécie tem uma distribuição bastante alargada, frequentando sobretudo zonas rochosas da região Norte e Centro e arribas marinhas costeiras, onde constrói o seu ninho. Habita paisagens com afloramentos rochosos, em vales, serras e falésias marinhas, em locais não muito florestados.

Canto – O principal chamamento que faz, fora do período de nidificação, é um carquejo duro e persistente, “*rehk rehk rehk rehk*”. Durante o voo pode emitir um “*ee-chip*” dissilábico e agudo.

Curiosidades – Esta espécie possui 19 subespécies ao longo da sua grande área de distribuição, sendo que a que ocorre em Portugal é a subespécie *brookei*. É também o maior dos falcões da nossa avifauna e possui o recorde de ser o animal mais veloz da Terra, sendo capaz de atingir mais de 300 km/h em voo picado. A maior velocidade registada para esta espécie é neste momento de 389km/h, semelhante à velocidade de um carro superdesportivo. Esta rapina, tem sido usada em falcoaria desde há milhares de anos. É uma ave classificada com estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. No entanto, no nosso país, a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, classifica o estatuto de conservação desta espécie como “Vulnerável”, devido ao baixo número de casais em território nacional.

Observação na QSF – É uma espécie difícil de observar na Quinta de São Francisco, sobretudo devido à sua escassez a nível nacional. No entanto, pode ser observado ocasionalmente voando a grande altitude no céu deste local. Pode confundir-se com o peneireiro, mas a cor diferente, maior dimensão, e o facto de não peneirar, permitem distingui-lo.



Peneireiro (*Falco tinnunculus*) pousado na copa seca de um pinheiro; Ilustração científica; Ave a peneirar sobre um determinado ponto no solo; Exemplar pousado, enquanto perscruta o horizonte.

Falco tinnunculus

Peneireiro

Falconiformes

Falconidae

Descrição – O peneireiro é uma ave de rapina diurna, de dimensão média (com 31-37 cm de comprimento e 68-78 cm de envergadura), com as asas muito estreitas e pontiagudas, e cauda comprida. A cauda é um pouco mais comprida que noutras espécies de falcões, ficando pendente e aberta em leque, enquanto paira no ar. Apresenta plumagem castanho-alaranjado-avermelhado no dorso e face superior das asas, com o peito creme, salpicado de manchas castanhas e a cauda acinzentada, podendo ser barrada nas fêmeas. Ocupa *habitats* diversificados, normalmente campos abertos, como terrenos cultivados, urzais, charnecas, regiões costeiras e parques e jardins de centros urbanos, sempre na proximidade de bosques ou florestas. A sua dieta é composta por pequenos mamíferos (sobretudo ratos), insetos, aves e reptéis, que caça durante o período mais quente do dia (normalmente a partir do meio da manhã). Voa ativamente com movimento mais soltos e menos energéticos que outros falcões, sendo também capaz de planar lentamente usando as correntes térmicas. A sua principal característica é que lhe dá nome é “peneirar” ou seja pairar no ar com um bater de asas lento. Constrói o ninho em edifícios, escarpas ou árvores (podendo aproveitar ninhos de outras aves, sobretudo corvídeos), onde a fêmea põe 3 a 6 ovos. A fêmea apresenta maior dimensão e cauda barrada, sendo no geral menos colorida que os machos.

Distribuição natural – Presente na Europa, Ásia e grande parte de África, até às regiões equatoriais. Em Portugal é uma espécie residente (observável durante todo o ano), bastante comum, encontrando-se distribuído por todo o território, mas sendo mais abundante em zonas agrícolas, áreas abertas e nas imediações de aglomerados urbanos.

Canto – O principal chamamento consiste “*kee-kee-kee-kee...*” curto e agudo.

Curiosidades – O peneireiro é uma das muitas espécies do género *Falco*, ou seja tecnicamente é um falcão, mas que recebe o seu nome comum, peneireiro, do hábito de ficar a pairar ou peneirar sobre os locais onde estão às suas presas. Das 11 subespécies existentes a que ocorre em Portugal Continental é a subespécie *tinnunculus*, enquanto na Madeira ocorre a subespécie *canariensis*. Espécie com estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” a nível mundial, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Por outro lado no nosso país, a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, atribui-lhe o estatuto de “Vulnerável”. As principais ameaças a esta espécie estão a utilização de pesticidas (nomeadamente raticidas), perda de *habitat* e caça ilegal.

Observação na QSF – Rapina fácil de observar na Quinta de São Francisco, sobretudo quando peneiram junto de áreas menos densas e com árvores de menor porte. Esta é uma espécie que provavelmente não nidifica neste local. Pode ser confundida com outros falcões, mas distingue-se destes pela maior dimensão da cauda e pelo dorso cor de ferrugem, sarapintado de preto, com a ponta das asas quase pretas.



Perdiz (*Alectoris rufa*) pousada em arbusto; Ilustração científica; Ave em zona de matos; Exemplar em campo de milho, procurando alimento.

Alectoris rufa

Perdiz

Galiliformes

Phasianidae

Descrição – A perdiz é uma ave da família dos faisões (*Phasianidae*), com 32-35 cm de comprimento e 47-50 cm de envergadura, com forma arredondada e volumosa, e cabeça pequena. Possui uma plumagem em tons de cinzento, preto, branco e ruivo, com um padrão facial distintivo que consiste numa listra ocular preta que se prolonga até ao peito branco, transformando-se num xaile malhado de preto. Apresenta bico e patas vermelhos, com as pontas da cauda castanho-avermelhadas. Ocorre em vários *habitats*, mas prefere as terras baixas, normalmente prados e campos agrícolas mediterrânicos com cobertura de matagais, vinhas ou olivais. Possui um característico voo baixo, com um bater de asas ruidoso intercalado com pequenos deslizes planados. O período de nidificação inicia-se dezembro, com as posturas a decorrerem entre março e julho. O ninho é uma pequena cova no solo, normalmente debaixo de arbustos ou sebes, onde a fêmea põe até 20 ovos. Ambos os sexos são similares, com o macho a ser ligeiramente maior e a possuir maiores esporões nas patas, quando esta também os tem.

Distribuição natural – Espécie nativa do Sudoeste da Europa (Península Ibérica, França, Alemanha e Itália). Foi introduzida em muitos países, como é o caso do Reino Unido ou Nova Zelândia. No nosso país é uma espécie relativamente comum, que pode ser observada todo o ano, sendo mais abundante no interior e no Sul, que no litoral. Por vezes às populações naturais juntam-se efetivos resultantes das habituais largadas de aves para fins cinegéticos. A ave também pode ser encontrada nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, onde foi alvo de introduções humanas. A perdiz pode ser encontrada em grandes áreas abertas, normalmente secas, como campos agrícolas, urzais, prados, evitando frequentar áreas florestais muito densas.

Canto – O canto, que pode ser ouvido sobretudo ao amanhecer e ao final da tarde, consiste num cacarejo rítmico, com notas roucas, normalmente trissilábico “*chu chu chu ka-cheh-cheh, ka-cheh-cheh, ka-cheh-cheh, ...*”.

Curiosidades – A perdiz é uma espécie que vive em bandos que podem possuir mais de 40 indivíduos, sendo frequente vê-los próximo de caminhos ou estradas. Prefere caminhar ou correr a voar e apenas levanta voo quando perturbada. Esta ave é também uma espécie cinegética, muito cobiçada pelos caçadores. A perdiz apresenta um estatuto de conservação global de “Quase ameaçado”, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Em Portugal e segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, a espécie tem estatuto de conservação de “Pouco preocupante”. A nível global tem havido um decréscimo da população, que tem sido atribuído a diversos fatores como a caça, intensificação da agricultura e a menor disponibilidade de *habitats*.

Observação na QSF – Ave pouco comum na Quinta de São Francisco, de observação irregular. Os melhores locais para a procurar são as áreas mais abertas junto dos vários caminhos e trilhos deste local. É uma espécie inconfundível.



Felosa-poliglota (*Hippolais polyglotta*) pousada numa roseira; Ave num arbusto, junto do solo; Exemplar num tronco seco; Felosa-poliglota fazendo jus ao seu nome, a cantar numa erva.

Hippolais polyglotta

Felosa-poliglota

Passeriformes

Acrocephalidae

Descrição – Pequena ave migradora com canto extraordinário e de pequena dimensão, com 12-13 cm de comprimento e 19-20 cm de envergadura. Possui plumagem castanho-esverdeada no dorso e creme-amarelada no peito e restantes partes inferiores. Apresenta patas acastanhadas e bico bicolor, sendo mais pálido na mandíbula inferior. Ocorre em *habitats* muito diversos, sobretudo *habitats* florestais ou matagais, com coberto arbustivo denso e na orla de linhas de água. A alimentação é sobretudo insetívora, mas pode incluir alguns frutos e bagas antes da migração. Este espécie apresenta voos baixos, curtos e diretos, normalmente de arbusto para arbusto, mas faz um voo ativo de longa duração, durante as migrações. O período de nidificação inicia-se em abril e prolonga-se até julho, com o ninho a ser construído num pequeno arbusto, a partir de ervas secas, pequenos raminhos, cascas de árvores e líquenes, onde a fêmea põe 3 a 5 ovos. Dependendo da disponibilidade de alimento, uma segunda postura é possível. Machos e fêmeas não apresentam diferenças fenotípicas significativas, pelo que a sua distinção apenas pode ser feita pelo comportamento.

Distribuição natural – Nidifica na Região Mediterrânica Ocidental, desde o Sudoeste da Europa ao Norte de África. Inverna na África Ocidental subsariana. Em Portugal pode ser observado em todo o território continental, de abril a setembro, ocorrendo em orlas de bosques, matas ou florestas ripícolas, com vegetação arbustiva bem desenvolvida, sebes, silvados ou canaviais.

Canto – Canto que pode variar do melodioso ao repetitivo e que consiste em vários estalidos curtos “*tett, tre-te-te-tii*”, seguido de “*te-te-te-te-te...*” e um chilreio mais rápido (por vezes emitido a grande velocidade), semelhante ao dos pardais “*tr’r’r’r’r’r’rt*” nas áreas de nidificação. No entanto as combinações que esta espécie consegue reproduzir são extraordinárias, fazendo jus ao seu nome.

Curiosidades – O género *Hippolais* deriva do grego *hupolais*, que significa “debaixo de pedra” e o restritivo específico *polyglotta* tem também origem grega e significa “muitas línguas”, numa referência ao canto variado e harmonioso desta espécie. Em relação ao estatuto de conservação, a nível mundial, a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN classifica esta espécie como “Pouco Preocupante”. Este estatuto é partilhado em Portugal, de acordo com a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É uma ave que apenas se observa na primavera e verão na Quinta de São Francisco. Encontra-se mais frequentemente próximo das sebes e matos, junto da linha de água. Pode ser confundida com outras felosas presentes, mas distingue-se pelo tom amarelo-vivo e pelo bico, que é mais comprido.



Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*) invertido, enquanto procura pequenos insetos; Ilustração científica; Ave pousada num ramo. Note-se as cores rosadas da parte inferior; Exemplar na fonte da Quinta de São Francisco.

Aegithalos caudatus

Chapim-rabilongo

Passeriformes

Aegithalidae

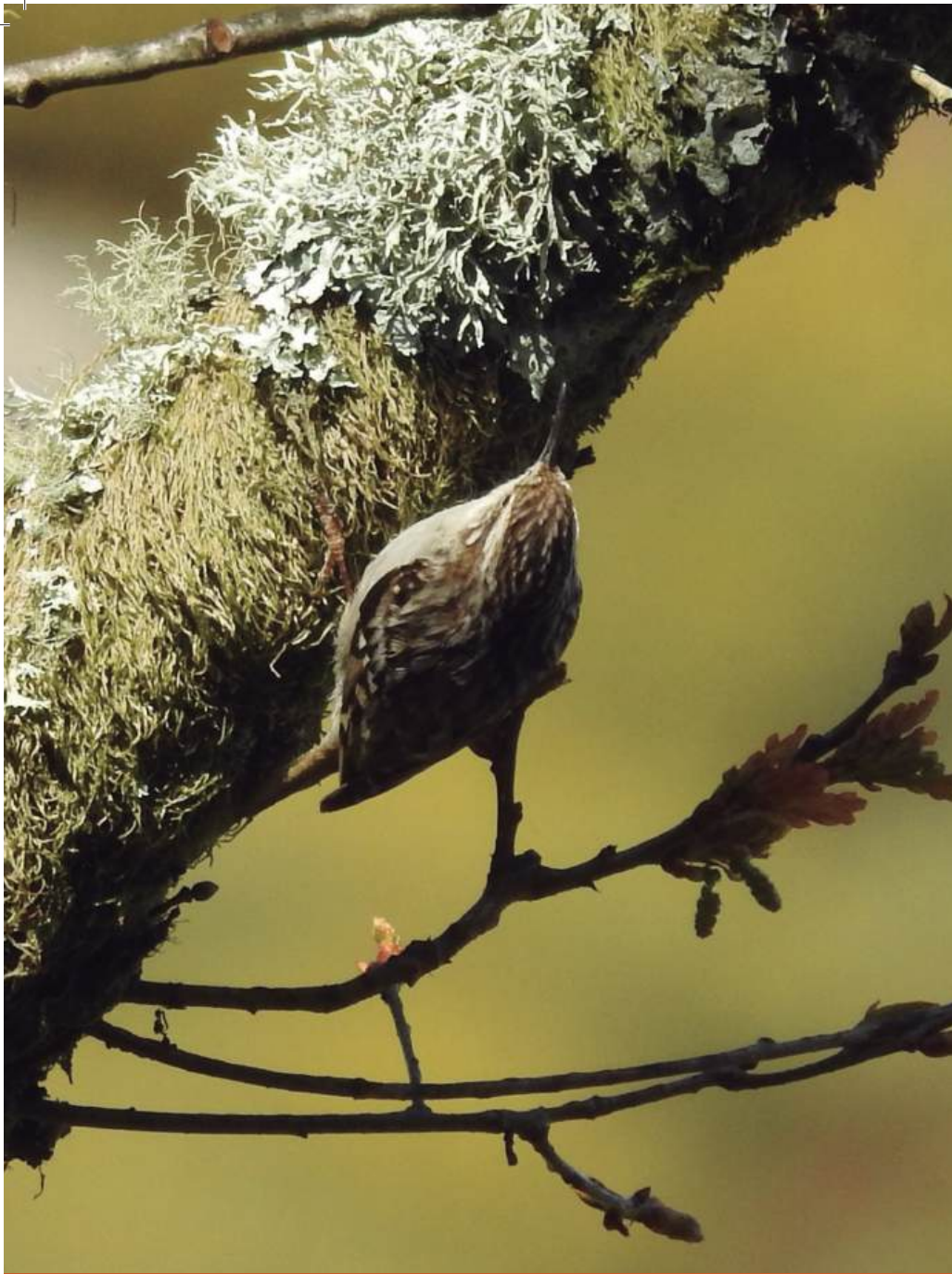
Descrição – O chapim-rabilongo é uma das aves mais pequenas da nossa avifauna, medindo 13-15 cm de comprimento (dos quais a cauda mede 7-9 cm) e cerca de 16-19 cm de envergadura. Com corpo compacto e a cauda mais comprida que o próprio corpo, parece uma bola com cauda. Exibe plumagem do dorso entre o preto e o cinzento, com o peito e partes inferiores mais claras, por vezes rosadas. A cabeça é maioritariamente preta exibindo uma característica barra preta desde o bico até à nuca e deixando uma pequena lista branca no meio. Alimenta-se sobretudo de pequenos insetos e aranhas, que captura em matas mistas e florestas ripícolas, mas inclui também na sua dieta pequenos rebentos vegetais, frutos ou sementes gordas. O voo desta espécie é baixo, lento e oscilante, normalmente entre árvores vizinhas. No início da sua época de nidificação, em março, e contrariamente a outros chapins, esta espécie não usa cavidades em árvores, mas constrói todo o seu ninho em ramificações das copas das árvores, a partir de musgo, líquenes e outras fibras vegetais, todas presas com teias de aranha, onde a fêmea põe normalmente 6-12 ovos. Sexos idênticos.

Distribuição natural – Presente em toda a Europa e com distribuição continua por grande parte da Ásia, até ao Japão. No território nacional, pode ser muito abundante localmente, sendo mais comum no interior Norte. Habita florestas caducifólias, florestas de coníferas e bosques de coníferas, apreciando descontinuidades paisagísticas, sebes e árvores maduras ou secas.

Canto – Muito barulhento quando em bando, emitindo um “*srih-srih-srih*” trissilábico e agudo e um chamamento murmurado “*zerrrr*”.

Curiosidades – O nome *Aegithalos* era o nome dado genericamente a todos os chapins por Aristóteles, sendo que o restritivo específico *caudatus* deriva do latim e significa “com cauda”, numa referência à sua longa cauda. Durante o inverno os chapins-rabilongos não migram, formam em vez disso grandes bandos familiares com 20 ou mais elementos, que defendem juntos o território, alimentam-se e dormem em grupo, o que permite a sobrevivência à estação desfavorável. Esta espécie apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco é possível observar ocasionalmente pequenos bandos de chapins-rabilongos, sobretudo na parte Norte, no bosque caducifólio, na vegetação ripícola, no carvalhal do parque de merendas e nos jardins, próximo dos edifícios do RAIZ. A nidificação deste espécie não está confirmada neste local, mas é possível. Com o corpo muito pequeno e rechonchudo, e cauda comprida, este chapim é inconfundível.



Trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*) agarrada a um tronco, de barriga para cima; Ilustração científica; Ave procurando insetos num eucalipto da Quinta de São Francisco; Indivíduo pousado num carvalho-alvarinho.

Certhia brachydactyla

Trepadeira-comum

Passeriformes

Certhiidae

Descrição – A trepadeira-comum é um pequeno passeriforme (com 12-13,5 cm de comprimento e 17-20 cm de envergadura), que tem a extraordinária capacidade de se encontrar sempre a trepar pelos troncos e ramos das árvores, procurando alimento, fazendo lembrar um pequeno pica-pau. Apresenta um peculiar bico curvado, muito comprido em relação ao corpo, que é relativamente compacto, com cauda ligeiramente comprida. A plumagem é sobretudo acastanhada, com as partes inferiores mais claras. Frequenta áreas arborizadas, preferindo bosques maduros. É uma ave insetívora, alimentando-se de insetos e aranhas, que procura nas fendas e irregularidades das cascas das árvores. Faz voos curtos, diretos e ligeiramente ondulantes de uma árvore para outra. A época de nidificação da trepadeira-comum estende-se de março a julho, com o ninho a ser construído em pequenas cavidades ou fendas nos troncos ou ainda em locais onde a casca da árvore se encontra levantada. O ninho é contruído com variados materiais que vão de pequenos raminhos, ervas, cascas de árvores a tecidos, fios e pedaços de papel, e onde as fêmeas põem 5 a 7 ovos. Curiosamente o casal pode fazer mais do que um ninho em simultâneo, sendo que nestas circunstâncias é o macho que fica responsável pelos cuidados parentais da primeira ninhada. Sem dimorfismo sexual.

Distribuição natural – Habita em quase todo o Sudoeste da Europa, incluindo toda a costa mediterrânica e partes da costa do Mar Negro e presente também no Norte de África. Em Portugal é uma espécie residente, que está bem distribuída ao longo de todo o território, preferindo áreas florestais e bosques de folha caduca maduros, com árvores velhas, sobretudo na metade Sul do país, onde aparenta ser mais abundante. Habita preferencialmente carvalhais, montados e áreas com plantações de coníferas, podendo também ser encontrada em parques e jardins urbanos.

Canto – O chamamento é muito característico e fácil de identificar, sendo algo similar ao chapim-carvoeiro, com um “tüüt, tüüt, tüüt, tüüt...” forte, límpido e repetitivo. Pode emitir ocasionalmente também um “srri”.

Curiosidades – Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022. Apesar de abundante e comum no nosso país, esta espécie é mais numerosa em áreas que possuam grande número de árvores velhas, como acontece aqui na Quinta de São Francisco.

Observação na QSF – É uma ave extremamente comum na Quinta de São Francisco, estando confirmada a sua nidificação e ocorrendo em toda as áreas que possuam árvores de grande porte, mas que pode passar despercebida pelas suas cores e hábitos discretos. Pode ser observada em locais que possibilitem a boa observação dos troncos das árvores, como por exemplo no vale, parque de merendas e na parte mais a sul da Quinta. Pode ser confundida com a trepadeira-azul, embora esta espécie não esteja confirmada para este local e apresente uma cor cinzento-azulada.



Fuinha-dos-juncos (*Cisticola juncidis*) pousada num ramo de uma árvore; Ilustração científica; Ave no meio de vegetação herbácea; Indivíduo, observado próximo da Quinta de São Francisco.

Cisticola juncidis

Fuinha-dos-juncos

Passeriformes

Cisticolidae

Descrição – Pequena ave com 10-11 cm de comprimento e 12-14 cm de envergadura, que chama à atenção pela sua imponente vocalização. Apresenta um corpo pequeno e rechonchudo, com asas e cauda curta e arredondada, e um bico fino. A plumagem é sobretudo castanha, apresentando um característico padrão riscado escuro nas partes superiores e cabeça. Vive sobretudo em prados e campos abertos, normalmente na proximidade de água. Possui uma dieta que é composta essencialmente por insetos e aranhas. A época de reprodução inicia-se em março e prolonga-se até setembro, podendo criar 2 ou 3 ninhadas por ano. Constrói os ninhos na base da vegetação, normalmente a menos de meio metro do solo, usando teias de aranha, ervas, fibras dos frutos de salgueiro e tabua. As posturas são compostas por 4 a 5 ovos, que a fêmea incuba por 13 dias. Não apresenta dimorfismo sexual evidente, exceto na época de reprodução, quando os machos apresentam o bico mais escuro que as fêmeas.

Distribuição natural – Encontra-se no Sul da Europa, Norte de África, África subsariana, Sul da Ásia e também no Norte da Austrália. Espécie residente em Portugal e comum de norte a sul do país, sendo mais abundante em zonas de baixa altitude e rara ou até mesmo ausente, em regiões montanhosas, especialmente do interior Centro e Norte. Habita zonas húmidas do litoral, como sapais, caniçais e juncais, prados com erva alta, pastagens, campos de cultivo e também terrenos abandonados próximo de zonas urbanas.

Canto – Canto muito fácil de identificar que consiste num chamamento “*chipp!*” agudo e repetitivo, emitido durante voos ondulantes, em que descreve círculos largos.

Curiosidades – O restritivo científico *juncidis* deriva do latim *iuncus*, que em português significa junco, numa referência a um dos *habitats* preferidos desta espécie, os juncais. Existem 17 subespécies espalhadas pela grande área de distribuição natural, sendo que a subespécie *Cisticola juncidis cisticola* é a que se encontra presente em Portugal. Esta ave é classificada pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, como apresentado um estatuto “Pouco Preocupante”.

Observação na QSF – Não é uma espécie muito comum na Quinta de São Francisco, sendo apenas avistada nas zonas periféricas, junto dos terrenos agrícolas, mas com muita dificuldade, pelo hábito que tem em se esconder na vegetação alta. Por vezes é mais fácil deteta-la pelo canto ritmado, enquanto executa um característico voo ondulado. Os tons acastanhados podem confundir esta espécie com outras pequenas aves insetívoras, particularmente algumas felosas.



Gralha (*Corvus corone*) pousada num monte de lenha seca; Ilustração científica; Ave pousado num eucalipto centenário; Juvenil, encontrado no solo da Quinta de São Francisco.

Corvus corone

Gralha-preta

Passeriformes

Corvidae

Descrição – A gralha-preta é um corvídeo de médio tamanho (com 44-51 cm de comprimento e 84-100 cm de envergadura), conhecido por formar pequenos bandos familiares muito barulhentos. Apresenta a plumagem inteiramente preta, por vezes com reflexos metalizados de verde e roxo-azulado e bico relativamente forte, de cor preta. Vive em múltiplos *habitats* com extensas áreas abertas e com áreas florestais próximas. Embora seja classificado como uma ave omnívora, a verdade é que é sobretudo predadora e necrófaga. Alimenta-se de invertebrados (insetos e minhocas), pequenas aves, frutos (à semelhança do gaio, tem por hábito esconder bolotas no solo, que depois germinam), sementes, mas é uma espécie oportunista procurando também restos de animais, nas estradas, aterros sanitários ou campos recentemente lavrados. Apresenta um voo direto, rápido e energético. Durante o período de nidificação, que começa em março-abril, procura grandes árvores, onde constrói o ninho com ramos, fibras vegetais e animais, e cordéis e papel humanos, e onde a fêmea põe 3 a 5 ovos. Não possui dimorfismo sexual.

Distribuição natural – Presente na Europa ocidental e com populações fragmentadas pela Ásia, até ao Japão. É uma espécie residente, relativamente frequente em todo o país, com exceção da parte mais a sul do Alentejo e no Algarve. É mais abundante na região Centro pela presença de áreas florestais de maior dimensão, que permitem a instalação dos ninhos. Pode ser encontrado em diferentes tipos de *habitats*, com exceção de áreas urbanizadas.

Canto – Possui um inconfundível chamamento “*krra krra krraa*” rouco, duro e grasnado que a torna uma ave facilmente detetável.

Curiosidades – A gralha-preta, tal como a maioria dos corvídeos são aves sociais, dotadas de elevada inteligência. São capazes de seguir objetos, mesmo que fora do campo visual e são capazes de imitar múltiplos sons, de outras espécies, inclusive a voz humana. Possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível mundial, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer em Portugal, segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Esta ave nidifica comprovadamente na Quinta de São Francisco, tendo sido observada a presença de crias não voadoras dentro do perímetro deste local. Para além de serem relativamente fáceis de ver e ouvir nos eucaliptos mais altos junto do canto mais a nordeste da QSF, é também frequente avistar todo o bando a expulsar algumas aves de rapina (por vezes de maior porte) que se aventuram nos céus deste espaço. Esta espécie é frequentemente confundida com os corvos, por apresentar as mesmas cores, mas distingue-se destes pela menor dimensão (os corvos podem ser maiores que uma águia-de-asa-redonda), cauda arredondada ou quadrada, nunca cuneiforme, e pelo hábito de se deslocar em bandos familiares, normalmente de mais de dois indivíduos.



Gaio (*Garrulus glandarius*) mostrando a variada paleta de cores da sua plumagem; Ilustração científica; Gaio pousado num tronco, sempre atento ao que o rodeia; Jovem gaio no solo da QSF depois de abandonar o ninho.

Garrulus glandarius

Gaio

Passeriformes

Corvidae

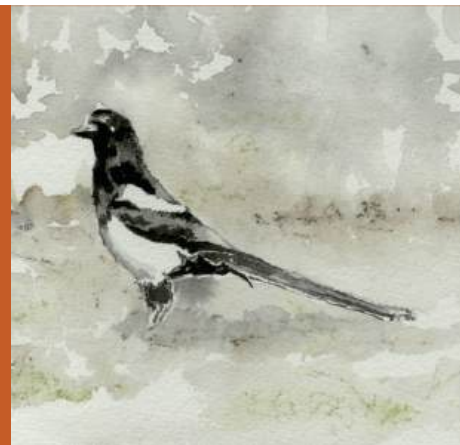
Descrição – O gaio é um pequeno corvídeo, com 32-35 cm de comprimento e cerca de 54-58 cm de envergadura. Apresenta um plumagem que chama à atenção pelas suas cores vivas, desde o bigode preto, aos vários tons de castanho do dorso, ao preto, branco e azul quase metálico das asas. Possui uma característica cauda comprida e asas curtas arredondadas. Habita em diversos tipos de floresta, desde pinhais, carvalhais ou bosques mistos. Com um dieta omnívora, esta ave alimenta-se sobretudo de invertebrados (escaravelhos e lagartas, mas que pode incluir ocasionalmente pequenos vertebrados, como reptéis ou anfíbios) a sementes e frutos, sobretudo de fagáceas (bolotas, castanhas e frutos da faia). O voo desta espécie está bem adaptado ao meio florestal onde habita, fazendo voos curtos e diretos entre pousos, evitando voar em áreas abertas. O gaio constrói o seu ninhos em árvores altas, onde a fêmea põe normalmente 5-6 ovos. Não possui dimorfismo sexual.

Distribuição natural – Ocorre em quase toda a Europa, mas também no Norte de África, Médio Oriente, Ásia central e Sudoeste Asiático. Em Portugal é uma espécie que pode ser observado em todo o país e durante todo o ano, pois é uma espécie residente. Habita sobretudo zonas florestadas, parques e jardins urbanos.

Canto – Possui um chamamento de aviso ou alerta, que consiste num característico grito rouco “*kschaach!*”, normalmente muito alto, intenso e por vezes sequencial, sendo facilmente audível numa grande área florestal, mesmo que muito densa. É também um imitador nato, reproduzindo o canto de outros animais, particularmente aves, como a águia-de-asa-redonda ou o açor. Embora cante durante todo o ano é especialmente audível durante o final do inverno.

Curiosidades – Como outros corvídeos, o gaio é capaz de planear para as suas necessidades futuras. No final do verão e início do outono, as bolotas são a principal fonte de alimento do gaio, pelo que este tem o hábito de colecionar e armazenar bolotas no outono, que servirão de alimento no inverno, antecipando a vinda da estação desfavorável. Muitas bolotas, castanhas e outros frutos são enterradas, guardadas em fendas de rochas ou buracos de árvores, mas é frequente a ave esquecer-se e muitas acabam por germinar, dando origem a uma nova geração de árvores. O estatuto de conservação desta espécie é “Pouco Preocupante”, quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É uma ave muito comum na Quinta de São Francisco, sendo fácil a sua observação ou deteção através do seu chamamento extremamente ruidoso. Embora percorra toda área florestal, esta espécie é mais frequentemente observada no vale ou carvalhais adjacentes, onde se reproduz. É comum serem observados juvenis ainda incapazes de voar no solo. Pelo seu comportamento social, formando bandos familiares muito ruidosos e pelas suas cores o gaio é uma ave inconfundível na nossa avifauna.



Pega (*Pica pica*) fotografada no solo; Ilustração científica; Ave pousado numa árvore, em meio florestal; Exemplar procurando alimento num terreno agrícola próximo, depois deste ter sido lavrado.

Pica pica

Pega

Passeriformes

Corvidae

Descrição – A pega, também conhecida como pega-rabuda é um corvídeo, ligeiramente mais pequeno que uma gralha (com 40-50 cm de comprimento e 56-61 cm de envergadura), que se destaca pela grande cauda, que representa mais de metade do seu comprimento. Para além da cauda, possui um padrão de cores preto e branco em quase todo corpo, com a ponta das asas e a cauda, a possuírem reflexos azulados e esverdeados, respetivamente. Vive em áreas semiabertas, na imediação de florestas, desde que possuam árvores maduras de grande porte. Possui uma dieta omnívora consumindo sobretudo escaravelhos, frutos, sementes (bolotas e grãos), ovos, aves ou mamíferos jovens, carcaças de animais mortos e restos de alimentos humanos. Voo direto, com batimentos rápidos das asas, seguidos de voo planado em direção ao solo. O período de nidificação vai de março a junho, com posturas com 5 a 7 ovos. Nidifica preferencialmente em árvores altas, com os ninhos a serem constituídos por pequenos ramos, raízes e argila. Não existe dimorfismo sexual pronunciado, embora os machos possam ser ligeiramente maiores que as fêmeas.

Distribuição natural – Ocorre em praticamente toda a Eurásia, desde Portugal até à Península de Kamchatka (na Rússia). No nosso país é uma ave que se encontra em quase todo o território, sendo particularmente abundante nos distritos de Portalegre e Évora. Habita zonas florestais pouco densas, afastando-se de zonas desflorestadas e florestas densas. Prefere campos de cultivo nos arredores de povoações humanas, podendo viver em parques nas cidades.

Canto – Emite um conhecido chamamento de alarme “*tsche-tsche-tsche-tsche-tsche...*”, relativamente rápido, prolongado e rouco. Quando em grupo emite outro tipo de chamamentos dissilábicos e tipo estalido, que soam a “*cha-ka*” ou “*chiah-cha*”.

Curiosidades – Com uma vasta área de distribuição natural, esta espécie possui várias subespécies, sendo que a que ocorre na Península Ibérica é a subespécie *Pica pica melanotos*. Dotadas de grande inteligência as pegas encontram-se entre os poucos animais que podem reconhecer-se num espelho, sendo também capazes de formar bandos organizados que melhoram a sua aptidão quer na caça, quer na defesa do grupo. Tanto a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, como a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, classificam esta espécie com o estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”.

Observação na QSF – A pega não é uma ave de fácil observação na Quita de São Francisco. O melhor local para a ver fica na parte mais a norte, na proximidade dos campos agrícolas, onde esta espécie procura alimento, muitas vezes em pequenos grupos familiares. É corvídeo inconfundível, que se distingue facilmente das gralhas, pela longa cauda, menor dimensão e padrão de cores.



Pintassilgo (*Carduelis carduelis*) macho no solo; Ilustração científica; Fêmea procurando alimento nos campos com cardos, um dos seus alimentos favoritos; Ave pousada em ramo de árvore durante o inverno.

Carduelis carduelis

Pintassilgo

Passeriformes

Fringillidae

Descrição – O pintassilgo é um dos mais belos passeriformes portugueses, com 12-13,5 cm de comprimento e 21-25 cm de envergadura), é uma pequena ave conhecida pelas suas cores exuberantes e belo canto. Caracteriza-se pelas asas escuras com uma barra amarela, corpo castanho claro, com o uropígio branco e a cabeça preta e branca, com a face vermelha, a ser a sua característica mais distintiva. Vive em bosques caducifólios ou mistos abertos, normalmente junto de zonas húmidas e próximo de fontes de alimento. É uma ave granívora que se alimenta sobretudo de sementes dos cardos. O voo é semelhante ao dos outros fringílídeos, rápido e ondulante. Nidifica de março a julho, em pequenas árvores ou arbustos, construindo os ninhos em ramos finos e afastados do tronco, com musgos e ervas, e forrado com sementes de salgueiro ou choupo, onde a fêmea põe 3 a 7 ovos. Esta espécie apresenta dimorfismo sexual muito ténue, mas diferenciador, com os machos a possuírem a máscara facial vermelha de maior dimensão que as fêmeas.

Distribuição natural – Encontra-se presente de forma natural na Europa, Norte de África e Ásia central e ocidental. Foi introduzido em muitos locais do mundo, desde as Américas, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Em Portugal é uma espécie residente, que pode ser observada em todo o país, mas evita áreas densamente florestadas e de altitude. É no entanto mais comum no Sul do que no Norte. Habita em bosques abertos, pomares e jardins.

Canto – Tem um canto muito característico e melodioso, que consiste num “*ticke-litt*” trissilábico, num ritmo saltitante e alegre. Também é conhecido pela nota de chamamento, por vezes em séries muito compridas, “*telitt-telitt-telitt*”, que emite quando pousado ou em voo, por vezes em bandos, que são facilmente detetáveis.

Curiosidades – O género *Carduelis*, deriva do latim “*carduus*”, numa referência ao alimento preferido desta ave, os cardos e de uma forma geral plantas da família *Asteraceae* (desde o cardo-dos-picos, dente-de-leão, tasneirinha, girassol, etc.) e *Dipsacaceae* (cardo-penteador). É uma ave de grande beleza que também pode ser encontrada também em cativeiro, no entanto a sua captura na natureza, tal como todas as aves selvagens, é proibida pelo Decreto-Lei n.º 38/2021, de 31 de maio. Esta ave tem também uma associação com o cristianismo, sendo considerada uma ave salvadora, por simbolizar a paixão de Cristo. O pintassilgo apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É uma presença frequente nos céus da Quinta de São Francisco, sobretudo junto dos campos agrícolas na parte mais a sul e quintais na parte mais a norte. A nidificação do pintassilgo neste local é possível, embora nunca tenha sido observada. Embora a forma do corpo seja similar a outros fringílídeos, como o lugre, o padrão de cores e face vermelha tornam-no inconfundível.



Verdilhão (*Chloris chloris*) pousado em cima de um cipreste (*Cupressus sempervirens*) na QSF; Ilustração científica; Ave pousada numa linha elétrica efetuando canto, demonstrando controlo territorial; Ninho de verdilhão em cipreste na QSF.

Chloris chloris

Verdilhão-comum

Carduelis chloris

Passeriformes

Fringillidae

Descrição – O verdilhão-comum é uma pequena ave do tamanho de um pardal (com 14-16 cm de comprimento e 24-27 cm de envergadura), da família dos Fringílídeos, muito comum em Portugal. Apresenta uma típica plumagem verde-amarelada, com uma característica barra alar amarelo-vivo, cauda bifurcada e um bico muito grosso. Habita áreas pouco florestadas, na proximidade de cursos de água e com fontes de alimento próximas. Alimenta-se sobretudo de sementes (incluindo grãos de milho ou sementes de girassol), frutos (bagas) e outro matéria vegetal, como rebentos de plantas ou folhas de plantas. Por vezes inclui insetos na dieta, sobretudo quando alimenta as crias. Apresenta voo direto, vigoroso e ligeiramente ondulante. Nidifica em árvores ou arbustos com copas densas, onde a fêmea constrói o ninho, com pequenos raminhos, ervas secas e musgo, e revestido com penas, onde coloca 4-6 ovos. Esta espécie apresenta dimorfismo sexual, com os machos a apresentarem cores mais vivas (verdes e amarelos) e as fêmeas com um padrão menos contrastante e mais acastanhado, com a barra alar amarela de menos dimensão e menos viva.

Distribuição natural – É uma espécie nativa do continente Europeu, Norte de África e Sudoeste da Ásia. A espécie foi introduzida em várias partes do Mundo, desde a Austrália às Américas e a algumas ilhas atlânticas como os Açores. Em Portugal, pode ser observado em todo o país, sendo mais abundante em algumas regiões como o distrito de Aveiro e Santarém. Habita áreas com elevada diversidade paisagística, com campos agrícolas, zonas florestadas pouco densas ou jardins e estando intimamente associado às atividades humanas, particularmente a agricultura.

Canto – Possui um chamamento assobiado e dissilábico muito característico, que consiste num “tilu” ou “tluih”, que emite normalmente do cimo de uma árvore ou cabo elétrico. O canto é uma mistura de chilreados e trinados, imitando perfeitamente outras aves.

Curiosidades – O nome verdilhão ou *Chloris*, que deriva do grego *khloros*, devem-se a cor verde, que predomina neste passeriforme. Esta espécie era anteriormente incluída no género *Carduelis*, mas estudos filogenéticos recentes colocaram-na no atual género *Chloris*. De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, a nível global esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”. Este estatuto é também partilhado pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Ave muito fácil de observar na Quinta de São Francisco e arredores, sobretudo no período de nidificação, na área mais aberta dos jardins e na parte mais a sul, junto dos campos de cultivo. É um nidificante confirmado, procurando normalmente árvores com a copa densa e fechada, como os ciprestes (*Cupressus spp.*), que abundam neste espaço. O verdilhão possui um padrão de cores que o pode confundir com o lugre (*Spinus spinus*), no entanto distingue-se deste pelo padrão uniforme verde-amarelado e a conspícua barra alar amarela.



Tentilhão (*Fringilla coelebs*) nos ramos de um eucalipto na Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Macho pousado no solo, em busca de alimento; Fêmea pousada numa mesa de picnic no parque de merendas da QSF.

Fringilla coelebs

Tentilhão

Passeriformes

Fringillidae

Descrição – O tentilhão é uma pequena ave, de dimensão semelhante a um pardal (com 14-16 cm de comprimento e 24-28 cm de envergadura), pouco tímida e relativamente confiante em relação ao homem, aproximando-se em busca de alimento. É facilmente identificável pela barra alar dupla e branca, lados da cauda branca e uropígio verde-acinzentado. Os machos adultos possuem o peito e abdómen de cor avermelhada com a coroa e a nuca cinzentas-azuladas, enquanto as fêmeas possuem cores menos contrastantes e sombrias. Habita quase todo o tipo de bosques e áreas florestadas. Alimenta-se no solo, sobretudo de sementes e matéria vegetal, que são complementados por invertebrados durante o período de nidificação. Possui voo direto e vigoroso, mas ondulante, sendo capaz de efetuar grandes migrações. Os ninhos são construídos exclusivamente pelas fêmeas em árvores altas e feitos de musgos, raízes e outras fibras vegetais, onde são colocados 3-6 ovos. Apresenta dimorfismo sexual evidente.

Distribuição natural – Espécie que pode ser encontrada em toda a Europa, Ásia ocidental, Norte de África e Macaronésia. Foi introduzido na África do Sul e Nova Zelândia na segunda metade do século XIX. Em Portugal, é uma espécie residente, mas cujos os números são reforçados durante o outono pela chegada de muitas aves de latitudes mais elevadas, que invernam no nosso país. Distribui-se por todo o país, mas é mais abundante na região Centro e no Sul do país. Encontra-se presente numa grande variedade de *habitats* florestais e agro-florestais, desde pinhais, montados, eucaliptais, pomares, matas ripícolas ou ainda parques e jardins.

Canto – Apresenta um canto forte e frequente, fazendo com que seja facilmente identificada a sua presença em qualquer mata ou floresta. Quando pousado emite “fink!” alegre e agudo e em voo “yupp”, mais discreto, mais muito repetido, sobretudo pelos bando em migração.

Curiosidades – O nome do género *Fringilla* foi cunhado por Lineu, pois esta palavra significa tentilhão em latim. Esta espécie é a espécie-tipo não só do género *Fringilla*, mas de toda a família *Fringillidae*. Os tentilhões têm o seu nome ligado à teoria da evolução, uma vez que foi através da observação exaustiva das várias espécies existentes nas Ilhas Galápagos, que Charles Darwin formulou esta famosa teoria. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível internacional, quer a nível nacional, de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, respetivamente.

Observação na QSF – É uma ave fácil de observar na Quinta de São Francisco, sobretudo na primavera e na área junto do vale e rica em carvalhais de *Quercus robur* e *Q. rubra*. A nidificação desta espécie está confirmada neste local, sendo muito comum ver e ouvir esta espécie na área do parque de merendas. Apesar de apresentar um corpo similar a outros fringílídeos, o padrão de cor é muito diferente de qualquer outra espécie presente neste local.



Milheirinha (*Serinus serinus*) procurando alimento num relvado; Ilustração científica; Ave pousada num espruce dos jardins da Quinta de São Francisco, durante a primavera; Exemplar em tronco de árvore centenária.

Serinus serinus

Milheirinha

Passeriformes

Fringillidae

Descrição – A milheirinha, também conhecida como chamariz, canário-bravo, serrazina ou grasina é uma pequena ave (com 11-12 cm de comprimento e 20-23 cm de envergadura), conhecida pelo seu belo canto e cor amarelada, sobretudo nos machos. Possui uma cabeça muito grande proporcionalmente ao corpo e um bico diminuto, com o resto do corpo a apresentar tons de amarelo-esverdeado, riscados longitudinalmente por riscas grossas, mais escuras. Frequenta todo o tipo de áreas arborizadas, sobretudo com coníferas. É uma ave granívora, alimentando-se de sementes e outras partes de plantas, mas que complementa a dieta com insetos durante a época de nidificação. Apresenta voo direto e ondulante. Durante a época de nidificação a fêmea constrói o ninho na ramificação de uma árvore ou arbusto denso e coloca 2-5 ovos. Os machos apresentam uma cor amarela viva na cabeça, no pescoço e ao longo do peito, enquanto as fêmeas apresentam um padrão mais pardo e muito menos amarelado que os machos.

Distribuição natural – Presente em quase toda a Europa (excetuado a Escandinávia, Reino Unido e Irlanda), Ásia ocidental e Norte de África. Em Portugal é uma espécie residente (reforçada pelas populações invernantes), que pode ser observada em todo o território, com predominância para ser mais facilmente observada no litoral, que no interior Norte. Pode ser encontrada em todo o tipo de *habitats* florestais ou até mesmo áreas agrícolas (sobretudo pomares) ou urbanas (jardins e parques), desde que possuam árvores.

Canto – Apresenta um chamamento trinado e barulhento “zir’-r’r’rl”, com um timbre normalmente agudo e límpido. Durante a primavera efetua longos cantos extremamente complexos, sendo uma das aves que produzem mais sons por unidade de tempo. Estes são uma sequência frenética de notas agudas e tilintadas, do topo de árvores, edifícios ou linhas elétricas ou ainda em voos de canto, rápidos e acrobáticos.

Curiosidades – O género *Serinus* deriva do latim *siren* numa referência ao canto destas aves se assemelhar em beleza ao canto das sereias, no entanto *Serinus* pode também ser uma corrupção do nome latino *citrinus*, numa referência à cor do limão (amarelo). A milheirinha é o parente mais próximo dos conhecidos canários (*Serinus canaria*), que têm origem na Macaronésia. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Durante a primavera, esta é uma das aves mais fáceis de observar na Quinta de São Francisco, mesmo junto dos edifícios e áreas humanizadas. Pode ser observada quando pousada em fios elétricos ou no ápice de algumas de árvores, enquanto canta, numa demonstração de controlo territorial. É uma espécie que comprovadamente nidifica neste espaço. Pode ser confundida com outros fringilídeos de cor amarelada como o verdilhão ou sobretudo o lugre, mas distingue-se destes pela cor mais amarelada, ausência de barra alar e barrete preto (no caso do lugre).



Lugre (*Spinus spinus*) num tronco caído; Ave a consumir sementes de amieiro; Exemplar masculino procurando alimento nos frutos do liquidâmbar; Bando de lugres durante o inverno na QSF.

Spinus spinus

Lugre

Carduelis spinus

Passeriformes

Fringillidae

Descrição – O lugre, também chamado de pintassilgo-verde é um pequeno fringílideo (com 11-12,5 cm de comprimento e 20-23 cm de envergadura) muito acrobático, que pode ser encontrado frequentemente de cabeça para baixo, enquanto procura alimento. Apresenta uma cor esverdeada na parte superior e mais amarelada na inferior, com as asas pretas providas de duas distintivas barras alares de cor amarela. Vive em áreas florestadas, sobretudo florestas mistas ou apenas de coníferas, aprecia áreas com linhas de água onde abundem amieiros e vidoeiros. Possui uma dieta granívora, composta maioritariamente por sementes (sobretudo de amieiro, mas também de muitas outras plantas herbáceas) e frutos (bagas, medronhos e azeitonas), mas também alguns insetos e larvas. Apresenta voo ondulado similar ao dos outros fringílideos. O período de nidificação vai de fevereiro a agosto, mas é precisamente nessa altura que esta ave migra para latitudes mais elevadas. Embora ambos tenham tons verde-amarelados, os machos diferenciam-se das fêmeas pela evidente coroa preta, que forma um barrete distintivo e cores mais vivas, enquanto que a fêmeas apresentam cores mais sóbrias e menos contrastantes.

Distribuição natural – Distribui-se naturalmente por toda a Europa (desde Portugal à Rússia), Ásia (até ao Japão) e também no Norte de África. Migra na primavera e verão para as latitudes mais a norte, onde nidifica. Em Portugal pode ser muito abundante durante o outono e inverno, vindo do Norte e interior do continente Europeu. É mais frequente no parte Norte litoral do nosso país, onde pode formar bandos numerosos, com até centenas de aves. É uma espécie essencialmente florestal, que habita quase todo o tipo de *habitats* que possuam árvores, desde carvalhais, montados, pinhais, eucaliptais, matas ripícolas, pomares ou jardins.

Canto – Possui dois chamamentos assobiados e dissilábicos “*tilu*” e “*tluih*”, que se misturam aleatoriamente, quando em bandos. O canto consiste também numa série de chilreados e trinados, no meio dos quais se podem ouvir algumas imitações perfeitas de outras aves.

Curiosidades – Esta espécie já esteve no género *Carduelis*, onde se encontra também o pintassilgo, mas estudos taxonómicos recentes colocaram-na no género *Spinus*. A espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Ave relativamente fácil de observar na Quinta de São Francisco, aparecendo por vezes em bandos de vários indivíduos, que podem ser observados no áreas de carvalhal ou jardins. Pode ser confundido com o verdilhão ou com a milheirinha, mas distingue-se destes por possuir barrete preto, bico pontiagudo e barras alares duplas de cor amarela.



Andorinha-dáurica (*Cecropis daurica*) pousada numa linha; Ave pousada no solo; Exemplar numa corda. Nestes locais podem estar bandos de grande dimensão; Andorinha em solo lamacento à procura de materiais de construção.

Cecropis rufula

Andorinha-dáurica

Hirundo daurica; *Cecropis daurica*

Passeriformes

Hirundinidae

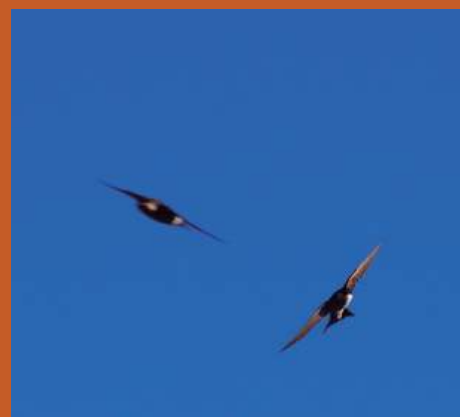
Descrição – A andorinha-dáurica, também chamada de andorinha-ruiva é uma pequena ave com 14-19 cm de comprimento e 32-34 cm de envergadura, muito semelhante à andorinha-das-chaminés em dimensão e forma, mas sem banda peitoral preta e com uma barra castanha-arruivada na nuca, com as faces arruivadas ou alaranjadas. A plumagem é sobretudo preta nas asas e cauda, com o corpo creme com um riscado difuso de cor alaranjada. Evita zonas muito florestadas preferindo prados, clareiras e campos abertos, normalmente na proximidade de cursos de água. Possui um dieta que é composta essencialmente por invertebrados, sobretudo insetos. Constrói os ninhos com lama em zonas escarpadas ou em estruturas humanas, com os ninhos a serem semelhantes aos da andorinha-das-chaminés, mas possuindo adicionalmente um túnel longo na entrada. Durante a longa época de reprodução, pode criar 2 ou 3 ninhadas, sendo as posturas compostas por 3 a 5 ovos. Esta espécie não apresenta dimorfismo sexual evidente.

Distribuição natural – No período estival, encontra-se sobretudo no Sul da Europa, Norte de África, Médio Oriente e até ao Noroeste da Índia. Inverna na África Subsariana e Sudoeste da Ásia. Em Portugal ocorre de norte a sul do país, durante o período estival, mas nunca é uma ave muito abundante. É ligeiramente mais fácil de observar no Alentejo e Algarve, sobretudo no interior. Reproduz-se em falésias, áreas montanhosas e ruínas, pontes ou outras estruturas humanas.

Canto – Menos ruidosa que a andorinha-das-chaminés, emite durante os voos em bando um “tveyk” suave e ligeiramente nasalado. O chamamento de alarme consiste num “kiir!” agudo.

Curiosidades – Esta espécie recebeu inicialmente o nome científico de *Hirundo rufula*, mas foi durante muito tempo tratada como uma das muitas subespécies da andorinha-dáurica (*Hirundo daurica rufula*, mais recentemente *Cecropis daurica rufula*). Atualmente e com base em estudos genéticos recentes a subespécie europeia da andorinha-dáurica ganhou de novo estatuto específico (*Cecropis rufula*). O género *Cecropis* tem origem no feminino grego *Kekropis*, enquanto que o restritivo específico *rufula* deriva do latim *rufulus*, que significa avermelhado. Esta ave é classificada pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, como apresentado um estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”.

Observação na QSF – Ave muito rara, que apenas pode ser avistada ocasionalmente na Quinta de São Francisco, de março a outubro. Os melhores locais para observá-la são no céu, por cima do vale, quando esta se encontra em voo planado, muitas vezes na proximidade de outras andorinhas e andorinhões. Pode ser facilmente confundida com a andorinha-das-chaminés, mas distingue-se desta pelo uropígio dourado a negro, pela ausência da mancha vermelha escura na garganta e pelo discreto padrão riscado longitudinal.



Andorinha-dos-beirais (*Delichon urbicum*) em voo ativo; Ilustração científica; Aves em voo planado num final de tarde de verão; Colónia de andorinhas-dos-beirais em edificação próximo da Quinta de São Francisco.

Delichon urbicum

Andorinha-dos-beirais

Delichon urbica

Passeriformes

Hirundinidae

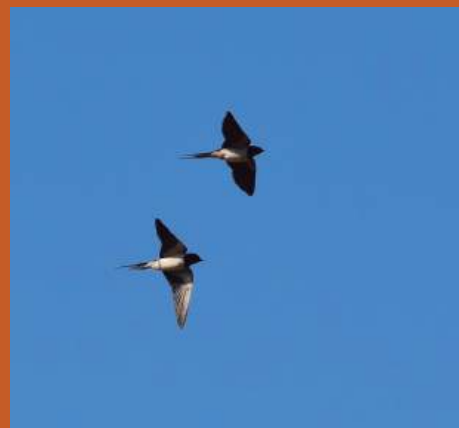
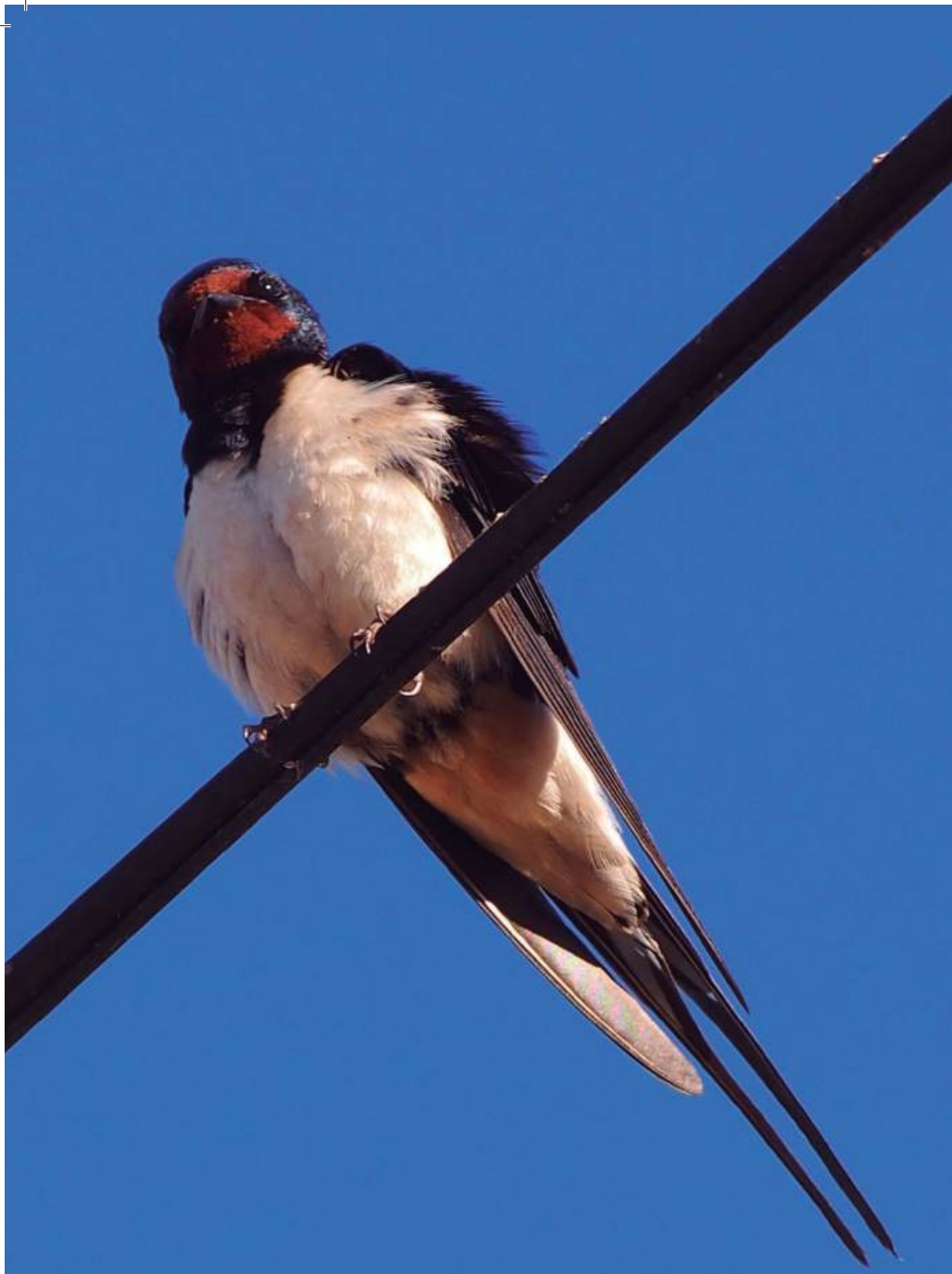
Descrição – A andorinha-dos-beirais é uma pequena ave migradora, com 13,5-15 cm de comprimento e 26-29 cm de envergadura. A sua chegada a Portugal em finais de fevereiro é vista como um anúncio da chegada eminente da primavera. Fácil de identificar pelo contraste intenso entre o uropígio branco puro e a parte superior do corpo predominantemente preta e pelos reflexos azulados na coroa, no manto e nas escapulares. Partes inferiores brancas e cauda preta, relativamente curta, levemente bifurcada. Prefere *habitats* como prados e pastagens, com cursos de água próximos, nidificando nas quintas e localidades humanas adjacentes. Alimenta-se exclusivamente de insetos (dípteros, afídeos e pequenos himenópteros alados) que captura em pleno voo. Possui um voo mais próximo dos andorinhões do que das restantes andorinhas, com maior frequência de voo planado. Durante os voos migratórios é capaz de dormir em pleno voo. Constrói o ninho, onde a fêmea põe 3 a 5 ovos, com barro e argila, normalmente em beirais, varandas ou pontes, formando por vezes grandes colónias. Não existe dimorfismo sexual nesta espécie.

Distribuição natural – Encontra-se naturalmente em toda a Europa, Médio Oriente e Norte de África, onde nidifica durante o verão. Inverna em toda a África Subsariana, até à África do Sul. Em Portugal, embora seja uma espécie estival, que está presente desde o final do inverno ao início do outono, existem alguns exemplares que invernam entre nós, sobretudo no litoral sul. É abundante em zonas urbanas junto de rios ou grandes corpos de água.

Canto – Pode ser uma ave bastante barulhenta quando em colónia, emitindo um “*prrit*”, seco e incessante. Emite também um “*chierr*” prolongado e mais agudo, quando agitada.

Curiosidades – Esta é provavelmente a espécie de andorinha mais abundante e conhecida no nosso país, sendo também a espécie que voa mais alto. O restritivo *urbicum*, deriva do latim e refere-se à presença frequente desta espécie em meio urbano. Na realidade estas aves originalmente faziam os ninhos em escarpas rochosas e grutas, mas hoje à semelhança de outras andorinhas, usa as construções humanas (no exterior, normalmente sob os beirais) com o mesmo propósito. Esta espécie possui estatuto de conservação de Pouco Preocupante”, de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Em Portugal possui exatamente o mesmo estatuto segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É uma ave fácil de encontrar nos céus da Quinta de São Francisco, durante toda a primavera e verão. Aqui procura alimento no ar, por cima do vale ou zonas ajardinadas. Não existem evidências de que se reproduza aqui, mas existem construções humanas nas proximidades (junto do rio Vouga), que albergam colónias de várias dezenas de indivíduos. Pode ser confundida com os andorinhões e outras andorinhas, nomeadamente a andorinha-das-barreiras (*Riparia riparia*), mas difere desta por possuir o uropígio e partes inferiores todas brancas.



Andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*) mostrando a sua face vermelha, numa linha elétrica; Ilustração científica; Par de aves em voo planado. Note-se as conspícuas retrizes alongadas; Juvenil, com a face alaranjada, em pleno voo.

Hirundo rustica

Andorinha-das-chaminés

Passeriformes

Hirundinidae

Descrição – A andorinha-das-chaminés é uma pequena ave com 17-21 cm de comprimento e 32-34 cm de envergadura, bastante popular na cultura portuguesa, pelo hábito de nidificar junto do homem, em muitas localidades. Apresenta cor preta com reflexos-azulados no dorso e na barra peitoral, e cor branca nas restantes partes inferiores. Possui como características marcantes o tom vermelho-sangue na garganta e na fronte, as asas longas e pontiagudas e cauda bastante forcada, com duas retrizes muito alongadas. Frequenta sobretudo áreas humanizadas, normalmente na proximidade de corpos de água. É uma espécie estritamente insetívora, que voa rente ao solo capturando sobretudo dípteros. É uma ave que demonstra grande agilidade em voo, estando especialmente adaptada a voos de longa distância. Os ninhos, em forma de tigela, são feitos pelas fêmeas com lama, onde são colocados 4 a 5 ovos. Apresenta dimorfismo sexual muito ténue, com os machos a possuírem retrizes ligeiramente mais longas que as fêmeas.

Distribuição natural – É a espécie de andorinha com maior distribuição a nível mundial, podendo ser encontrada nas Américas, África, Eurásia e Oceânia. Nidifica sempre no hemisfério Norte e inverte normalmente (exceção para as populações residentes) no hemisfério Sul. Evita apenas os grandes desertos e as regiões polares. Em Portugal é uma ave migradora estival que pode chegar no final de janeiro e ficar até outubro. É mais abundante no litoral e Sul do país. Tem por hábito nidificar em zonas humanizadas, procurando construções humanas, como alpendres, varandas, telheiros, e dentro de estábulos ou casas, procurando alimento nos campos agrícolas vizinhos, pastagens, zonas húmidas ou rios e outros corpos de água.

Canto – É uma ave muito barulhenta, quer em voo, quer quando pousada em bando. Em voo, sobretudo junto ao chão, emite um característico “vit!” alegre e agudo. O canto é bastante alto e consiste num chilreio rápido, interrompido por um crocito seco.

Curiosidades – O nome do género *Hirundo*, deriva do latim para andorinha e o restritivo específico *rustica* é uma referência ao facto da espécie ser abundante nos campos e áreas rurais. Com uma área de distribuição tão grande esta espécie apresenta várias subespécies, sendo que ocorre em Portugal é a subespécie *H. r. rustica*. É uma ave classificada com estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É a andorinha mais fácil de observar na Quinta de São Francisco, voando no céu ligeiramente acima das copas das árvores, capturando insetos alados. Apesar de localmente abundante, esta ave não nidifica neste espaço, mas sim em edificações humanas próximas. Pode ser confundida com a andorinha-dáurica, distinguindo-se desta pela cauda forcada mais longa, muito alongada e pela face muito vermelha.



Andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*) junto de uma encosta; Ave em voo; Exemplar recolhendo lama para a construção do ninho; Andorinha junto de um esteiro.

Ptyonoprogne rupestris

Andorinha-das-rochas

Passeriformes

Hirundinidae

Descrição – A andorinha-das-rochas é uma ave de pequeno tamanho (com 14-15 cm de comprimento e 32-34 cm de envergadura), conhecida também por andorinha-de-inverno, pelo facto de não migrar no nosso território. Apresenta um corpo grande e compacto, com as asas largas e pontiagudas, e cor quase totalmente castanho-acinzentada nas partes superiores e com o peito branco-acinzentado, sem banda peitoral. Frequenta sobretudo zonas rochosas, desde falésias costeiras a afloramentos mais interiores, mas pode ocorrer em áreas humanizadas, como ruínas, pontes, tuneis e barragens. É uma ave insetívora que se alimenta sobretudo de insetos voadores, mas que pode ocasionalmente capturar insetos diretamente das rochas próximo da beira de água. Possui um voo poderoso e ágil, semelhante ao dos restantes hirundídeos, mas tem preferência para voo planado, só batendo as asas em último recurso. Pode ser vista frequentemente junto de andorinhões a grande altitude, mas regula a sua altura de acordo com a disponibilidade de presas. Constrói os ninhos normalmente no início de abril, onde a fêmea põe 2 a 5 ovos, e pode tirar até 2 ninhadas anuais. Esta espécie não apresenta dimorfismo sexual.

Distribuição natural – É uma espécie que está presente desde Portugal à China, ocupando toda a bacia Mediterrânica, do mar Negro, do mar Cáspio e até às montanhas do Sudoeste da Ásia. Em Portugal é uma das poucas andorinhas que pode ser observada durante todo o ano, de norte a sul do país, habitando locais rochosos e escarpados onde pode nidificar. É no entanto mais abundante no interior e Sul do país.

Canto – Ave bastante discreta em relação ao canto, com um dos chamamentos mais frequentes a serem um “*pli*” curto e agudo, um “*piieh*” alegre e um “*tshir*” e “*trit*” curtos e chilreados.

Curiosidades – Estudos filogenéticos mostraram que o género *Ptyonoprogne*, está mais próximo do género *Hirundo*, onde encontramos a andorinha-das-chaminés, do que das outras andorinhas. Isto pode ser comprovado também pelo tipo de ninhos, em ambos os géneros os ninhos são abertos e construídos com lama, em forma de taça, enquanto nos restantes casos são ninhos fechados ou em tuneis. O restritivo específico *rupestris*, deriva do latim *rupes*, que significa rochas, numa referencia ao *habitat* desta andorinha. Apresenta um estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É um visitante ocasional dos céus da Quinta de São Francisco, podendo, por vezes ser observado a caçar insetos em voo. Embora use o espaço aéreo da QSF, esta ave não nidifica aqui, devendo nidificar nas arribas vizinhas, sobranceiras ao Rio Vouga. Pode ser confundida com outras andorinhas, como a andorinha-das-barreiras, mas distingue-se desta pela ausência de banda peitoral e pelo facto de construir ninho em forma de taça.



Andorinha-das-barreiras (*Riparia riparia*) junto de um talude, onde tem o seu ninho; Ilustração científica; Par pousado num ramo; Exemplar em voo junto do solo.

Riparia riparia

Andorinha-das-barreiras

Passeriformes

Hirundinidae

Descrição – A andorinha-das-barreiras é a mais pequena de todas as espécies de andorinha em Portugal (com 12-13 cm de comprimento e cerca de 26-29 cm de envergadura), com plumagem acastanhada na parte superior e branca na parte inferior, com exceção da cauda e asas que tem uma coloração mais escura. Possui uma característica barra castanho-acinzentada que separa a garganta do abdómen. Habita sempre na proximidade do litoral ou corpos de água doce, onde encontra taludes ou barreiras para nidificar. Apresenta um voo ágil normalmente a baixa altitude e por cima de água, onde caça ativamente pequenos insetos em pleno voo. O período de nidificação começa normalmente em março, nidificando em colónias que podem ter centenas de indivíduos. O ninho é contruído num túnel escavado nas barreiras de areia ou terra, nas margens ou proximidade de cursos de água, onde a fêmea põe normalmente 4 ou 5 ovos. Esta espécie não apresenta dimorfismo sexual.

Distribuição natural – É uma espécie migradora que passa a primavera e verão em praticamente todo o hemisfério Norte, desde o Alasca até à península de Kamchatka, com exceção da Gronelândia. Inverna a sul do equador, na América do Sul, África, até à Papua Nova Guiné, evitando apenas a Austrália, Nova Zelândia e Antártida. Em Portugal ocorre em todo o território desde o final de fevereiro a setembro, mas a sua distribuição é bastante heterogénea, dependendo da disponibilidade de *habitat*. Habita em colónias situadas em taludes ou barreiras de terra, geralmente próximo do litoral, rios ou linhas de água.

Canto – O chamamento é um “*trrrsh*”, seco e áspero que pode ser composto por séries longas e algo repetitivas e rápidas. O canto de alarme, é um “*chiir*” emitido num tom mais agudo e excitado.

Curiosidades – O nome científico do género, *Riparia*, tem origem no latim e significa ribeirão ou margem de rio, numa referencia ao *habitat* desta espécie. Com uma grande área de distribuição natural existem várias subespécies, sendo que no nosso país ocorre a subespécie *R. r. riparia*. O estatuto de conservação desta espécie é “Pouco Preocupante”, quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, apesar de se observar uma tendência de decréscimo da população mundial, provavelmente devido a perda de *habitat* pela ação humana.

Observação na QSF – É uma ave algo rara na Quinta de São Francisco, que pode ser ocasionalmente observada em voo, cruzando os céus deste espaço. Pode ser confundida com outras andorinhas, mas distingue-se pelo sua menor dimensão, pela plumagem castanha e branca, com uma característica banda castanha no peito e cauda curta.



Petinha-dos-prados (*Anthus pratensis*) pousada numa vedação; Ilustração científica; Ave pousada num poste; Exemplar procurando comida no solo.

Anthus pratensis

Petinha-dos-prados

Passeriformes

Motacillidae

Descrição – A petinha-dos-prados é uma pequena ave invernante, com 14-15,5 cm de comprimento e 22-25 cm de envergadura. Possui um bico fino, que revela a sua dieta insetívora e uma típica plumagem castanho-acinzentada, com matizes esverdeadas, amareladas ou esbranquiçadas, formando por vezes um padrão riscado ou malhado no peito. Tem preferência por *habitats* abertos, como urzais, charnecas e campos agrícolas, mesmo em zonas semiurbanas. Ave sobretudo insetívora que se alimenta maioritariamente de invertebrados, desde insetos, adultos e larvas, aranhas, caracóis, minhocas, milípedes e centípedes, mas também sementes de ervas ou pequenos arbustos. Passa muito tempo no solo, mas quando voa, apresenta um característico voo ondulante. Já no voo de canto, sobe com batimentos de asas rápidos, descendo depois com batimentos de asas rígidos. Embora não se reproduza no nosso país, o período de nidificação vai de desde março a agosto, construindo o seu ninho no solo, onde a fêmea põe 4-5 ovos. Machos e fêmeas são idênticos.

Distribuição natural – Espécie migratória que passa a primavera e verão no Norte da Europa e Gronelândia e que inverte no Sul da Europa, Norte de África e Sudoeste da Ásia (Médio Oriente). No território nacional, pode ser encontrada em todo o país, sendo mais comum a sul do que a norte. Habita campos abertos, prados, pastagens e terrenos agrícolas, normalmente encharcados.

Canto – Apresenta vários tipos de chamamento, como por exemplo o típico chamamento em voo elástico, enquanto emite um “*ist ist ist*” fino e curto. O chamamento de alarme consiste numa nota dupla tremula “*siit-itt*”. O canto consiste numa sere de notas finas e agudas, “*zi zi zi zi zi...*” algo repetitivas e com um ligeiro floreado.

Curiosidades – O nome *Anthus* era o nome dado genericamente a aves das pastagens por Plínio, o Velho, sendo que o restritivo específico *pratensis* deriva do latim e significa prado ou pastagem. À semelhança de muitas aves, a petinha-dos-prados é monogâmica e ambos os progenitores participam na alimentação dos juvenis. Esta espécie apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, no entanto tem havido um declínio da população a nível global, atribuído sobretudo à intensificação da agricultura.

Observação na QSF – Devido à sua sazonalidade, a sua observação na Quinta de São Francisco só é possível nos meses de outono e inverno, quando procura os prados e campos de cultivo vizinhos. O pequeno tamanho e o padrão malhado, permite distingui-la da maior parte das aves neste guia, mas pode confundir-se com outras petinhas (*Anthus spp.*).



Alvéola-branca (*Motacilla alba*) procurando alimento num prado, no vale da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave captada ao nível do solo, onde é frequentemente avistada; Exemplar junto do lago da Quinta de São Francisco.

Motacilla alba

Alvéola-branca

Passeriformes

Motacillidae

Descrição – A alvéola-branca é uma pequena ave (com 16,5-19 cm de comprimento e 30-32 cm de envergadura), muito comum, da família das petinhas e alvéolas. Apresenta coloração maioritariamente branca, preta e cinzenta, com um típico padrão escuro na cabeça e uma característica longa cauda preta e branca, que baloiça enquanto caminha no solo. Frequenta diversos tipos de *habitat* abertos, normalmente próximo de linhas ou outros corpos de água. Alimenta-se de pequenos invertebrados de todos os tipos, dos quais os insetos (particularmente dípteros e coleópteros) são a maioria. Apresenta voo ondulante, com subidas rápidas, seguidas de descidas controladas com as asas fechadas. Pode voar e subir rapidamente para caçar insetos pouco acima do solo, voltando depois ao solo. Nidifica de abril a julho, construindo o ninho frequentemente em estruturas humanas (telhados, pontes, ruínas, muros, etc.), na proximidade de rios ou outros corpos de água. Machos e fêmeas apresentam diferenças, com os primeiros a terem a nuca e o dorso mais pretos, enquanto nas segundas estas partes são mais claras, normalmente acinzentadas.

Distribuição natural – Pode ser encontrada na Europa, Norte de África e Ásia, com populações residentes na Europa Ocidental, Bacia Mediterrânica e no Japão e Coreia. As populações migratórias, passam o verão quase em toda a Ásia, chegando à Gronelândia e Alasca, e invernam em África e no Sul da Ásia. Em Portugal é uma espécie relativamente frequente, em vários *habitats*, com a população residente a ser mais comum na parte Norte do nosso país. Com a chegada das populações invernantes, do Norte da Europa, a situação inverte-se e a espécie torna-se mais abundante no Sul. Frequenta campos de cultivo e bosques abertos, normalmente perto de povoações e água.

Canto – Apresenta um chamamento alegre bi ou trissilábico “*tsli-vitt*” ou “*zi-ze-litt*”. O canto normal consiste em algumas notas chilreadas semelhantes ao dos andorinhões.

Curiosidades – O nome deste género, *Motacilla* é um diminutivo de *motare*, que significa em latim mover-se, numa referência ao hábito destas aves estarem sempre em movimento. O restritivo específico *alba* refere-se à cor mais clara ou esbranquiçada desta espécie, quando comparada com as outras alvéolas. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É uma ave fácil de observar na Quinta de São Francisco, enquanto caminha no solo, no vale, caminhos e jardins durante quase todo o ano. Esta é uma das muitas espécies que nidifica dentro da Quinta. Ocorre também com frequência no exterior da Quinta, juntos dos campos de cultivo a sul e junto às habitações a norte. Embora não seja confundível com outros passeriformes, esta ave pode ser confundível com outras alvéolas, particularmente com a subespécie britânica *M. alba yarrellii*, também presente, mas que possui coloração mais negra.



Alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea*) macho, enquanto canta numa árvore; Ilustração científica; Fêmea com larva de lepidopetro no bico; Exemplar caçando dípteros próximo de uma fonte.

Motacilla cinerea

Alvéola-cinzenta

Passeriformes

Motacillidae

Descrição – A alvéola-cinzenta é um ave de pequena dimensão (com 17-20 cm de comprimento e 29 cm de envergadura), muito menos frequente que a alvéola-branca. Caracteriza-se pela sua tonalidade amarelo-vivo no abdómen e uropígio verde-amarelado, dorso cinzento e babete preto logo abaixo do bico. Apresenta uma cauda mais comprida que as restantes alvéolas, que abana frequentemente para cima e para baixo. Frequenta normalmente cursos de água rápidos, de altitude, mas de inverno pode ser observada junto de lagos, estuários ou campos agrícolas próximo do litoral. É uma espécie insetívora, sendo a sua dieta composta por larvas aquáticas e adultos de insetos (efemerópteros, tricópteros, odonatas, dípteros, etc.), mas que inclui outros invertebrados aquáticos (crustáceos e pequenos moluscos). Faz voos diretos, mas ondulantes, como as restantes alvéolas. Nidifica normalmente de março a agosto, em locais como cavidades de rochas ou em construções humanas, como pontes de pedra, moinhos de água, etc., onde a fêmea põe 4 a 6 ovos. Os machos adultos apresentam um babete totalmente preto e o amarelo do abdómen é mais vivo, enquanto as fêmeas possuem um babete mais esbranquiçado e o abdómen é amarelo pálido.

Distribuição natural – Residente permanentemente em grande parte da Europa Ocidental, Noroeste de África e Ásia Ocidental, é também uma espécie migratória entre o Norte da Europa e Norte da Ásia, durante o período estival e o Sul da Europa, África, Sul da Ásia, incluindo todo o Sudeste Asiático, onde inverte. Em Portugal é sobretudo uma espécie residente, mais comum na região Norte e Centro. Habita áreas com água corrente, como linhas de água de montanha, com muitas rochas à superfície.

Canto – Canto muito semelhante ao da alvéola-branca, mas mais agudo. O chamamento de alarme é um “*süiht*” repetitivo e o canto consiste em séries curtas e mecânicas de notas agudas “*ziss-ziss-ziss-ziss*”.

Curiosidades – O restritivo específico *cinerea*, deriva do latim *cinis*, que significa cinza. Esta espécie possui 3 subespécies no território português, a subespécie *cinerea*, em território continental, a subespécie *schmitzi*, endémica da Madeira e a subespécie *patriciae*, endémica dos Açores. É uma ave classificada com estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer em Portugal, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Muito menos frequente que a sua congénere, a alvéola-branca, esta ave é pouco comum na Quinta de São Francisco, mas pode ser ocasionalmente observada às primeiras horas da manhã, no vale e junto da linha de água, e igualmente nos terrenos agrícolas e quintais vizinhos. Embora a Quinta disponibilize *habitat* para a nidificação desta espécie, é pouco provável que esta se reproduza aqui. Pode confundir-se com outras alvéolas, mas a cor mais amarelada e a cauda mais longa permite distingui-la da alvéola-branca, que é a única presente.



Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) enquanto canta num ramo; Ilustração científica; Ave pousada num ramo na Quinta de São Francisco; Exemplar pousado nos bancos de cimento junto do lago.

Erithacus rubecula

Pisco-de-peito-ruivo

Passeriformes

Muscicapidae

Descrição – O pisco-de-peito-ruivo é uma pequena ave insetívora, com 12,5-14 cm de comprimento e 20-22 cm de envergadura, com uma característica forma arredondada e volumosa, cor bastante conspícua e patas finas e longas. Possui uma plumagem em tons de castanho no dorso, desde a cabeça até à cauda, abdómen e uropígio cinzentos e a marca mais distintiva, que lhe dá nome, face e babeto cor de laranja. Ocorre em vários *habitats*, como áreas florestadas, com cobertura de matos, muitas vezes sombrios e próximo de linhas de água. Possui um voo direto, baixo, normalmente entre ramos de árvores ou arbustos e o solo, onde saltita à procura de comida. Alimenta-se de invertebrados, sobretudo insetos (adultos e larvas), aracnídeos, milípedes, anelídeos, etc., podendo ocasionalmente ingerir frutos e sementes. O período de nidificação começa em março, com os ninhos a serem construídos em pequenas cavidades de árvores, rochas, taludes ou estruturas humanas, a partir de erva seca e musgos, onde a fêmea põe 4 a 6 ovos. Ambos os sexos são similares.

Distribuição natural – Esta espécie habita praticamente toda a Europa (incluindo os arquipélagos atlânticos, Madeira, Açores e Canárias), Ásia ocidental e Norte de África, existindo populações residentes e migratórias, que vão invernar nas áreas mais a sul da sua área de distribuição. Em Portugal distribui-se por todo o país, mas durante o outono, o efetivo é reforçado com a população invernante. Frequenta sobretudo *habitats* arborizados diversos, desde florestas perenifólias, caducifólias ou mistas, galerias ripícolas, parques e jardins.

Canto – O chamamento é um “*tick*” curto, mas que pode dar origem a uma longa série, “*tick-ick-ick-ick-...*”, muito mais rápida. O chamamento de alarme é um “*tsiiih*” agudo e o canto é melodioso, composto por séries rápidas de notas agudas, trémulas e/ou estridentes, associadas de forma contínua, sem repetição de nenhum verso.

Curiosidades – O restritivo específico *rubecula*, deriva do latim *ruber*, que significa vermelho. Durante muito tempo o género *Erithacus*, foi incluído na família dos tordos (*Turdidae*), mas análises filogenéticas recentes mostraram que é mais próximo da família dos papa-moscas e chascos (*Muscicapidae*). O pisco-de-peito-ruivo apresenta um estatuto de conservação global de “Pouco preocupante”, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, estatuto que partilhado em Portugal, segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Ave muito comum na Quinta de São Francisco, que pode ser facilmente observada ou ouvida em praticamente todos os locais, nidificando comprovadamente neste local, em troncos ocos e taludes. É no entanto, mais abundante nos jardins, carvalhal, e em todo o vale, até mesmo no meio dos bambus, empoleirado a cantar ou no solo, normalmente nas sombras, a procura de alimento. O hábito de saltitar com as patas juntas no solo e as faces e peito cor de laranja-vivo, tornam esta espécie inconfundível.



Papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*) em ramo de eucalipto na Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave em ramo de pinheiro; Exemplar em cima de um tutor, durante o outono.

Ficedula hypoleuca

Papa-moscas-preto

Passeriformes

Muscicapidae

Descrição – Pequena ave migradora, de pequena dimensão, com 12-13,5 cm de comprimento e 21-24 cm de envergadura, que apenas pode ser vista no nosso país por um curto período de tempo. Possui plumagem preta ou castanha no dorso e branca ou creme nas restantes partes inferiores, com uma mancha alar branca muito característica. Ocorre em florestas ou *habitats* com árvores, normalmente na proximidade de linhas e corpos de água ou ainda do litoral. A alimentação é sobretudo insetívora (por exemplo, adultos e larvas de lepidópteros), mas pode incluir muitos outros invertebrados, como aranhas, milípedes, caracóis e minhocas. Esta espécie é capaz de fazer longos voos ativos, sobretudo noturnos, durante o período migratório. As suas longas asas são também úteis para pairar enquanto caça presas em pleno voo. O período de nidificação inicia-se em meados de abril, com o ninho a ser construído normalmente em pequenas cavidades de árvores, onde a fêmea põe 4 a 8 ovos. Durante o período de nidificação machos e fêmeas apresentam diferenças fenotípicas significativas, com os machos a terem cor preta e branca, e uma notória mancha branca na asa e as fêmeas são mais acastanhadas, com a mancha mais pequena e pálida.

Distribuição natural – Nidifica no Nordeste da Europa e Ásia central, invernando na África subsariana. Em Portugal pode ser observado de agosto a novembro, durante a passagem migratória para o sul, em praticamente todo o território continental, embora seja mais frequente junto do litoral. Ocorre em *habitats* arborizados, desde florestas a jardins e parques.

Canto – O chamamento de alarme é curto e metálico e consiste num “*pik, pik, pik, ...*” repetitivo. O chamamento comum consiste num estalido “*tec*”. Possui um canto sonoro e rítmico, que pode ser melodioso, mas com elementos repetitivos e súbitas mudanças de tom.

Curiosidades – O género *ficedula* deriva do latim “comedor de figos”, que curiosamente não é um alimento desta pequena ave, apesar de poder comer bagas de salgueiro e groselhas. Quanto ao restritivo específico *hypoleuca*, tem origem no grego e significa “parte inferior branca”, numa referência à coloração desta espécie, que é branca ou esbranquiçada desde a garganta até ao uropígio. Em relação ao estatuto de conservação, a nível mundial, a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN classifica esta espécie como “Pouco Preocupante”, embora a população europeia mostre um declínio entre 1980 e 2013.

Observação na QSF – É uma ave que apenas se observa na Quinta de São Francisco, durante o final do verão e o outono. É relativamente fácil de observa-la nos jardins e próximo dos corpos de água, em ramos de pequenas árvores e arbustos. Possui um padrão difícil de ser confundida com outras aves.



Rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*) em cima de um tutor de bambu na Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Fêmea pousada em cima um ramo; Macho pousado numa estrutura humana, local onde são muitas vezes vistos.

Phoenicurus ochruros

Rabirruivo

Passeriformes

Muscicapidae

Descrição – O rabirruivo, também conhecido como pisco-ferreiro é um pequeno passeriforme, com 13-14,5 cm de comprimento e 23-26 cm de envergadura, muito característico pelo seu canto, em cima de edifícios. Possui uma plumagem preto-acinzentada, por vezes acastanhada (no caso das fêmeas), com grande mancha alar branca, mas com o abdómen e parte inferior do peito totalmente ruivos, que estão na origem do nome comum. Apresenta um característico, quase nervoso, vibrar de cauda, quando pousado. Ocorre em vários *habitats* não densamente florestados, maioritariamente em ambiente urbano e zonas rochosas. Possui voo ativo, direto, muito manobrável quando tenta capturar insetos em pleno ar. O período de nidificação inicia-se no final do mês de fevereiro, construindo o ninho em orifícios e cavidades de edifícios ou em escarpas rochosas, onde a fêmea põe 4 a 6 ovos. As fêmeas são mais acastanhadas, que os machos, que são preto-acinzentados.

Distribuição natural – Espécie verdadeiramente euroasiática, que se distribui desde Portugal até à China. Apresenta populações residentes sobretudo na Europa central, sendo que nas restantes áreas migra entre as latitudes mais a norte (como a Escandinávia) e os territórios mais a sul, como o Norte de África, Península Arábica ou Índia). No nosso país é uma espécie que pode ser observada em quase todo o território, mas com as populações residentes a estarem sobretudo a norte do Tejo e limitando-se a estarem apenas junto da faixa litoral no Sul. Estas populações são reforçadas pela chegada de muitos invernantes. Naturalmente esta espécie estaria associada a *habitats* rochosos, não muito arborizados, como falésias costeiras, encostas pedregosas, desfiladeiros, etc., no entanto as construções humanas (casas, muros, pontes, etc.) permitiram uma maior distribuição, beneficiando a espécie.

Canto – O chamamento consiste num “*vist*” agudo e repetitivo. O canto, que é efetuado durante a madrugada e ao raiar do sol, consiste em alguns assobios e repetição das notas, que lembram o amachucara de papel “*si-srüt til-ill-ill-ill-ill... (krschkrs-chkrsch) srüsvisvi?*”, seguidos de pausas.

Curiosidades – O nome científico desta ave tem origem no grego antigo e refere-se à cor avermelhada ou alaranjada da cauda. O rabirruivo apresenta um estatuto de conservação global de “Pouco Preocupante”, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Em Portugal, e segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, a espécie tem igualmente estatuto de conservação de “Pouco preocupante”.

Observação na QSF – Ave fácil de observar na Quinta de São Francisco, sobretudo junto da zona edificada, tanques e jardins. É uma das espécies que se reproduz comprovadamente neste local, aproveitando orifícios nas estruturas humanas (por exemplo a antiga casa de Jaime de Magalhães Lima, onde é possível ouvir os juvenis a serem alimentados). Apresenta um canto e padrões de coloração que são inconfundíveis.



Cartaxo (*Saxicola rubicola*) numa típica demonstração territorial; Exemplar masculino; Ave num ramo espinhoso com larva de lepidóptero; Ave no topo de um arbusto.

Saxicola rubicola

Cartaxo

Saxicola torquatus rubicola

Passeriformes

Muscicapidae

Descrição – O cartaxo é um pequeno passeriforme (com 11,5-13 cm de comprimento e 18-21 cm de envergadura), muito comum e conspícuo, que se destaca pelo seu comportamento e contraste de cores. É uma ave muito territorial e com uma coloração singular, particularmente os machos que apresentam a cabeça preta, com um semi-colar branco e peito manchado de laranja. Vive em zonas abertas ou semi-abertas com pouca ou nenhuma cobertura arbórea. Possui uma dieta sobretudo à base de invertebrados (insetos, moluscos, anelídeos, aracnídeos, etc.), mas que pode ocasionalmente incluir algumas bagas e sementes. Voo curto, não muito rápido e ligeiramente ondulado. Por vezes pode pairar sobre um local em busca de alimento. Tem por hábito pousar em postes, vedações, fios elétricos e arbustos baixos, de onde caça e onde regressa para ingerir a sua presa. O período de nidificação começa em fevereiro, podendo criar 2 a 3 ninhadas por ano e com posturas com 4 a 6 ovos. Nidifica no solo ou a pequena altura, em ervas ou arbustos densos. A espécie apresenta um dimorfismo sexual pronunciado, com os machos a possuírem uma maior e mais contrastante paleta de cores, e as fêmeas a serem mais claras e acastanhadas.

Distribuição natural – Ocorre em praticamente toda a Europa, com exceção da Escandinávia e regiões mais orientais e na região mediterrânica, incluindo o Norte de África. No nosso país é uma ave que se encontra em quase todo o território, sendo particularmente abundante no Alentejo, Estremadura e Beira Interior. Habita áreas abertas com vegetação escassa ou rasteira, como campos agrícolas, pastagens, montados, urzais, sapais, dunas, desde o alto de algumas montanhas até ao litoral.

Canto – Emite chamamento de alarme estridente e agudo, algo semelhante ao do rabirruivo, consistindo num “*vist trak-trak, vist...*”. Apresenta um canto chilreado e estridente, algo monótono.

Curiosidades – O nome do género *Saxicola*, tem origem no latim *saxun*, que significa rocha e *incola*, que significa viver, talvez porque um dos *habitats* desta espécie são urzais de altitude, em montanhas e colinas rochosas. Esta espécie já teve o nome *Saxicola torquatus rubicola*, ou seja era considerado uma subespécie do cartaxo-africano, mas hoje existem fortes evidencias que suportam o estatuto de espécie do cartaxo europeu (*Saxicola rubicola*). Tanto a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, como a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, classificam esta espécie com o estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”.

Observação na QSF – Ave pouco comum na Quinta de São Francisco, que só aparece pontualmente nas imediações. O melhor local para a ver fica na parte mais a norte, na proximidade dos campos agrícolas limítrofes e em cima de vedações, ervas ou pequenos arbustos. Quando observado é inconfundível, sobretudo os machos que apresentam um singular padrão de plumagem preto na cabeça, colar branco e peito alaranjado.



Chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*) no bambusal da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave em meio florestal; Exemplar no final do inverno, pousado num salgueiro-negro.

Cyanistes caeruleus

Chapim-azul

Parus caeruleus

Passeriformes

Paridae

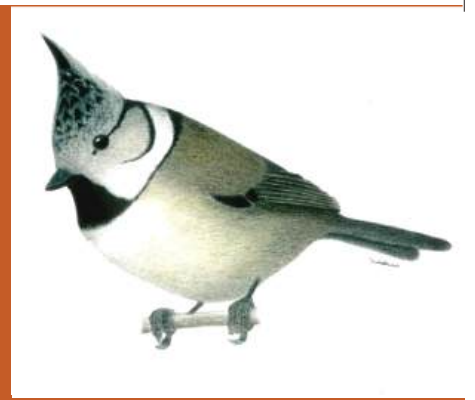
Descrição – O chapim-azul é uma pequena ave (com 10,5-12 cm de comprimento e 12-14 cm de envergadura) e que se caracteriza pela sua bela plumagem em tons de azul. É uma das aves mais coloridas da nossa avifauna, com tons de amarelo e verde sobre o azul dominante. Possui um característico barrete azul, lista ocular preta e a face branca, com as partes inferiores amarelas e asas azuladas, com o dorso esverdeado. Ocorre em *habitats* florestais e meios arborizados. A alimentação é sobretudo insetívora (larvas de lepidópteros), mas pode incluir outros pequenos invertebrados, incluindo aranhas. Esta espécie apresenta voos curtos e lentos, entre ramos de uma mesma árvore ou entre árvores diferentes. O período de nidificação vai de abril a julho, com o ninho a ser construído em cavidades de árvores, caixas-ninho, muros e outras estruturas humanas a partir de musgos, ervas secas e pelos de animais, e onde a fêmea põe 5 a 8 ovos. Machos e fêmeas não apresentam diferenças fenotípicas evidentes, no entanto as cores das fêmeas são ligeiramente mais pálidas.

Distribuição natural – Chapim verdadeiramente pan-europeu, que se distribui desde Portugal à Rússia e da Escandinávia à Turquia, também presente na região do Médio Oriente. Em Portugal pode ser observado em todo o território continental, sobretudo em *habitats* florestais, com florestas mistas, e parques e jardins, sobretudo com árvores velhas, como é o caso da Quinta de São Francisco.

Canto – Ave com grande número de chamamentos, sendo que o mais comum é um “*sisisüdu*”, rápido e agudo. O chamamento de alarme são uma série de notas “*ker’r’r’r’r’rek-ek-ek*”, por vezes algo nervosas no final. Por sua vez o canto consiste em duas notas agudas, por vezes repetidas rapidamente “*siih siih, si-sürrrrr*”.

Curiosidades – Esta espécie sempre esteve dentro do género *Parus* que é o nome latino para chapim, no entanto estudos filogenéticos recentes, mostraram que o chapim-azul separou-se evolutivamente cedo das outras linhagens de chapins, daí ser considerado atualmente num género separado. *Cyanistes* significa em grego, azul-escuro e *caeruleus* significa exatamente o mesmo, mas em latim. Em relação ao estatuto de conservação, a nível mundial, a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN classifica esta espécie como “Pouco Preocupante”. Este estatuto é também partilhado em Portugal, de acordo com a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, sendo que a população desta espécie encontra-se bastante estável a nível mundial.

Observação na QSF – Esta é uma ave muito comum e fácil de observar na Quinta de São Francisco. Nidifica neste local garantidamente, sendo visto e ouvido frequentemente nas áreas ajardinadas, em constante movimento nos ramos das árvores em busca de pequenos insetos e aranhas. Pode confundir-se com outros chapins, particularmente o chapim-real, mas possui menor dimensão e um distintivo barrete azul, em vez de preto.



Chapim-de-poupa (*Lophophanes cristatus*) num dos bancos de cimento da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave pousada em sinalética em frente à casa de Jaime de Magalhães Lima; Exemplar durante o outono.

Lophophanes cristatus

Chapim-de-poupa

Parus cristatus

Passeriformes

Paridae

Descrição – O chapim-de-poupa ou chapim-de-crista é um pequeno passeriforme, com 10,5-12 cm de comprimento e 17-20 cm de envergadura, que se destaca pela sua característica poupa ou crista no topo da cabeça. Caracteriza-se por possuir um padrão preto e branco na cabeça, com as partes superiores acastanhadas e as inferiores branco-sujo. Vive em áreas florestais e bosques de qualquer tipo. É uma ave sobretudo insetívora que se alimenta principalmente de insetos e aranhas, mas que durante o inverno ingere também sementes. O voo é algo semelhante ao dos outros chapins, fazendo voos curtos e rápidos entre árvores próximas, normalmente em bandos. É igualmente capaz de pairar no ar quando a sua atenção é despertada por uma potencial presa. Nidifica a partir de março, construindo os ninhos em buracos nas árvores, que escava com o seu próprio bico, procurando por isso árvores secas, já podres. O ninho é feito com musgo e pelos de animais, onde a fêmea põe 6 a 7 ovos. Não existe dimorfismo sexual, ou seja os machos são semelhantes às fêmeas.

Distribuição natural – Encontra-se presente em toda a Europa, desde a costa atlântica portuguesa até aos Urais, na Rússia. Em Portugal é uma espécie residente durante todo o ano e que pode ser observada em todo o país, evitando apenas as áreas e parques urbanos. Habita sobretudo *habitats* florestais, como pinhais e outras florestas de resinosas, carvalhais, sobreirais, montados, bosques mistos, florestas ripícolas e até mesmo olivais.

Canto – O chamamento consiste num trinado “*burrurret*” borbulhante e alegre. O canto por sua vez consiste numa série de notas curtas e agudas “*zit*”, por vezes emitidas alternadamente “*zi-zi-züt burrrurre zi-zi-züt burrrurre zi-zi-züt burrrurre...*”, num tom rápido.

Curiosidades – Esta espécie foi inicialmente colocada no género *Parus*, por Lineu, mas posteriormente mudada para o género *Lophophanes*, pelas diferenças que possui em relação aos restantes chapins. O nome *Lophophanes* deriva do grego e significa mostrar crista, enquanto o restritivo específico *cristatus* tem origem no latim e significa provido de crista, numa referencia à poupa ou crista desta pequena ave. O chapim-de-poupa apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – É uma ave que pode ser observada ocasionalmente na Quinta de São Francisco, sendo o chapim menos abundante neste espaço. Pode ser visto e sobretudo ouvido nas zonas de carvalho e plantações mistas. A nidificação do chapim-de-poupa neste local é possível, embora nunca tenha sido confirmada. A poupa ou crista, bem como o padrão de cores, tornam este chapim inconfundível.



Chapim-real (*Parus major*) exibindo as suas vibrantes cores; Ilustração científica; Ave num eucalipto na Quinta de São Francisco; Juvenis de chapim-real, antes de abandonarem o ninho.

Parus major

Chapim-real

Passeriformes

Paridae

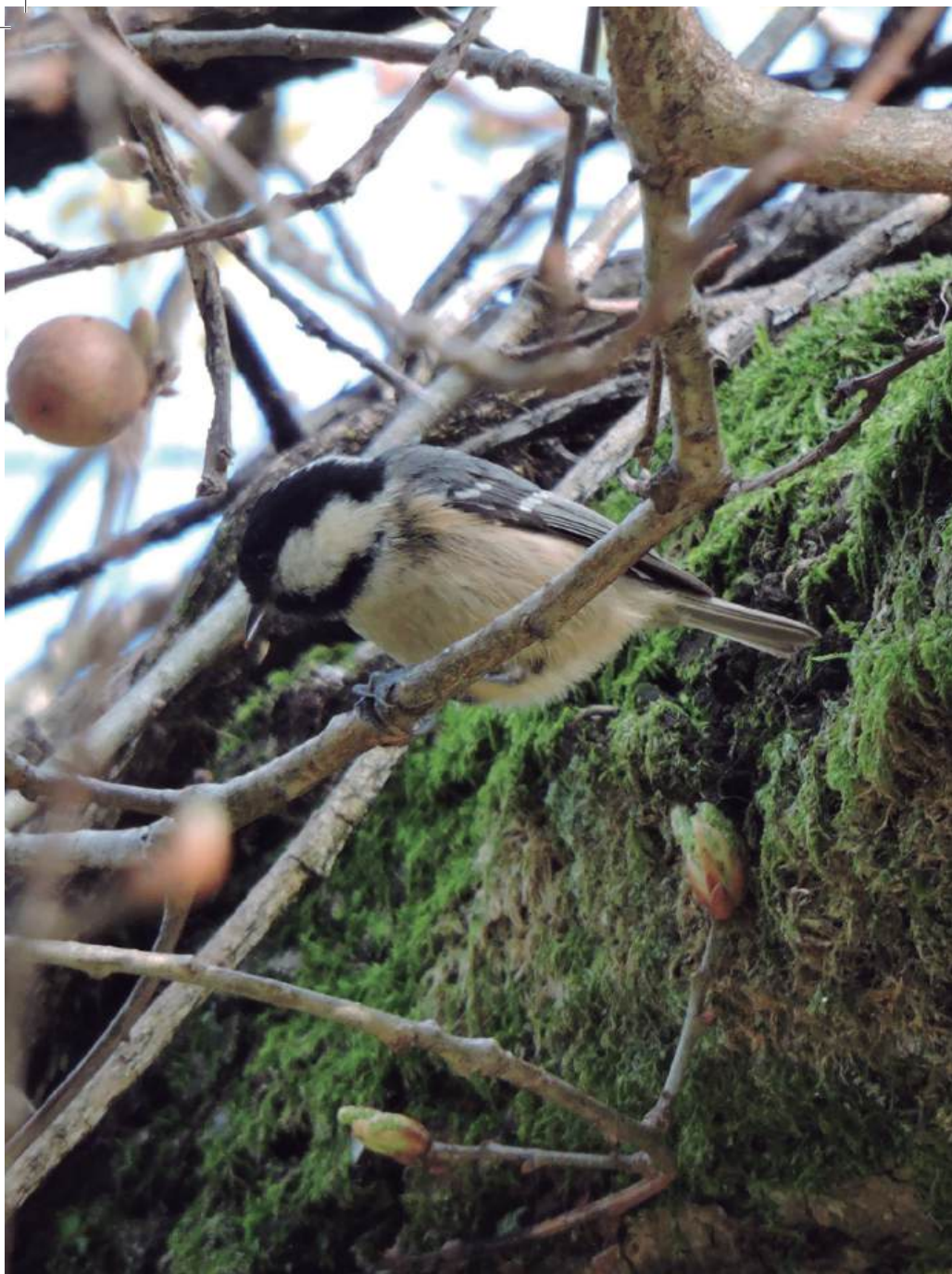
Descrição – O chapim-real é uma pequena ave, aproximadamente do tamanho de um pardal (com 13,5-15 cm de comprimento e 23-26 cm de envergadura), residente e muito comum em Portugal. Apresenta uma típica plumagem com as partes inferiores amarelas, com uma barra central negra que vai do bico à cauda, e cabeça preta, com as faces brancas. Habita áreas florestadas, surgindo muitas vezes aos pares ou pequenos grupos. Possui uma alimentação muito variada, que é sobretudo insetívora, mas que inclui frequentemente bagas e sementes. Apresenta voo direto e ondulante, sendo muito ágil em meio florestal. Nidifica em árvores velhas, onde procura cavidades naturais, mas também usa com frequência caixas ninho, onde a fêmea constrói o ninho, sobretudo a base de musgos, e onde coloca 3-9 ovos. Esta espécie apresenta ténue dimorfismo sexual, com os machos a apresentarem cores mais vivas (amarelo mais brilhante), barra central mais larga e contínua, e as fêmeas cores mais ténues e barra mais estreita.

Distribuição natural – É uma espécie presente em toda a Europa, Norte de África e estendendo a sua distribuição para leste, até ao Norte da China. Em Portugal, pode ser observado em todo o país, em *habitats* florestais de todo o tipo. Habita desde pinhais a montados, florestas ribeirinhas e bosques mistos, olivais, mas também em parques e jardins.

Canto – Possui um canto muito diversificado que vai desde um “*ping ping*” ou um “*si yutti yut-ti*”, muito animado. O chamamento de alarme é algo semelhante ao da pega “*che-che-che-che-che...*”. No final do inverno, emite um canto trissilábico “*ti-ti-ta, ti-ti-ta, ti-ti-ta, ...*”, com diferentes velocidades, que se assemelha à palavra “*chapim*”.

Curiosidades – O nome científico *Parus major*, deriva do latim e significa chapim maior, numa alusão ao seu maior tamanho, quando comparado com os outros chapins. Ao longo da sua extensa área de distribuição existem várias subespécies reconhecidas, sendo que em Portugal existem duas, a nominal (*P. m. major*), no Norte do país, e a *P. m. corsus*, na restante área. De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, a nível global esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”. Este estatuto é também partilhado pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Ave muito fácil de observar e ouvir na Quinta de São Francisco, sobretudo durante a primavera, sendo frequente observa-la especialmente no vale, carvalhal e área dos jardins. É um nidificante confirmado, procurando normalmente árvores velhas (que abundam neste local), com cavidades, que lhe permitam a construção dos ninhos. O chapim-real pode por vezes ser confundido com outros chapins, como o chapim-carvoeiro e o chapim-azul, mas possui maior dimensão e um padrão de cores, marcado pelas partes inferiores amarelas com barra central negra longitudinal.



Chapim-carvoeiro (*Periparus ater*) num carvalho-alvarinho na Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave pousada num ramo fino, durante a primavera; Exemplar caçando num azevinho, nos jardins da Quinta de São Francisco.

Periparus ater

Chapim-carvoeiro

Parus ater

Passeriformes

Paridae

Descrição – O chapim-carvoeiro é um pequeno chapim (com 10-11,5 cm de comprimento e 17-21 cm de envergadura), muito comum nas nossas matas e florestas. Possui um tom cinzento escuro no dorso, com as partes inferiores castanho-acinzentadas, cabeça preta, com faces brancas e uma mancha branca na nuca. Habita áreas florestadas, sobretudo áreas com coníferas. Alimenta-se sobretudo de insetos e aranhas, que são complementadas com plantas, especialmente sementes de coníferas, durante o inverno. À semelhança de outros chapins, possui voo direto e ondulante, sendo muito ágil em *habitat* florestal e capaz de pairar momentaneamente no ar em busca de presas. Os ninhos são construídos em cavidades de árvores, rochas, ou até mesmo no solo, entre raízes, e são forrados com musgos, onde as fêmeas colocam 8-10 ovos. Machos e fêmeas muito semelhantes, com os machos a exibirem apenas um preto mais brilhante (ligeiramente azulado) na cabeça e garganta.

Distribuição natural – Esta espécie pode ser encontrada em quase toda a Eurásia, desde Portugal até à Península de Kamchatka, na Rússia. Também se encontra presente pontualmente no Norte de África. Em Portugal é uma espécie residente, mas que é mais comum no litoral Norte e Centro. Pode ser observada durante todo o ano, mas torna-se mais fácil de ver e ouvir durante a primavera. Encontra-se presente em *habitats* florestais, como bosques de coníferas (pinhais), florestas mistas ou ainda próximo de áreas urbanas, como parques e jardins.

Canto – Apresenta um chamamento quase melancólico “tüüh” ou “tih tüh-e”, composto de notas agudas e límpidas. O canto consiste num “sitchu-sitchu-sitchu-sitchu-...”, algo semelhante ao do chapim-real, é normalmente feito a partir das árvores mais altas, sendo muito repetitivo e fácil de escutar nas florestas portuguesas.

Curiosidades – O nome do género *Periparus* refere-se à extrema semelhança deste género com o género *Parus*, como o chapim-real, do qual o chapim-carvoeiro parece um primo pequeno e descorado, daí o epíteto específico *ater*, que significa preto descorado. Esta espécie possui ao longo da sua área de distribuição várias subespécies, sendo que a que ocorre em Portugal é a subespécie *P. a. vieirae*. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível internacional, quer a nível nacional, de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, respetivamente.

Observação na QSF – É uma ave muito abundante na Quinta de São Francisco, tornando-se fácil de observar e ouvir, ao início do dia. A nidificação desta espécie está confirmada neste local. Pode ser confundido com outros chapins, nomeadamente com o chapim-real ou com o chapim-azul, mas distingue-se destes pelas cores mais pardas (sem amarelo ou azul) e pelo menor tamanho, em relação ao primeiro.



Pardal (*Passer domesticus*) num campo agrícola próximo da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave pousada na beira de um caminho rural; Exemplar numa linha elétrica.

Passer domesticus

Pardal

Passeriformes

Passeridae

Descrição – O pardal é uma pequena ave (com 14-16 cm de comprimento e 25 cm de envergadura), sendo possivelmente o mais conhecido e onnipresente de todos os passeriformes. Apresenta um corpo robusto e bico grosso, que revela a sua dieta, sobretudo granívora (sementes cultivadas pelo Homem), mas que complementa com invertebrados (insetos, aranhas e minhocas) durante a época de nidificação. Apresenta voo ativo, direto e não ondulante. Quando no solo, a ave saltita em vez de caminhar. Durante a época de nidificação os ninhos são construídos com palhas, folhas e penas, em edifícios, sobretudo telhados, postes, árvores e no meio de ninhos de cegonha, onde a fêmea coloca 3-5 ovos. Os machos possuem um tom castanho escuro no dorso, com um grande babete preto e com coroa cinzenta, enquanto as fêmeas apresentam um tom castanho mais claro, sem babete, nem coroa cinzenta.

Distribuição natural – Presente naturalmente em praticamente todo o continente Euroasiático (excetuado os Himalaias, Desertos de Taklamakan e o extremo Norte da Escandinávia e da Rússia), e Norte de África. É a ave selvagem com maior distribuição mundial, apesar do seu ponto de origem inicial ter sido no Médio Oriente, à cerca de 10000 anos, a partir de onde se espalhou com a agricultura. Posteriormente foi introduzido pelo Homem, em várias regiões do Mundo, América do Norte e do Sul, África subsariana, Austrália, Nova Zelândia e várias ilhas. Em Portugal é uma espécie relativamente abundante em todo o território, que por vezes se concentra junto das localidades. Espécie extremamente associada ao Homem, frequenta sobretudo áreas habitadas, desde zonas urbanas a campos agrícolas.

Canto – Apresenta uma grande variedade de chilreados. Durante a época de nidificação emite “*chilp chev chilp chelp chürp...*”, em longas séries de sons monossilábicos. O som de alerta é um típico matraqueado “*cher’r’r’r’r’r’r*”.

Curiosidades – O nome científico desta espécie, *Passer domesticus*, deriva do latim e significa pássaro doméstico, aludindo aos seus hábitos e relação com os humanos. Existem 12 subespécies reconhecidas a nível mundial, sendo a que ocorre em Portugal, é a subespécie *P. d. domesticus*. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022. Apesar do aumento de área de distribuição a nível mundial, tem havido uma redução populacional na Europa Ocidental, associada às alterações na agricultura e o aumento do uso de pesticidas.

Observação na QSF – Provavelmente será a ave mais comum e fácil de observar na Quinta de São Francisco, sobretudo na parte mais a norte, junto dos edifícios, áreas humanizadas ou empoleirado nas linhas elétricas, junto da estrada. Nidifica comprovadamente neste local, usando por vezes os telhados de edifícios antigos como local para a construção dos ninhos. O pardal só pode ser confundido com outros pardais, nomeadamente o pardal-espanhol e o pardal-montês, mas distingue-se pela presença da coroa e faces cinzentas.



Felosinha (*Phylloscopus collybita*) num louro-cerejo da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Exemplar procurando alimento no solo; Exemplar num dos eucaliptos da Quinta, procurando néctar nas flores.

Phylloscopus collybita

Felosinha

Passeriformes

Phylloscopidae

Descrição – A felosinha é uma ave diminuta, com apenas 10-12 cm de comprimento e 15-21 cm de envergadura, muito ativa durante o inverno, entre a folhagem das árvores. Apresenta um aspeto rechonchudo e pequeno, com o dorso a apresentar uma tonalidade castanho-olivácea e as partes inferiores mais pálidas, ligeiramente amareladas. Frequenta diversos tipos de *habitat*, preferindo *habitats* florestais densos, como matas ribeirinhas. Possui um dieta que é composta por insetos e aranhas, mas que é complementada também por néctar de algumas plantas com floração invernal, como o eucalipto. Apresenta um voo direto de árvore para árvore, mas é capaz de pairar quando em busca de uma presa. Curiosamente para uma ave que passa a maior parte do tempo em árvores, a felosinha nidifica no solo, pode criar até 2 ninhadas por ano, sendo as posturas compostas por 4 a 7 ovos. Machos e fêmeas apresentam um padrão de cores muito semelhante, mas os machos tem normalmente maior dimensão.

Distribuição natural – Durante o período estival, encontra-se no Centro e no Norte da Europa e da Ásia (até à parte mais oriental da Sibéria). Inverna no Sudoeste da Europa, Norte de África e África subsariana, e ainda no Sudoeste da Ásia (incluindo Paquistão e Índia). Em Portugal ocorre de norte a sul do país, sendo abundante durante o inverno, e preferindo os bosques de baixa altitude.

Canto – Possui um chamamento que é um “*hüitt*” assobiado, algo semelhante ao da felosa-musical. O canto é uma série de notas mono ou dissilábicas, límpidas e forçadas, entoadas lentamente em dois ou três tons “*silt sült sült sult silt silt sult sült sült silt ...*”.

Curiosidades – A grande semelhança física entre espécies do género *Phylloscopus*, levou os naturalistas do século XVIII e XIX a separarem as diversas espécies com base no canto. O género *Phylloscopus* tem origem grego *phyllo*, folha e *scopus*, ver, provavelmente numa referência à frequente presença destas aves em árvores e meio florestal, enquanto que o restritivo específico *collybita* deriva também do grego e significa agitar moedas, numa alusão ao canto desta pequena ave. Esta ave é classificada pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, como apresentado um estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”. Apesar da população europeia se manter estável, em Espanha a espécie apresenta estatuto de conservação de “Quase Ameaçada”.

Observação na QSF – Ave particularmente abundante na Quinta de São Francisco, especialmente durante o inverno, quando bandos numerosos de aves se reúnem na copas de árvores deste local. Pode ser facilmente observada e ouvida no extremo mais a noroeste e em todo o vale da Quinta. Confunde-se com a felosa-musical e com a felosa-ibérica, que são muito semelhantes, mas que apenas estão presentes na Quinta durante o período estival.



Felosa-ibérica (*Phylloscopus ibericus*) pousada numa silva; Ave num ramo seco; Exemplar junto de um sabugueiro; Ave num bosque ripícola, um dos *habitats* preferenciais da espécie.

Phylloscopus ibericus

Felosa-ibérica

Passeriformes

Phylloscopidae

Descrição – A felosa ou felosinha-ibérica é um pequeno passeriforme, com 10-12 cm de comprimento, que se faz notar sobretudo pelo canto monossilábico descendente, durante a primavera e verão. Destaca-se pela sua cor verde seca, muito semelhante à da felosinha, com patas escuras e bico muito fino. Como *habitat*, prefere bosques e matagais frescos, e florestas ripícolas, próximo de rios e valas, normalmente na proximidade do litoral. Alimenta-se sobretudo de insetos, com a dieta a ser provavelmente muito semelhante à da felosinha. Possui um voo ativo direto que usa entre árvores e apesar do pequeno tamanho é capaz de migrar milhares de quilómetros até África onde passa o inverno. A biologia de reprodução desta espécie está mal estudada, mas pensa-se que será muito semelhante à da felosinha. Não existe dimorfismo sexual evidente nesta espécie, com os machos e fêmeas a apresentarem um padrão de cores muito semelhante.

Distribuição natural – Espécie endémica da Península Ibérica, mas que estende a sua distribuição também até à parte Noroeste do continente africano. Inverna na costa atlântica da África subsariana. Em Portugal, durante o verão, é comum em todo o país, mas prefere a faixa litoral, procurando *habitats* ribeirinhos, com galerias ripícolas bem desenvolvidas.

Canto – O chamamento que é um “*piütt*” algo discreto e tímido, muito menos agudo que o da felosinha. O canto é um série de notas monossilábicas descendentes, encadeadas, repetidas normalmente 6 vezes, com um uma espécie de assobio final “*piüt piüt piüt piüt piüt piüt hiüt-vürrurr*”.

Curiosidades – O reconhecimento da felosa-ibérica como espécie é muito recente e só foi feito em 2016, até aí pensava-se que se tratava de uma subespécie da felosinha (*Phylloscopus collybita*). A felosa-ibérica apesar de ser muito semelhante, possui cor mais brilhante, canto muito diferente e diferenças genéticas que explicam a reorganização taxonómica. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN e em Portugal possui estatuto semelhante segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Apesar das muitas semelhanças com a felosinha, a felosa-ibérica é uma espécie que se pode ouvir e observar na Quinta de São Francisco, desde fevereiro até setembro. É comum em todo o vale, nas árvores e arbustos junto da linha de água, em busca de insetos. Facilmente confundível com outras felosas, especialmente a felosinha, apenas se pode identificar pela diferença no período de observação (que só se sobrepõem temporalmente durante o mês de março) e pelo canto e chamamento, que é monossilábico.



Felosa musical (*Phylloscopus trochilus*) num campo na proximidade da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave pousada numa árvore; Exemplar demonstrando os seus dotes vocais.

Phylloscopus trochilus

Felosa-musical

Passeriformes

Phylloscopidae

Descrição – A felosa-musical é uma pequena ave com 11-12,5 cm de comprimento e 16-22 cm de envergadura, muito destemida e que se destaca pelo seu belo canto. Embora seja semelhante às restantes felosas, sobretudo a felosinha, a felosa-musical tende a ser ligeiramente maior, mais amarelada, e com a lista supraciliar mais clara e proeminente. Frequenta sobretudo áreas arborizadas, desde florestas mistas (com coníferas e espécies caducifólias), até matagais com arbustos altos, pomares, sebes e jardins. É uma espécie maioritariamente insetívora (incluindo larvas e ovos), mas que pode alimentar-se de pequenos moluscos e frutos de roseira e sabugueiro, durante o inverno. As asas mais longas e finas que a felosinha, permitem voos rápidos e de longa distância, que podem ter mais de 200 km, durante as migrações. Os ninhos feitos de ervas secas, folhas, musgos, pelos e penas são construídos ao nível do solo, numa moita de ervas ou em arbustos, onde são colocados 4 a 8 ovos. Possui um dimorfismo sexual muito ténue, com os machos a serem ligeiramente maiores que as fêmeas, apesar de ambos terem plumagens semelhantes.

Distribuição natural – Nidifica no Norte e Centro de toda a Eurásia e inverte na África Subsaariana. Em Portugal encontra-se apenas nas passagens migratórias, particularmente na migração outonal para África (de agosto a novembro), em que podem ser observadas e ouvidas milhares de aves. É observável numa grande variedade de *habitats*, preferindo áreas florestais, com árvores e arbustos altos, próximo de linhas de água, bosques de montanha, parques e jardins urbanos.

Canto – Possui um chamamento que recorda um assobio, “*huitt*”, dissilábico. O canto em tom descendente, com as notas iniciais rápidas e agudas, lembra um assobiar suave “*sisisi-vüy-vüy-vüy svi-svi-vi tuuy tuuy tuuy si-si-sviyy-sü*”, que se repete várias vezes.

Curiosidades – Esta espécie migratória pode voar cerca de 24000 km nas viagens de ida e volta desde o Sul de África até ao extremo oriente Russo, o que é surpreendente para uma ave de apenas 8 gramas. Apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022. Apesar deste estatuto, a população mundial está em declínio, devido sobretudo à perda de *habitat*, mas em Portugal é uma espécie comum, que não apresenta declínio populacional significativo.

Observação na QSF – A felosa-musical pode ser observada e ouvida na Quinta de São Francisco apenas no final do verão e no início da primavera, durante as suas passagens migratórias do Norte da Europa para a África Subsaariana, e vice-versa. Durante estas passagens pode ser confundida com a felosinha e com a felosa-ibérica, mas distingue-se pela lista supraciliar esbranquiçada, patas alaranjadas e asas mais longas que as suas congéneres.



Estrelinha-real (*Regulus ignicapilla*) no bosque ripícola da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave junto da fonte S. Francisco; Exemplar com uma larva de lepidóptero.

Regulus ignicapilla

Estrelinha-real

Passeriformes

Regulidae

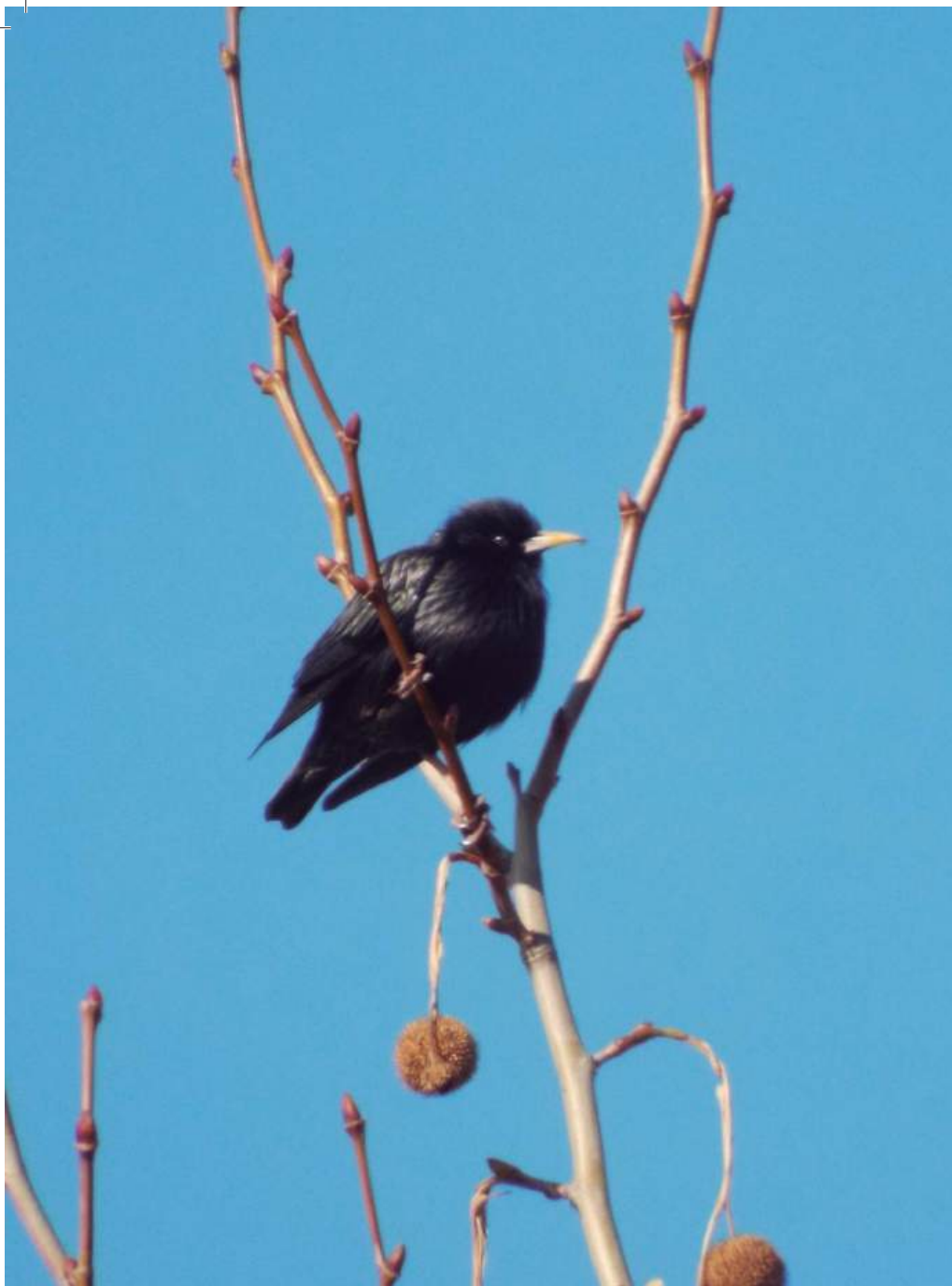
Descrição – A estrelinha-real é uma das mais pequenas e coloridas aves da nossa avifauna, com 9-10 cm de comprimento e 14-16 cm de envergadura. A sua pequena dimensão, corpo rechonchudo, junto com as cores vistosas que exhibe (cor esverdeada com a cabeça listrada de amarelo-alaranjado, rodeado de preto, formando uma coroa erétil) tornam-na quase inconfundível. Prefere *habitats* arborizados naturais ou humanizados (parques e jardins), normalmente junto de cursos de água. Possui uma alimentação exclusivamente insetívora, capturando insetos nas copas das árvores ou em pleno voo. Possui um voo direto, pouco ondulante e relativamente rápido, e apesar de ser uma ave de 5,5 g consegue fazer voos de centenas de quilómetros. Constrói o ninho em árvores altas, normalmente no meio de heras, usando musgos, líquenes, pequenos raminhos, presos com teias de aranha, onde a fêmea põe 7 a 12 ovos. Possui dimorfismo sexual ligeiro, com os machos a exibir a coroa laranja e as fêmeas a serem mais amareladas.

Distribuição natural – Encontra-se naturalmente em grande parte da Europa e partes do Norte de África. Nesta área há populações residentes, mas também há populações do extremo Norte e Leste a migrarem para as regiões Sul. Em Portugal, pode ser encontrada em todo o país, embora seja mais frequente na metade Norte. É comum em bosques caducifólios, povoamentos mistos ou de coníferas, normalmente próximo de linhas água.

Canto – O canto consiste na repetição de uma nota fina e aguda, com maior potência no início e terminando num breve trinado. Chamamento caracterizado por uma nota inicial longa e acentuada, seguida de 2 ou 3 notas curtas, de tom e velocidade ligeiramente crescentes “züü-zü-zi-zi”, seco e incessante.

Curiosidades – O nome do género *Regulus*, significa pequeno rei ou príncipe, numa alusão ao adorno tipo coroa, que lhe enfeita a cabeça. Também o restritivo *ignicapilla* (por vezes referido incorretamente como *ignicapillus*), faz referência às penas de cor amarela viva que lhe adornam a cabeça, significando cabelo (*capillus*) ardente (*ignis*). Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Em Portugal possui exatamente o mesmo estatuto segundo a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco a estrelinha-real ocorre principalmente no bosque ripícola, que se encontra a meio da mesma, sendo também frequente a sua presença nos jardins próximo dos edifícios, sobretudo nos sobreiros que aqui se encontram. Devido ao seu pequeno tamanho a sua deteção é mais fácil de fazer pela escuta das suas vocalizações. Embora nunca tenha sido comprovada, a sua nidificação na Quinta pode considerar-se como provável. Pode ser confundida com a estrelinha de poupa, que nunca foi vista neste local. Distingue-se desta pela presença de uma listra superciliar branca e uma listra ocular preta.



Estorninho-preto (*Sturnus unicolor*) pousado numa árvore próxima da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave pousada numa chaminé; Duas espécies de estorninho (o preto e o malhado) juntas procurando alimento num relvado.

Sturnus unicolor

Estorninho-preto

Passeriformes

Sturnidae

Descrição – O estorninho-preto é uma ave de pequena a média dimensão, com cerca de 19-22 cm de comprimento e aproximadamente 38-42 cm de envergadura. Distingue-se pela plumagem preta uniforme com reflexos metálicos esverdeados, roxos ou azulados, visíveis sob boa iluminação. Apresenta cauda curta, bico fino e pontiagudo (amarelo durante a época reprodutora) e patas rosadas. Prefere *habitats* abertos e diversificados, como campos agrícolas, olivais, montados, bosques mistos, áreas urbanas e zonas com árvores isoladas. Nidifica frequentemente em áreas com presença humana, aproveitando estruturas artificiais, evitando vastas áreas de floresta densa, sobretudo de coníferas. Costuma alimentar-se no solo, mas também em árvores e arbustos, procurando insetos, larvas, minhocas, frutos, sementes e até restos alimentares. Possui um voo direto, rápido e ágil que lhe permite escapar aos predadores. A época de reprodução ocorre a partir de março, com a construção de ninhos em cavidades de árvores, edifícios antigos, ruínas, minas ou penhascos, onde as fêmeas põem geralmente entre 2 a 6 ovos azul-claros, incubados por cerca de duas semanas. Esta espécie possui pequenas diferenças entre os sexos, com os machos a serem ligeiramente maiores e possuírem bico com a base azul, quando nas fêmeas esta cor é mais rosada.

Distribuição natural – É uma espécie endémica do Sul da Europa e Norte de África, com distribuição concentrada na Península Ibérica, onde é amplamente comum. Em Portugal, ocorre em todo o território continental, sendo especialmente frequente em zonas agrícolas e paisagens humanizadas, como o vale do Tejo, onde é muito abundante. É uma espécie residente, mantendo-se nos seus territórios ao longo do ano. No final do verão podem ser observados centenas de aves em antenas ou linhas elétricas.

Canto – Ave extremamente vocal, com um canto variado composto por assobios, estalidos e imitações de outras aves e sons. Os bandos emitem vocalizações constantes e barulhentas, particularmente ao amanhecer e ao final da tarde.

Curiosidades – O estorninho-preto tende a formar bandos muito compactos, com voo coordenado. O estorninho-preto está classificado como “Pouco Preocupante” pela IUCN e pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, o estorninho-preto é uma espécie relativamente fácil de encontrar, especialmente de manhã cedo, nas árvores mais altas junto aos edifícios do RAIZ e nas proximidades da plantação de folhosas, na encosta norte. Costuma aparecer em bandos ruidosos (sendo comum ouvi-lo mesmo sem o ver), pousado no topo das árvores, sendo a observação mais detalhada facilitada pelo uso de binóculos. É um nidificante comprovado neste local, com ninhos feitos em cavidades de árvores mesmo na proximidade dos edifícios. Distingue-se do estorninho-malhado (*Sturnus vulgaris*), pela ausência de pintas brancas e do melro-preto (*Turdus merula*) pelo tamanho ligeiramente inferior, corpo mais esguio, plumagem mais brilhante e comportamento mais social.



Estorninho-malhado (*Sturnus vulgaris*) pousado numa vedação; Ilustração científica; Ave demonstrando os seus dotes vocais num ramo de uma árvore; Par de estorninhos procurando alimento num relvado.

Sturnus vulgaris

Estorninho-malhado

Passeriformes

Sturnidae

Descrição – O estorninho-malhado é uma ave de pequeno a médio porte, com cerca de 19-22 cm de comprimento e uma envergadura de 31-40 cm. Apresenta uma plumagem preta, muito brilhante, com reflexos metálicos verde-púrpura, salpicada por pequenas pintas brancas, especialmente visíveis no inverno, dando-lhe o nome comum de “malhado”. Possui bico amarelo durante a época de reprodução e escuro no inverno, e patas avermelhadas. Frequenta tanto em áreas rurais como urbanas, normalmente com *habitats* mais abertos, normalmente desprovidos de floresta densa. Alimenta-se sobretudo de invertebrados, como insetos e larvas, mas também consome frutos e sementes. Possui um voo direto e rápido. Nidifica em cavidades, incluindo buracos em árvores, edifícios ou caixas-ninho, onde coloca 4 a 6 ovos azul-claros. O dimorfismo sexual é pouco evidente, embora o macho apresente um brilho mais intenso na plumagem durante a primavera, para além das diferenças no bico, semelhante ao estorninho-preto.

Distribuição natural – É uma espécie nativa da Europa e da Ásia ocidental, mas foi introduzida com sucesso em várias outras regiões do Mundo, incluindo América do Norte, Austrália, África do Sul e Nova Zelândia. Encontra-se presente em praticamente todo o território português (com especial destaque para a região de Lisboa), como invernante, quando muitas populações do Norte da Europa migram para a Península Ibérica. O estorninho-malhado é altamente gregário, formando bandos de milhares de indivíduos, fora da época de reprodução, frequentemente observados em voos sincronizados e espetaculares ao entardecer.

Canto – Possui um repertório muito variado e ruidoso, composto por chilreios, assobios, imitações de outras aves e sons mecânicos (como alarmes ou toques de telemóvel). O chamamento de alarme no ninho é um “*steeh*” prolongado. Os machos cantam com mais intensidade durante a época de reprodução, empoleirados em locais altos e visíveis.

Curiosidades – O nome do género *Sturnus* deriva do latim para “estorninho”, e o epíteto específico *vulgaris* refere-se a quão frequente é a sua observação. É uma das aves mais bem-sucedidas em termos de expansão geográfica, fruto da sua grande adaptabilidade ao Homem e às suas atividades. É considerada uma espécie invasora em alguns locais devido ao seu impacto sobre espécies nativas e culturas agrícolas. Esta ave possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, sendo que em Portugal, a população está igualmente classificada pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – O estorninho-malhado pode ser observado e ouvido na Quinta de São Francisco especialmente nos meses de outono e inverno, muitas vezes em bandos ruidosos (reconhecíveis pelo pelo canto metálico) sobrevoando ou pousados em postes, árvores ou telhados. Pode ser confundido com o estorninho-preto (*Sturnus unicolor*), mas distingue-se deste pelas pintas brancas na plumagem e pelos reflexos iridescentes mais vivos.



Toutinegra-dos-valados (*Curruca melanocephala*) num prado próximo da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave procurando alimento num metrosídero; Exemplar pousado num ramo, note-se o típico padrão preto na cabeça.

Curruca melanocephala

Toutinegra-dos-valados

Sylvia melanocephala

Passeriformes

Sylviidae

Descrição – A toutinegra-dos-valados é uma ave de pequeno porte (com cerca de 13-14 cm de comprimento e 15-18 cm de envergadura), facilmente reconhecível pelo dimorfismo sexual acentuado. O macho apresenta um barrete preto muito visível, com dorso acinzentado, garganta branca, e conspícuo anel orbital avermelhado. A fêmea tem a cabeça acinzentada, corpo acastanhado e a garganta também branca. É uma ave sobretudo insectívora, muito ativa, que se move de forma furtiva no interior de matos, silvados e arbustos densos. Durante o inverno adiciona pequenos frutos à sua dieta. Apresenta um voo curto e direto entre arbustos e próximo da vegetação, sendo a sua presença denunciada pelo canto. Nidifica em zonas arbustivas densas, onde constrói ninhos em forma de taça pouco elevada, iniciando a reprodução em março, com posturas de 3 a 5 ovos, que incuba por 12 a 13 dias.

Distribuição natural – É uma espécie típica da região Mediterrânica, Norte de África e Médio Oriente, estando em expansão em países como Espanha. Em Portugal é residente encontra-se em todo o território continental, sendo mais abundante no Sul do país. Ocorre em *habitats* variados com estrato arbustivo denso, como matagais mediterrânicos, silvados, sebes agrícolas, vegetação ripícola, olivais tradicionais, jardins e mesmo zonas urbanas com vegetação espontânea, sendo favorecida em áreas pouco intervencionadas.

Canto – É uma ave bastante sonora, com um canto facilmente identificável, composto por versos curtos algo ásperos, intercalados com notas assobiadas. Este canto é frequentemente ouvido a partir do interior da vegetação densa e constitui a principal forma de deteção da espécie. Os chamamentos são compostos por uma série de notas emitidas a um ritmo rápido, “*trr-trr-trr-trr-trr*”, e incluem trilos secos e sons metálicos repetitivos.

Curiosidades – O género *Curruca*, que significa pequena ave em latim, contém atualmente a maioria das espécies anteriormente incluídas no género *Sylvia*. O restritivo específico *melanocephala*, deriva do grego e significa “cabeça preta”, numa referência direta ao barrete escuro dos machos. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – A toutinegra-dos-valados é uma espécie pouco comum na Quinta de São Francisco, embora a sua presença seja regular, especialmente nas zonas periféricas com vegetação densa. Pode ser observada nos matos altos e nos silvados que ocorrem junto ao limite sul da Quinta, onde é provável a sua nidificação. É uma ave mais facilmente ouvida do que vista, pelo que a identificação auditiva é a forma mais frequente de deteção. Pode ser confundida com outras toutinegras, como a toutinegra-de-barrete-preto, mas distingue-se pelo barrete escuro, ser completo, estendendo-se abaixo dos olhos.



Toutinegra-de-barrete (*Sylvia atricapilla*) macho, pousado no bosque ripícola da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave (fêmea) procurando alimento num relvado; Exemplar pousado numa árvore.

Sylvia atricapilla

Toutinegra-de-barrete

Passeriformes

Sylviidae

Descrição – A toutinegra-de-barrete é um pequeno passeriforme (com cerca de 13,5-15 cm de comprimento e 23 cm de envergadura), muito comum em Portugal continental e nas ilhas. O corpo é acinzentado no dorso, com partes inferiores mais claras. Tem olhos escuros, bico fino e comportamento discreto, embora ativo. Apresenta dimorfismo sexual evidente, sendo a característica mais marcante o pequeno barrete: preto nos machos e castanho-arruivado nas fêmeas. Possui voo direto e elegante, ligeiramente ondulante. É uma espécie insectívora, que complementa a sua dieta com bagas e pequenos frutos, alimentando-se frequentemente de néctar, nomeadamente de eucaliptos, especialmente no outono e inverno. Inicia a época de reprodução em março, nidificando em arbustos ou árvores com vegetação densa, onde constrói ninhos em forma de taça, colocando normalmente entre 4 a 6 ovos.

Distribuição natural – Distribui-se por quase toda a Europa, Oeste da Ásia e Norte de África. É uma das aves mais comuns de Portugal, ocorrendo de forma generalizada em praticamente todo o território nacional. Mostra grande adaptabilidade aos ambientes humanizados e em *habitats* diversos, desde bosques sombrios, vegetação ripícola, matos, pomares, parques urbanos, jardins com vegetação arbustiva, e apresentando tanto populações residentes como migradoras.

Canto – O canto do macho é muito melodioso, ligeiramente flautado, algo melancólico e sempre muito fluido, sendo considerado um dos mais bonitos entre as aves comuns. É composto por frases variadas, com notas claras e encadeadas. O chamamento habitual é um “*tekc-teck-teck-...*” seco e áspero, usado em situações de alarme ou contacto. A vocalização é uma das principais formas de deteção da espécie, sobretudo na primavera.

Curiosidades – O nome do género *Sylvia* é uma referência em latim, à natureza florestal (*silva*) desta pequena ave e o restritivo específico *atricapilla* significa literalmente cabelo (*capillus*) preto (*ater*) numa alusão ao barrete característico do macho. Está classificada com estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” quer a nível global (Lista Vermelha da IUCN), quer nacional (Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022).

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco é uma das aves mais frequentes, com nidificação confirmada em praticamente todo o espaço. Está presente ao longo de todo o ano e pode ser facilmente observada e ouvida, especialmente na primavera. É particularmente abundante na zona de entrada da Quinta, junto ao edifício do RAIZ, bem como nos jardins e no vale, onde procura alimento entre a vegetação arbustiva. Apesar do seu comportamento algo furtivo, o canto melodioso e os chamamentos secos tornam esta espécie facilmente detetável. Pode ser confundida com outras toutinegras, como a toutinegra-dos-valados, sendo o barrete e o tipo de vocalização os melhores critérios para distinção.



Carriça (*Troglodytes troglodytes*) enquanto procura alimento numa calçada, na Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave depois de uma bem sucedida caçada; Exemplar exibindo o seu canto.

Troglodytes troglodytes

Carriça

Passeriformes

Troglodytidae

Descrição – A carriça é uma das menores aves da avifauna portuguesa, medindo apenas 9-10,5 cm de comprimento e com uma envergadura de 13-17 cm. Apresenta um corpo compacto e rechocado, cauda curta geralmente erguida, pescoço muito curto e um bico fino e pontiagudo, que denuncia a sua dieta insectívora. A plumagem é castanha, barrada de forma subtil nas partes superiores e inferiores, com uma ligeira lista superciliar clara. Vive junto ao solo, no meio de vegetação densa, arbustos ou amontoados de raízes e pedras. Possui um voo baixo, quase sempre junto ao solo e de pequena distância. Constrói um ninho esférico bem escondido, usando musgo, folhas secas e penas, onde a fêmea coloca geralmente 3 a 9 ovos. Não apresenta dimorfismo sexual evidente.

Distribuição natural – Está amplamente distribuída por toda a Europa, partes da Ásia e Norte de África. É uma espécie residente em Portugal, distribuída por quase todo o território, sendo mais escassa nas planícies abertas e áridas do Sul. Prefere *habitats* húmidos e sombrios com vegetação densa junto ao solo, como matas, florestas ripícolas, sebes, pomares antigos e jardins.

Canto – O canto é extremamente potente e trinado, composto por uma sequência de notas rápidas e variadas, “*zitrivi-si svi-svi-svi-svi-svi zivüsu zü-zü-zü-zü si-zirr-rrrrr svi-svi-svi siyu-zerrrrr sivi!*”, que surpreende pela sua intensidade. Pode ser ouvido durante quase todo o ano, com especial intensidade na primavera, quando canta escondida. Os chamamentos de alarme incluem sons secos e repetidos, como um “*zerrrr*” ou “*zeck*”. Apesar do tamanho diminuto, a carriça tem um dos cantos mais fortes entre os passeriformes europeus.

Curiosidades – O nome científico *Troglodytes troglodytes* deriva do grego e significa literalmente “habitante de cavernas”, uma alusão ao seu comportamento de se abrigar e nidificar em locais fechados como cavidades, fendas ou entre raízes. É muitas vezes ouvida antes de ser vista e pode confundir observadores menos experientes devido ao seu som potente e à plumagem que a camufla perfeitamente no ambiente, particularmente os juvenis, que dependem dela para sobreviver antes de voar. Está classificada como “Pouco Preocupante” tanto pela Lista Vermelha da IUCN como pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, a carriça é uma das espécies de passeriformes mais comuns, presente ao longo de todo o ano. A nidificação está confirmada e pode ser encontrada em praticamente todas as zonas do espaço, com especial abundância nas áreas sombrias do vale, junto à vala, e até nas zonas ajardinadas com vegetação densa. É frequentemente observada a deslocar-se junto ao solo ou entre arbustos, com a cauda erguida e movimentos rápidos e nervosos. A sua vocalização forte torna-a fácil de localizar mesmo quando escondida na vegetação. O curioso aspeto e canto desta ave tornam-na inconfundível.



Melro (*Turdus merula*) alimentando-se num relvado; Ilustração científica; Ave demonstrando a sua belíssima plumagem preta; Ninho de melro com juvenis num dos eucaliptos da Quinta de São Francisco.

Turdus merula

Melro

Passeriformes

Turdidae

Descrição – O melro é uma ave de tamanho médio (com 23,5-29 cm de comprimento e 34-38 cm de envergadura), muito comum em Portugal e pertencente à família dos turdídeos. O macho apresenta plumagem negra e bico amarelo brilhante, enquanto a fêmea tem a plumagem acastanhada com o peito mais claro e estriado. Pode ser encontrado em quase todos os *habitats* florestados, que possuam coberto arbóreo ou arbustivo. É uma espécie omnívora que se alimenta principalmente de minhocas, insetos, caracóis, que procura no solo, mas também frutos e bagas, que procura em arbustos e pomares. Desloca-se de forma muito característica, com saltos rápidos e passos curtos, frequentemente com a cauda erguida. O voo é direto e normalmente junto ao solo ou entre ramos de árvores ou arbustos. Nidifica entre março e julho, construindo o ninho a baixa altura, em arbustos, sebes ou árvores (florestais, ornamentais ou de pomares), com ervas, folhas e lama, no qual a fêmea coloca 3 a 5 ovos, de cor esverdeada. Durante a época de reprodução, é territorial e afasta outros melros da área. Machos e fêmeas são sexualmente dimórficos.

Distribuição natural – O melro está amplamente distribuído por toda a Europa, Norte de África e grande parte da Ásia, sendo uma das aves mais comuns e adaptáveis à presença humana. Foi inclusivamente introduzido na Austrália e Nova Zelândia, onde é considerado como espécie invasora. Em Portugal, é uma espécie residente, sedentária, que ocorre em todo o território continental e ilhas, desde áreas florestais a zonas urbanas, sendo frequente mesmo no centro das grandes cidades. Habita sobretudo em pomares, jardins, bosques, áreas agrícolas e matagais.

Canto – O melro macho é conhecido pelo seu canto melodioso, aveludado e algo flautado, composto por frases longas e variadas, emitidas de locais elevados como árvores ou telhados, normalmente ao raiar do dia e durante a primavera e início do verão. Os chamamentos incluem um “*chack-ack-ack-ack-...*” de alarme e um assobio agudo de aviso, por vezes repetidos 5 ou 6 vezes enquanto se afasta do perigo potencial.

Curiosidades – O nome científico *Turdus merula* deriva do latim e significa “tordo preto”. Está classificado como “Pouco Preocupante” tanto pela Lista Vermelha da IUCN, como pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, embora tenha sofrido declínios populacionais em algumas regiões europeias nas décadas de 1970 e 1980.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, o melro é uma das aves mais comuns e facilmente observáveis durante todo o ano. Pode ser visto e ouvido em todas as áreas da Quinta, especialmente nos jardins e no vale, junto da linha de água. A nidificação está confirmada neste local, tendo-se encontrado vários ninhos em casca de eucaliptos. Apesar da semelhança, distingue-se do estorninho-preto pela coloração mate, tamanho ligeiramente maior, cauda mais longa e comportamento solitário.



Tordo-pinto (*Turdus philomelos*) no alto de um ramo; Ilustração científica; Exemplar procurando alimento no solo; Ave exibindo os seus dotes vocais no topo de uma árvore, na Quinta de São Francisco.

Turdus philomelos

Tordo-pinto

Passeriformes

Turdidae

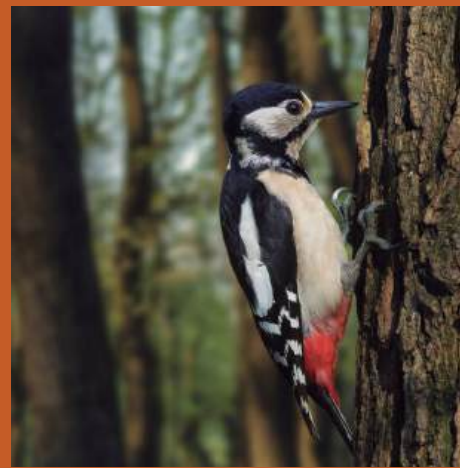
Descrição – O tordo-pinto ou tordo-músico é uma ave de pequena dimensão, mais pequena que um melro, com cerca de 20-22 cm de comprimento e 33-36 cm de envergadura, bastante compacto e com cauda curta. Apresenta as partes superiores castanhas e as partes inferiores branco-amareladas ou bege, densamente sarapintadas com pintas em forma de pontas de seta. A parte inferior das asas tem uma coloração amarelo-alaranjada visível em voo, que normalmente é direto e a baixa altitude, com exceção dos voos migratórios. Frequenta matas de folha caduca ou mistas, bosques, olivais, matas ribeirinhas e parques com vegetação densa. Alimenta-se sobretudo de invertebrados como caracóis, insetos e minhocas, bem como de azeitonas e bagas. Constrói o ninho em forma de taça coberta de musgo, com interior macio revestido de barro e madeira em decomposição, em locais muito escondidos, como árvores com heras ou sebes, onde a fêmea põe 3 a 5 ovos. Os machos são apenas ligeiramente maiores que as fêmeas.

Distribuição natural – Distribui-se por grande parte da Europa (sobretudo na parte mais ocidental e faixa mediterrânica, onde é residente) e por grande parte da Ásia Ocidental e também Norte de África onde as populações migratórias se deslocam. Como residente está sobretudo presente nas regiões do Norte e Centro de Portugal, ocorrendo em matas e bosques de folha caduca ou mista. No entanto a maior parte das populações é invernante no nosso país.

Canto – O canto do tordo-pinto é forte, melodioso e característico, emitido com frequência nas primeiras horas do dia e ao final da tarde. Consiste numa série de notas claras, trilos e assobios típicos, geralmente emitidos a partir dos ramos mais altos das árvores. O chamamento consiste num discreto “zit” fino e agudo.

Curiosidades – O restritivo específico *philomelos* deriva da lenda grega de *Philomela*, mulher que foi transformada numa ave de canto muito belo. Apesar do tamanho reduzido, o tordo-pinto é conhecido pelo seu canto intenso e pelo padrão único pintalgado das partes inferiores. Esta ave possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, mas em Portugal, a população nidificante desta espécie está classificada como “Quase Ameaçada” pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, sobretudo devido à caça excessiva e à perda de *habitat*.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, o tordo-pinto é fácil de ver e ouvir, sobretudo durante a primavera, em que o seu canto é claramente ouvido ao início ou no final do dia, nas zonas com árvores mais altas. A nidificação é considerada possível, mas nunca foi confirmada, pois a ave escolhe locais muito bem camuflados para o ninho. Pode ser confundido com a tordoveia, que nunca foi observada neste espaço, mas o tamanho menor e o padrão mais acastanhado permitem a sua identificação.



Pica-pau-malhado (*Dendrocopos major*) pousado num eucalipto centenário (*Eucalyptus botryoides*) da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Ave pousada numa árvore; Exemplar procurando alimento num tronco seco de eucalipto.

Dendrocopos major

Pica-pau-malhado

Piciformes

Picidae

Descrição – O pica-pau-malhado é uma ave de médio porte, com 23-26 cm de comprimento e 38-44 cm de envergadura, facilmente reconhecível pela plumagem preta e branca e pelo uropígio de cor vermelha intensa. Os machos apresentam coroa preta, com uma mancha vermelha na nuca, que está ausente nas fêmeas. Habita áreas florestais e agroflorestais variadas, especialmente onde existam coníferas, incluindo pinhais, montados, carvalhais ou matas ripícolas. Possui um característico voo ondulante típico dos piciformes, mas normalmente é direto e rápido entre árvores. Tem uma alimentação variada que se baseia principalmente de insetos, sementes de coníferas, e ocasionalmente de ovos e crias de outras aves. Nidifica escavando cavidades de entrada perfeitamente circulares em árvores ou postes, normalmente a grande altura do solo.

Distribuição natural – O pica-pau-malhado ocorre por toda a Europa, Norte de África e Ásia. Em Portugal é residente ao longo de todo o ano, preferindo áreas florestadas com bosques maduros e parques com árvores altas, embora utilize também postes telefónicos em áreas menos arborizadas. Evita áreas completamente desarborizadas e regiões montanhosas.

Canto – A espécie é facilmente identificada pelo seu tamborilar sonoro e ritmado nas árvores, que funciona como forma de comunicação e marcação territorial. O seu chamamento vocal é um “kick!” agudo, forte e repetitivo, audível à distância.

Curiosidades – O seu nome do género, *Dendrocopus* deriva do grego e significa atingir árvore ou madeira e o restritivo *major*, significa maior, refletindo o seu porte relativamente grande, face a outras espécies de pica-paus. O pica-pau-malhado é o mais comum dos pica-paus em Portugal e é muito apreciado pela sua plumagem marcante e pelo tamborilar característico. É sensível à presença humana, o que torna a sua observação direta mais difícil. Apresenta estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” quer a nível global, pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer a nível nacional, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, o pica-pau-malhado é comum nas zonas com árvores altas e mais velhas (frequentemente eucaliptos), sendo facilmente detetado pelo seu tamborilar na madeira e pelos chamamentos característicos. A observação direta é mais difícil devido ao seu comportamento reservado, escondendo-se frequentemente atrás dos troncos, mas mantendo a distância e com recurso a binóculos, é possível vê-lo até relativamente perto dos edifícios do RAIZ. A nidificação está confirmada neste local. Pode ser confundido com o pica-pau-galego (*Dryobates minor*), mas as maiores dimensões, a presença de uma mancha vermelha na nuca (no caso dos machos), bem com a tonalidade avermelhada do abdómen permitem a sua identificação.



Peto-real (*Picus sharpei*) procurando alimento nas árvores centenárias da Quinta de São Francisco; Ilustração científica; Exemplar exibindo as belas cores ao nível do solo; Exemplar pousado num relvado.

Picus sharpei

Peto-real

Picus viridis sharpei

Piciformes

Picidae

Descrição – O peto-real ou peto-verde é uma ave de tamanho médio, com cerca de 30-36 cm de comprimento e 45-51 cm de envergadura, com plumagem maioritariamente verde nas partes superiores e uropígio amarelado. A coroa é vermelha, com uma mascarilha preta distintiva em redor dos olhos. Habita bosques abertos de árvores de folha caduca ou mistos, montados de sobro, zonas agrícolas com pastagens e árvores, e parques e jardins. Apresenta um voo ondulante, típico dos pica-paus. Alimenta-se principalmente de formigas, que captura no solo e sob a casca das árvores, usando a língua longa e pegajosa. Nidifica, tipicamente, em buracos de árvores, onde a fêmea põe 5 a 7 ovos. Apresenta um ligeiro dimorfismo sexual, com os machos a exibirem parte do bigode vermelho, enquanto nas fêmeas é preto.

Distribuição natural – Espécie endémica da Península Ibérica, estendendo-se até parte do Sudoeste de França. Em Portugal é uma espécie residente, mais abundante no Norte do país do que no Sul. Ocorre em *habitats* florestais variados que tenham árvores altas e maduras, necessárias para nidificação e alimentação. Prefere áreas de pinhais, carvalhais, soutos, vegetação ripícola, sebes arbóreas, áreas de mato com arvoredado disperso e áreas agrícolas.

Canto – Os chamamentos do peto-real são fortes e inconfundíveis compostos por um “*krrück, krrück, krrück, ...*”, frequentemente emitido em voo. O tamborilar, utilizado para demarcar território e comunicação, é facilmente audível e ajuda a localizar a ave mesmo quando esta se encontra escondida.

Curiosidades – Inicialmente tratado como uma subespécie do pica-pau verde (*Picus viridis*), que existe pelo resto da Europa, o peto-real ganhou estatuto específico após estudos genéticos recentes terem demonstrado diferenças genéticas significativas entre as duas espécies. O nome *Picus* significa pica-pau em latim e o restritivo *sharpei* foi cunhado em honra do zoólogo inglês Richard Bowdler Sharpe, que foi o primeiro a reconhecer a especificidade e as diferenças do peto-real face aos seus congéneres europeus. É o maior dos pica-paus portugueses, no entanto é difícil de observar pela sua natureza discreta, mas o tamborilar e os seus sons característicos facilitam a sua deteção. Esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, bem como na Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, embora a sua população esteja a diminuir e haja alertas quanto às ameaças ao seu *habitat*.

Observação na QSF – Na Quinta de São Francisco, o peto-real é relativamente comum nas áreas com árvores altas e no vale, próximo da linha de água. É frequente ouvir o seu tamborilar e os seus chamamentos, especialmente em voo. A nidificação está confirmada na Quinta, que oferece *habitat* adequado para esta espécie. O seu padrão de cores único torna-o inconfundível, mesmo entre os outros piciformes.



Coruja-do-mato (*Strix aluco*) perscrutando o horizonte com a sua visão estereoscópica; Ilustração científica; Ave pousada numa árvore; Exemplar em pleno voo silencioso (*stealth*), de modo a não alertar as presas.

Strix aluco

Coruja-do-mato

Strigiformes

Strigidae

Descrição – A coruja-do-mato é uma ave de rapina noturna, de porte médio, com cerca de 37-43 cm de comprimento e 81-96 cm de envergadura. Apresenta uma plumagem geralmente castanha ou cinzenta, com padrões barrados que lhe conferem um aspeto camuflado, ideal para a vida noturna e a caça em ambientes florestais densos. Possui uma cabeça grande e arredondada, com a face a apresentar tons claros mais homogêneos, nos quais se destacam os olhos grandes e pretos, que lhe garantem uma visão aguçada no escuro. É uma espécie de voo direto com batimentos rápidos mas extremamente silenciosos. Ave carnívora, especializada na caça a pequenos mamíferos, aves, insetos e outros invertebrados, especialmente durante a noite. Nidifica em cavidades de árvores, ninhos velhos de outras aves ou estruturas humanas, onde a fêmea põe geralmente 2 a 5 ovos. As fêmeas são maiores que os machos.

Distribuição natural – Espécie residente em grande parte da Europa, Norte de África e Ásia Ocidental, adaptando-se a vários tipos de florestas, especialmente de folha caduca e mista. Em Portugal é comum em quase todo o território, desde zonas rurais até áreas semiurbanas com vegetação densa, sendo a sua presença maior no Norte e Centro.

Canto – O seu canto característico é um “*huuuuuuh.....hu, hu, hu, hu, huuuuuuh*” profundo e repetitivo, usado para marcar território e comunicação entre pares, que pode ser ouvido com maior frequência ao anoitecer e durante a noite.

Curiosidades – O nome do género *Strix* tem origem no grego, significando “coruja” e *aluco*, deriva do latim *ulucus*, que era o nome dado às corujas-do-mato pelos Romanos. A coruja-do-mato possui adaptações especiais, como penas macias que tornam o seu voo quase silencioso (verdadeiramente *stealth*), que a tornam uma caçadora noturna exímia, com um papel essencial no controlo das populações de roedores. Quando as presas se apercebem, já é tarde demais para conseguirem escapar. Esta ave também tem por hábito defender agressivamente os seus ninhos, atacando com as suas garras a cabeça de animais de maior porte, como gatos, cães e até seres humanos. De acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, a nível global esta espécie possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”. Este estatuto é também partilhado em Portugal, pela Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022, onde a espécie mantém populações estáveis.

Observação na QSF – A coruja-do-mato é uma espécie de hábitos discretos, tornando a sua observação direta relativamente rara. Por isso, na Quinta de São Francisco, mais do que observada, esta ave pode ser sobretudo ouvida, durante a noite ou crepúsculo, quando se ouvem os seus cantos típicos. Embora não exista confirmação, é muito provável que esta ave nidifique nas muitas cavidades naturais existentes nas árvores mais velhas da Quinta. O seu canto inconfundível e o padrão de plumagem distinto de qualquer outra ave da Quinta, permitem uma fácil identificação para os observadores atentos.



Coruja-das-torres (*Tyto alba*) em voo, depois de uma bem sucedida caçada; Ilustração científica; Ave pousado numa árvore perscrutando o horizonte; Exemplar em pleno voo noturno.

Tyto alba

Coruja-das-torres

Strigiformes

Tytonidae

Descrição – A coruja-das-torres é uma ave de rapina noturna, de médio porte (com 33-39 cm de comprimento e 80-95 cm de envergadura), facilmente reconhecida pela sua forma esguia e pela plumagem muito clara. Apresenta uma coloração predominantemente branca ou creme nas partes inferiores e uma coloração castanho-alaranjada nas superiores, com finas manchas escuras. A face em forma de coração, completamente branca, é uma das suas características mais marcantes. Voa normalmente a muito baixa altitude em *habitats* abertos, apresentando um voo ativo e planado absolutamente silenciosos e adaptados à caça noturna. Alimenta-se principalmente de pequenos mamíferos, como ratos e musaranhos, mas também de pequenos pássaros, répteis, anfíbios, peixes e insetos. Nidifica frequentemente em construções humanas abandonadas e ocasionalmente em cavidades de árvores ou falésias, onde a fêmea põe 4 a 7 ovos. As fêmeas são maiores e apresentam uma coloração um pouco mais escura e barrada.

Distribuição natural – Com uma das distribuições mais amplas entre as aves, a coruja-das-torres ocorre em quase todos os continentes, com exceção das regiões desérticas, circumpolares ou ainda grandes formações montanhosas. Em Portugal é uma espécie residente, comum em quase todo o território continental, mas com maior presença nas zonas agrícolas do interior Sul. Habita áreas abertas ou semiabertas, incluindo campos agrícolas, pastagens e montados, e utiliza estruturas humanas (ruínas, torres e chaminés) para repouso e nidificação.

Canto – O chamamento é um som estridente e áspero, semelhante a um grito ou guincho longo (“*shrrreeee*”), frequentemente repetido, que pode ser ouvido principalmente durante a noite.

Curiosidades – O nome do género *Tyto* provém do grego *tutō*, que significa “coruja”, e *alba*, tem origem no latim e significa “branca”, numa clara referência à face e plumagem pálida desta ave. Esta espécie é também conhecida como “coruja-branca”, pela sua cor ou “coruja-das-igrejas” devido à sua preferência por edifícios antigos. É uma ave noturna com sentidos extremamente desenvolvidos, especialmente a audição, permitindo-lhe localizar presas no escuro absoluto. Apesar de comum, esta ave é vulnerável devido à perda de *habitat*, uso de pesticidas e à colisão com veículos, nas estradas. O seu estatuto de conservação é “Pouco Preocupante”, segundo a Lista Vermelha da IUCN, mas a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental (2022) considera-a como “Quase Ameaçada”.

Observação na QSF – A coruja-das-torres é uma presença pontual, mas confirmada, na Quinta de São Francisco. Pode ser escutada durante a noite nas zonas periféricas, especialmente junto a edifícios antigos ou nas áreas abertas na proximidade dos campos agrícolas. É provável que nidifique na Quinta, aproveitando cavidades nas árvores ou em construções abandonadas nas imediações. A sua vocalização aguda e a silhueta branca em voo tornam esta espécie inconfundível, mesmo quando não é observada diretamente.



Corvo-marinho-de-faces-brancas (*Phalacrocorax carbo*) pousado na beira do rio; Ilustração científica; Conjunto de corvos-marinhos aguardando a próxima pescaria; Exemplar secando as suas asas ao sol.

Phalacrocorax carbo

Corvo-marinho-de-faces-brancas

Suliformes

Phalacrocoracidae

Descrição – O corvo-marinho-de-faces-brancas é uma ave aquática de grande porte (com 77–94 cm de comprimento e 121–149 cm de envergadura), de aspeto escuro e inconfundível quando em voo ou empoleirado com as longas asas abertas a secar. Possui plumagem negra com reflexos metálicos esverdeados ou azulados, sendo que durante a época de reprodução apresenta uma mancha branca nas faces e algumas penas brancas nos flancos. Tem um bico amarelo, longo e forte, ligeiramente curvado na ponta, adaptado à captura de peixe. Possui voo rápido e energético, algo semelhante a um pato grande. É uma espécie piscívora, alimentando-se de peixes, que captura em rios, lagos, estuários e zonas costeiras. Nidifica em colónias por vezes com centenas de indivíduos, geralmente em árvores próximas da água ou em falésias, construindo ninhos com pequenos ramos, onde a fêmea põe entre 1 a 7 ovos. Machos e fêmeas apresentam plumagem semelhante, embora os machos sejam ligeiramente maiores.

Distribuição natural – Espécie amplamente distribuída, ocorrendo em toda a Europa, Ásia, África, Australásia e América do Norte. Em Portugal é uma espécie que pode ser mais observada durante o outono e inverno, sendo frequente ao longo de todo o território nacional, sobretudo nas zonas húmidas interiores, como lagoas, rias, barragens, estuários, rios largos e zonas costeiras rochosas ou arenosas. A população nacional não reprodutora é reforçada no inverno por indivíduos provenientes do Norte e Centro da Europa.

Canto – É geralmente silencioso, exceto durante a época de nidificação, quando emite sons guturais, graves e roucos, emitidos sobretudo em contexto social, nos dormitórios ou colónias de reprodução.

Curiosidades – O nome do género *Phalacrocorax* tem origem no grego antigo e significa literalmente “corvo careca”, numa referência ao seu aspeto escuro, semelhante aos corvos e pescoço muitas vezes despido de penas quando jovem. Já o restritivo *carbo*, é a palavra latina para “carvão”, aludindo mais uma vez à sua plumagem negra brilhante. É uma ave habitualmente impopular entre pescadores ou em áreas com piscicultura por competir com estas atividades humanas. No entanto, em certos locais na Ásia, existe uma técnica de pesca ancestral que utiliza corvos-marinhos treinados para capturar peixe. Possui estatuto de conservação de “Pouco Preocupante”, quer a nível global, segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN, quer em Portugal, de acordo com a Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022.

Observação na QSF – O corvo-marinho-de-faces-brancas apenas pode ser observado ocasionalmente na Quinta de São Francisco, quando cruza o céu, por vezes em bandos numerosos. A proximidade da Quinta a diversas zonas húmidas, como o rio Vouga, Ria de Aveiro e diversas pateiras das redondezas permitem observar esta ave nas suas deslocações entre os locais de alimentação e dormitórios. A cor, silhueta e comportamento, tornam-no inconfundível.



Foto de um dos bancos antigos, onde Jaime de Magalhães Lima lia, escrevia e meditava, no meio do arboreto.

Bibliografia

1. **Cabral M. J. (coord.), Almeida J., Almeida P. R., Dellinger T., Almeida N. F., Oliveira M. E., Palmeirim J. M., Queiroz A. I., Rogado L., Santos-Reis M. (eds)** (2006). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. 2ª Edição. Instituto da Conservação da Natureza. Assírio e Alvim. Lisboa. 660 pp.
2. **Catry P., Campos, A. R. (2010)**. *Guia das aves comuns de Portugal*. 4ª Edição, SPEA, Lisboa. 47pp.
3. **Ezequiel J. (2021)** *Aves comuns da Quinta de S. Francisco – Guia de campo*. Floresta do Saber, RAIZ- Instituto de Investigação da Floresta e do Papel.
4. **Falcão D., Luís A. (2013)**. *Guia das Aves das Dunas de S. Jacinto*. Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Edições Afrontamento. Porto 72pp.
5. **Goes E. (1976)** *Arboreto de Eucaliptos na Quinta de S. Francisco*. Portucel. Eixo. Aveiro
6. **Lima, J. M. (1920)**. *Eucaliptos e Acácias: Vinte annos de experiencias*. 1ª Ed. Publicação do quinzenário agrícola “O Lavrador” nº 36 de ‘O Comércio do Porto’, Porto.
7. **Lima J. M. (1930)** *Eucaliptos e Acácias: Vinte anos de experiência e mais dez anos após esses*. 2ª Ed. Publicação do quinzenário agrícola “O Lavrador” nº 32 de ‘O Comércio do Porto’, Porto.
8. **Matos, M., Luís, A. (2006)**. *Aves da Quinta de São Francisco*. RAIZ - Instituto de Investigação da Floresta e do Papel. Quinta de São Francisco, Eixo, Aveiro. 112pp.
9. **Mullarney K., Svensson L., Zetterström D. e Grant P. J. (2003)**. *Guia de Aves. O Guia de Campo mais completo das Aves de Portugal e Europa*. Assírio e Alvim. Lisboa. 400 pp.
10. **Torrão S. (2007)**. *Os eucaliptos e as aves da Quinta de São Francisco*. Editado pelo Grupo Portucel Soporcel.
11. **Vilar P. (2003)**. *As Metamorfozes da Casa e da Quinta de S. Francisco (ou de Vale de Soão) e o pensamento de Jaime Magalhães Lima*. Vila Real.

Referências online

12. **Andorin – Conservação de Andorinhas e Andorinhões em Portugal** (2024).
<https://www.andorin.pt/>
13. **Aves de Portugal - O Portal dos Observadores de Aves** (2024).
<http://www.avesdeportugal.info/>
14. **III Atlas das Aves Nidificantes de Portugal** (2024).
<https://www.listavermelhadasaves.pt/atlas/>
15. **BioDiversity4all** (2024). Associação Biodiversidade Para Todos.
<https://www.biodiversity4all.org/>
16. **Biodiversidade a Seus Pés** (2024). Projeto “Biodiversidade a Seus Pés”- nº 0400212.
<https://almargem.org/biodiv/>

17. **Bird Database** (2025). <https://www.birddatabase.com/>
18. **BirdID's Bird Guide** (2024). <https://quiz.natureid.no/bird/eBook.php>
19. **Birds of the World** (2025). <https://birdsoftheworld.org/bow/home>
20. **CERVAS** (2024). CERVAS - Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens.
<https://cervas-aldeia.blogspot.com/>
21. **Guía de identificación de aves de Aragón y España** (2025).
http://blascozumeta.com/?page_id=339&lang=en
22. **ICNF** (2024). Fichas de caracterização das espécies no Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.
<https://www.icnf.pt/conservacao/especies/aves/avesnolivrovermelho>
23. **IUCN** (2024). The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2021-3.
<https://www.iucnredlist.org/>
24. **Lista Vermelha das Aves de Portugal Continental 2022** (2024).
<https://www.listavermelhadasaves.pt/lista-vermelha/>
25. **Museu Virtual da Biodiversidade** (2024). Universidade de Évora.
<https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/>
26. **Myers, P., Espinosa R., Parr C.S., Jones T., Hammond G. S. e Dewey T. A.** (2024). The Animal Diversity Web (online).
Accessed at
<https://animaldiversity.org>.
27. **Naturdata** (2024). Naturdata - Biodiversidade Online.
<https://naturdata.com/>
28. **Oiseaux.net** (2024).
<https://www.oiseaux.net/>
29. **PPSM** (2024). PPSM - Paisagem protegida da Serra de Montejunto.
<https://montejunto.pt/>
30. **Royal Society for the Protection of Birds** (2025).
<https://www.rspb.org.uk/birds-and-wildlife>
31. **Xeno-Canto - Sharing wildlife sounds from around the world** (2024). Online database.
www.xeno-canto.org



RAIZ

 **FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**


Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Membro da
Rede de
Associações e
Clubes para a
UNESCO


THE
NAVIGATOR
COMPANY